

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

Susy dos Santos Pereira

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO E
VIOLÊNCIA: contributos do OBEDUC - Paranaíba / MS**

Paranaíba – MS
2016

Susy dos Santos Pereira

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO E
VIOLÊNCIA: contributos do OBEDUC - Paranaíba / MS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação, Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo França.

Paranaíba – MS
2016

P495p Pereira, Susy dos Santos

A produção científica da linha de pesquisa Educação e Violência: contributos do OBEDUC – Paranaíba / MS/ Susy dos Santos Pereira. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2016.

100f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo França.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Produção científica. 2. Observatório de violências nas escolas. 3. Cientometria. I. Pereira, Susy dos Santos. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Mestrado em Educação. III. Título.

CDD – 370.19

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

SUSY DOS SANTOS PEREIRA

**A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA LINHA DE PESQUISA EDUCAÇÃO E
VIOLÊNCIA: contributos do OBEDUC – Paranaíba/MS**

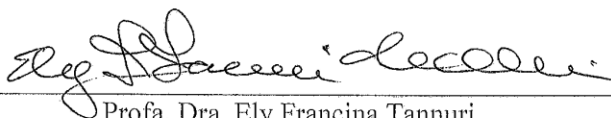
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação. Área de concentração: Educação, Linguagem e Sociedade.

Aprovada em 28 de julho de 2016

BANCA EXAMINADORA



Profa. Prof. Dr. Carlos Eduardo França
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)



Profa. Dra. Ely Francina Tannuri
Universidade Estadual Paulista/Marília (UNESP)



Prof. Dr. Elson Luiz Araújo
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Aos meus pais, sem os quais esta etapa seria mais árdua, dedico todo meu reconhecimento pela confiança, carinho, educação e toda a minha trajetória acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente com minha pesquisa, por ter sido um percurso repleto de obstáculos, porém altamente satisfatório.

A Deus, por ser tão perfeito e ter me dado forças para continuar os meus propósitos.

A minha família, pai e mãe, aos meus irmãos Leandro e Leoni, e as minhas cunhadas Alessandra e Jéssica, por tecerem palavras de incentivo a todo o momento. Aos meus primos Elisandra, Eliane, Adriano, Juliano, Flávio, Marcos Alexandre, Elaine, Gisele, Flávia, Emilaine, Fabiana, Daniela, Cristina, Larissa, Bruno, Daisy, Denise, Elieser e Anderson.

Aos amigos Fabiana, Luciana, Thais, Jack, Marley, Ismael, Rafael Zulu, Maicon, Anderson, Wendel, Ana Camila, e Fernanda.

Aos colegas de trabalho Sandra, Junior Tomaz, Rosimar, Claudia, Alenir, Elton, Renato, Manoel e Ivanilda.

Aos colegas do Programa de Mestrado em Educação que tive o prazer de conhecer, Jimmy, Laise, Lívia, Kamila, Karen, Thais, Julia, Mônica, Eduardo, Valdirene, Suely, Wansley e Gisele.

Aos professores do Programa que contribuíram com seus ensinamentos e conhecimento, Ademilson Batista Paes, Diogo da Silva Roiz, Doracina Aparecida de Castro Araujo, Estela Natalina Mantovani Bertolotti, Fabrício Antonio Deffacci, José Antonio de Souza, Leia Teixeira Lacerda, Lucélia Tavares Guimarães, Maria Helena Moreira Bimbatti, Maria Silvia Rosa Santana, Milka Helena Carrilho Slavez, Renata Lourenço, Silvane Aparecida de Freitas e Tânia Regina Zimmerman.

Aos membros do Observatório da Educação (OBEDUC) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Agradeço ao professor Elson Luis de Araujo membro da Banca Examinadora pela colaboração e incentivo na pesquisa.

Agradeço ao meu orientador Carlos Eduardo França pela amizade e ricas contribuições e direcionamentos para o devido andamento da pesquisa.

Agradecimento especial às professoras Ely Francina Tannuri de Oliveira e Maria Claudia Grácio Cabrini pelo carinho e pela oportunidade de participar da disciplina a qual me permitiu o privilégio de conhecer e aprender as primeiras balizas da Cientometria.

À Capes, pela concessão de bolsa durante todo período deste mestrado.

O mundo do cientista é tão qualitativamente transformado como quantitativamente enriquecido pelas novidades fundamentais de fatos ou teorias. (Thomas Kuhn).

RESUMO

A presente pesquisa objetivou analisar a produção científica para além da concepção do debate que envolve o produtivismo acadêmico evidenciando elementos simbólicos que permeiam o campo científico, em que se presenciam relações peculiares e propriedades relativas à sua autonomia diante de fatores macrossociais. Para isso, buscou-se refletir sobre a configuração, o perfil e a produção científica do grupo de Pesquisa do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS, por meio da análise crítica de Bourdieu, no que diz respeito às relações objetivas do campo científico, verificando qual o discurso científico, a identidade científica do grupo e quais elos se estabelecem entre as produções dos pesquisadores e os autores mais citados da área, bem como a forma como produção desse grupo se relaciona a outras Instituições de Ensino Superior. A referência a um grupo de pesquisa estruturado remete à possibilidade de integralização e compartilhamento de ideias; entretanto, acredita-se que a sua própria propositura na Ciência é uma estratégia de conservação (para a permanência dos pesquisadores no mundo científico), por meio da qual são presenciadas relações de poderes invisíveis, isto é, há uma forma velada de “um saber não sabido”. Para alcançar os objetivos, a investigação se pautou em examinar o *Curriculum Lattes* dos pesquisadores e mapear as produções científicas no âmbito do Observatório da Educação e Violência Escolar, interligando os dados quantitativos aos de cunho qualitativo, conforme aponta os estudos da Sociologia da Ciência, mais precisamente sob as investigações realizadas por Pierre Bourdieu (1998, 2002, 2004, 2008, 2012a, 2012b, 2013) destacando-se a abordagem de elementos-chaves: campo, capital e *habitus* científico. Como procedimento metodológico, a pesquisa apropriou-se da cientometria, com o uso dos indicadores de análise de citação, de cocitação e de coocorrências. Estendendo-se, assim, a apreciação para as relações objetivas dos pesquisadores, com a percepção do uso de estratégias como meio de conservação no mundo científico. Constatou-se que as tensões internas - existentes no mundo acadêmico - são relativamente independentes das implicações externas ao campo, ou seja, os quesitos sobre as produções não são as únicas impulsões que elevam o alto índice das produções científicas. Existem outras relações, próprias do campo, que corroboram isso - como a busca pelo capital científico. Nesse sentido, foram observadas as relações dos poderes puros e institucionais e o uso dos movimentos intelectuais dos pesquisadores como instrumento de autorregulagem para a manutenção no campo científico.

Palavras-chave: Produção científica. Sociologia da ciência. Observatório da Violência nas escolas. Cientometria.

ABSTRACT

This research aimed to analyze the scientific production beyond the conception of debate surrounding the academic productivism showing symbolic elements that pervade the scientific field, in which witness peculiar relations and properties related to their autonomy of macro-social factors. For this, it sought to reflect on the configuration, the profile and scientific production of Violence Observatory Research Group in Paranaíba School / MS, through critical analysis of Bourdieu, regarding to the objective relations of the scientific field by checking which scientific discourse, scientific identity of the group and which links are established between the productions of the researchers and the most cited authors in the field, as well as how production of this group relates to other higher education institutions. The reference of structured research group soon we refer to the possibility of payment and shares ideas; however, it believes that his own bringing in Science is a conservation strategy (for the survival of researchers in the scientific world), where the invisible powers relationships are witnessed, that is, a veiled and apparent form of "a knowledge not known". To reach the goals purpose in this research, it was based on examining the Lattes Curriculum researchers and map the scientific production within the Observatory of School Violence Education, providing tools linking quantitatives data with qualitative nature according to the associations identified in the Sociology of Science studies especially in the investigations carried out by Pierre Bourdieu (1998, 2002, 2004, 2008, 2012a, 2012b, 2013), which approach key elements: field, capital and scientific habitus. As methodological procedure, the research is appropriated of scientometric, using of citation analysis indicators, cocitation and co-occurrences. Extending thus the appreciation for the objective relations of the researchers, with the perception of the use of strategies such as conservation means in the scientific world. There are other own relations field that support for this, as the search for scientific capital. In this sense, there were observed the relationship between pure and institutional powers and the using of intellectual movements of the researchers as auto-tuning tool for maintenance in the scientific field.

Key-words: Scientific words. Sociology of Science. Observatory Violence at Schools. Scientometric.

LISTA DE TABELAS, LISTA DE TABELAS, GRÁFICO E QUADRO

Tabela 1 - Frequência dos Termos nos Periódicos Utilizados.....	26
Tabela 2 - Lista de Produções Científicas dos Pesquisadores do Ensino Superior no Âmbito do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS	68
Tabela 3 - Lista de Participações Técnicas dos Professores de Ensino Superior Participantes do Observatório da Educação e Violência Escolar.....	69
Tabela 4 – Autores Mais Citados nas Produções do Projeto de Pesquisa no Âmbito do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS	71
Tabela 5 - Matriz Teórica Dominante	72
Tabela 6 - Rede de Cocitação	73
Tabela 7 - Frequência dos Termos Mais Utilizados nas Produções	75
Gráfico 1 - Matriz de Coocorrências de Palavras	78
Quadro 1 - Vínculo Institucional dos Autores Citados	79

LISTA DE SIGLAS

Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
FIPAR	Faculdades Integradas de Paranaíba
GEPENAF	Grupo de Estudo e Pesquisa em Narrativas Formativas
GEPHEB	Grupo de Pesquisa História e Historiografia da Educação Brasileira
GEPPE	Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educacional
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IES	Instituições de Educação Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
OBEDUC	Observatório da Educação
PPGEDU	Programa de Pós-Graduação em Educação
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
SECADI	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
UEMS	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UNIESP	União das Instituições Educacionais do Estado de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE UM OBJETO DE PESQUISA: ENFOQUE SOBRE O SUBCAMPO CIENTÍFICO VIOLÊNCIA ESCOLAR	18
1.1 A Violência Escolar Como Objeto de Investigação	23
2 A CIÊNCIA E A NATUREZA DE SUA PRÁTICA NA UNIVERSIDADE	30
2.1 A Influência Externa da Política Científica Perante a Produção do Conhecimento	35
2.2 O Sistema de Recompensas Mertoniano Ainda Presente no Meio Científico	36
2.3 O Campo e Capital Científico Sob o Olhar Reflexivo de Pierre Bourdieu	39
2.3.1 Estratégias Próprias do Campo.....	40
2.3.2 Capital Científico.....	44
3 O USO DOS INDICADORES BIBLIOMÉTRICOS PELA CIENTOMETRIA NAS COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS	46
3.1 O Discurso Científico na Comunicação Científica	50
3.2 A Comunicação Científica	54
3.3 A Configuração do Perfil dos Pesquisadores	56
3.3.1 O Perfil dos Pesquisadores Considerados Dominantes	58
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E PERCURSO DA PESQUISA	64
4.1 Produções Científicas do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS	66
4.2 Análise da Produtividade e a Posição Estratégica dos Pesquisadores do Campo Científico	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS	89
APÊNDICE - Produções dos Membros Pertencentes ao Projeto de pesquisa do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS	97

INTRODUÇÃO

A lógica da pesquisa é uma engrenagem de dificuldades maiores ou menores que condenam a pessoa a se indagar, a cada momento, sobre o que se fez e permitem saber cada vez mais o que se procura fornecendo começos de resposta que levam a novas questões, mais fundamentais e mais explícitas. (BOURDIEU, 2013).

O interesse pela pesquisa nasceu diante da experiência despendida na editoração da revista *Interfaces da educação*, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba. O trabalho na gestão editorial levou-me a observar as exigências e as cobranças em publicações, o denominado “produtivismo acadêmico”, exigido pelo sistema de avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) perante os pesquisadores pertencentes a Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* no país; o que estimulou reflexões sobre o tipo de categorias de trabalhos veiculados no meio científico, fundamentados nos critérios *qualis* das produções científicas.

A atuação na editoração da revista permitiu observar os critérios de qualidade dos indexadores que movimentam um dos canais de comunicação mais importantes na área acadêmica – os periódicos científicos –, como o índice de número de citações que um artigo recebe, exposto como uma métrica fundamental. Entretanto, é relevante enfatizar que essa variável não é o único fator impactante avaliado em uma publicação, pelo fato de existirem outras métricas.

Destaco que a propositura do projeto inicial tendia a avaliar o produtivismo acadêmico, devido às contundentes cobranças das agências de fomento e pesquisa que centram suas pesquisas em torno da competitividade global.

Em 2014, ao participar do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba/MS, que é um centro de estudos multidisciplinar vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educacional (GEPPE), o objeto da pesquisa se delimitou, e foi mais bem lapidado com as contribuições da Sociologia da Ciência. Deste modo, a pesquisa priorizou como objeto específico que norteou todas as análises o estudo do processo de constituição do Observatório enquanto campo de produção científica que investiga a temática violência escolar.

Para Bourdieu (2008), uma boa análise métrica não se restringe a analisar os dados quantitativos *citation index*¹ que usufruem dos dados da Cientometria, por exemplo, a fim de sustentar as necessidades condutoras das políticas científicas. De acordo com o autor, para que haja uma análise efetiva deve-se construir indicadores úteis que sejam capazes de analisar os índices científicos dentro do “plano sociológico” de maneira qualitativa.

A partir dessa percepção e de novas reflexões propiciadas pelo grupo de pesquisa, em 2015 produzi dois capítulos de livros intitulados: **Violência na escola: uma análise sobre a produção científica do fenômeno *bullying* em dissertações brasileiras no período de 2009-2013** e, posteriormente, **O grupo de pesquisa do Observatório de Violência Escolar (OBEDUC): primeiras balizas de análise sobre as produções científicas**.

No meu percurso acadêmico também busquei participar de eventos científicos que fortalecessem meu conhecimento e contribuíssem para o andamento da pesquisa; nesse prisma participei do X EIDE – Encontro Ibero-Americano de Educação, promovido pela Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” de Araraquara em 2015, como artigo intitulado **Incursões preliminares sobre a produção acadêmica e as relações próprias do campo científico**. Ainda no mesmo ano, participei do XI Simpósio Científico-Cultural (SCIENCULT), com o tema “A produção do consenso e a cultura da violência”, onde apresentei o artigo **Reflexões sobre o currículo escolar e a violência simbólica**.

Essas novas contribuições permitiram relacionar a análise da produção científica à teoria do campo de Bourdieu, a fim de examinar não somente as influências externas do campo (econômica, política e social), mas avançar, com estudos acerca da relativa autonomia do Campo Científico na Universidade, abarcando as relações objetivas do grupo de estudo aos campos externos, de modo a evidenciar as posições micro e macro social.

Destaca-se que a inserção do Observatório da Violência nas Escolas na Universidade se justificou pelo distanciamento existente entre o Ensino Superior e a Rede de Educação Básica, e é este um dos propósitos deste projeto de pesquisa, promover a integração entre a Universidade e a Educação Básica, num trabalho que busque o compartilhamento de todos, no qual os sujeitos envolvidos percebam a realidade circundante e consigam, a partir daí, estabelecer conexões e construir uma consciência coletiva crítica e reflexiva.

Acentua-se que a própria criação do Projeto de Pesquisa “Observatório da Violência nas Escolas: cotidiano escolar entre saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência nas escolas de Ensino Fundamental e Médio” tem a

¹ Índice de citação que permite medir as citações de documentos.

pretensão de proporcionar articulações com a Pós-Graduação, e conseqüentemente incentivar a produção do conhecimento dos atores envolvidos no projeto.

Tiffin e Rajasingham (2007) salientam que participar de um grupo de pesquisa significa fazer parte da tradição que se configura com a publicação regular de trabalhos científicos nas universidades.

Dentro desse contexto propício a prática científica, a pesquisa analisou como os campos das produções do Observatório da Violência nas escolas criam relações com outros campos científicos, onde o desenvolvimento da ciência é indissociável dos Programas de Mestrado e Doutorado e assim expande-se um diálogo com a universidade. Desse modo, o enfoque de nossa investigação em sua primeira vertente buscou verificar qual o perfil de pesquisa construído com a influência do projeto de pesquisa do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS.

Com essa expectativa, numa segunda vertente, este trabalho objetivou medir a produção científica desse grupo de pesquisa, uma vez que é interessante investigar como se relacionam os pesquisadores e como a comunicação científica é permeada, assim como identificar a proximidade paradigmática dos sujeitos pesquisadores.

Visto considerar que trabalhar em parceria seria uma estratégia para negociar o conhecimento. Nesta direção, a pesquisa apresenta como objetivos específicos verificar qual é o discurso institucional para a produção do conhecimento por meio da constituição do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba/MS; identificar qual o grau de fortalecimento dos estudos no âmbito do Projeto de Pesquisa do Observatório da Educação e Violência Escolar, e quais as ligações que o grupo tem em suas produções com os autores mais citados na área, e de que forma essa produção científica se relaciona com outras Instituições de Ensino Superior (IES).

Esses objetivos são pertinentes por conta que nesse ambiente de pesquisa social, nota-se a presença de trabalhos coletivizados, pois “[...] para bem compreendermos a natureza da Ciência precisamos observar a maneira como os cientistas se comportam uns com os outros, como se organizam e como transmitem as informações entre si” (ZIMAN, 1979, p. 25). Nesse viés, acredita-se que ao participar de um grupo de pesquisa os sujeitos se apoderam de conexões sociais com pesquisadores da área e outros campos institucionais os quais estão em evidência.

Estima-se que a proximidade é sentida no compartilhamento de ideias, no qual os membros compartilham as mesmas influências teóricas, dentro de uma matriz metodológica, pois um grupo de pesquisa se estrutura aparentemente em função dos interesses e das

ambições dos pesquisadores que se comprometem a obter forças, recursos humanos e materiais para consecução e viabilidade da pesquisa.

Nessa perspectiva, este trabalho diagnosticou quais categorias de enfoque se formaram com o projeto de pesquisa; qual linha teórica de investigação emergiu mediante os discursos científicos produzidos pelo grupo de pesquisadores, no qual foram presenciadas estratégias para a sua continuidade naquele ambiente científico.

A propósito das relações objetivas dentro de um grupo de pesquisa, cumpre enfatizar que Bourdieu (2002, 2004, 2012b, 2013) não tratou as práticas sociais ali realizadas como campo científico, por considerar a ausência de disputas internas e lutas por posições e a presença maciça de cooperação.

Entretanto, esta investigação pretende refletir esse dissenso, ou melhor, discordar da teoria do campo de Bourdieu (2008), por considerar que em um grupo de pesquisa há sim relações implícitas as quais ensejam disputas e lutas por posições dentro da hierarquia institucional, conforme nos ensinam Santos e Azevedo (2010), quando apontam que

[...] as estratégias utilizadas pelos agentes poderiam se constituir não apenas a partir de ações de concorrência e competição, mas também de ações de cooperação com vistas ao alcance de metas coletivas, e, talvez em algum grupo, essas iriam até se sobrepor àquelas. Tal prática, por sua vez, caracterizaria a existência de novas práticas e novas significações que, no limite, poderiam levar a questionamentos sobre a teoria dos campos de Bourdieu, na medida em que ele não considera as práticas de cooperação.

Pode-se depreender então que a competição no âmbito do Observatório da Violência nas escolas não possui um *status* oficializado; todavia, considera-se que a participação de um componente no projeto de pesquisa pode significar lutas, mesmo inconscientes, para a preservação e a manutenção naquele ambiente, como, por exemplo, o uso das afinidades teóricas do pesquisador dominante, o qual imprime novos comportamentos nos pesquisadores, uma vez que tais disposições podem evidenciar deslocamentos de temas em busca de boas colocações no campo científico. (SANTOS; AZEVEDO, 2010).

Diante dessas constatações, esta pesquisa buscou detectar tipos de relacionamentos que constatem essas predisposições. Essa apreciação é de suma importância para a ciência, pois proporcionará a medição de características como o núcleo social das produções e o *habitus* dos pesquisadores, o que conseqüentemente fortalecerá a linha de pesquisa Currículo,

Formação Docente e Diversidade,² vinculada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Logo, examinar a comunicação científica do grupo se configura como um fator relevante para a sociedade, pois toda atividade social é objeto suscetível de avaliações, e se constitui uma das bases da construção do raciocínio crítico e reflexivo, como apregoa Meadows (1999, p. VII):

A comunicação situa-se no próprio coração da ciência. É para ela tão vital quanto a própria pesquisa, pois esta não cabe reivindicar com legitimidade este nome enquanto não houver sido analisada e aceita pelos pares. Isso exige, necessariamente, que seja comunicada. Ademais, o apoio às atividades científicas é dispendioso, e os recursos financeiros que lhes são alocados serão desperdiçados a menos que os resultados das pesquisas sejam mostrados aos públicos pertinentes. Qualquer que seja o ângulo pelo qual a examinemos, a comunicação eficiente e eficaz constitui parte essencial do processo de investigação científica.

Para alcançar o que se objetiva, a investigação seguiu alguns passos para a aplicabilidade da pesquisa: o detalhamento do grupo de pesquisa GEPPE e as linhas de pesquisa, com destaque aos três eixos temáticos.

Em seguida, por meio de uma análise preliminar da plataforma *Lattes*, procedeu-se ao levantamento do perfil dos pesquisadores e suas respectivas áreas de atuação, além de observar como se estabelecem as tendências para determinadas disciplinas e por consequência as produções científicas.

Para a composição de ações procurou-se identificar os núcleos e canais de comunicação que referenciam as produções relacionadas com a temática abordada.

Em segunda análise da plataforma *Lattes* foi realizado o mapeamento das produções técnicas e científicas que permitiram detectar o capital científico e institucional dos pesquisadores.

A partir das informações aglutinadas foi possível construir, por meio dos discursos impressos da ciência, a configuração do comportamento social dos pesquisadores pertencentes ao projeto de pesquisa no âmbito do Observatório da Violência nas escolas.

²Essa linha de pesquisa articula estudos e pesquisas no campo do currículo, da formação docente e da diversidade com discussões sobre teorias e práticas educacionais em diferentes áreas do conhecimento e diferentes espaços educativos. A pesquisa, o ensino e a extensão se entrelaçam em trabalhos de diferentes temáticas voltados para os aspectos cognitivos, psicológicos, políticos, sociais, culturais e históricos da educação; a formação docente inicial e continuada na Educação Básica e no Ensino Superior em diferentes áreas do conhecimento; o currículo; as questões sobre diversidade e inclusão de gênero, raça, etnia e educação especial em espaços escolares e não escolares; as violências que afetam o processo de ensino e aprendizagem: **violência escolar, doméstica, questões ligadas à disciplina, indisciplina, cultura e poder na escola; educação prisional e violência**, entre outros temas. Os estudos e as pesquisas dessa linha são norteados por diferentes abordagens e métodos, em que os pesquisadores mantêm diálogo constante, por meio dos grupos de estudos e pesquisas, das produções intelectuais, dos projetos e da docência (UEMS, 2015, grifos nossos).

Para sua materialização, levantou-se primeiramente o Estado do Conhecimento da área, com a realização de análise das correntes teóricas existentes, cujos destaques foram a Violência Escolar, a Sociologia da Ciência, a Cientometria, as Categorias Bourdiesianas e a introdução de balizas teóricas estruturais para compreensão e análise dos conceitos-chave: campo, *habitus* e capital científico.

Para compreender o comportamento dos pesquisadores, mais precisamente o *habitus* científico, houve a necessidade de aplicar novos instrumentos teóricos e metodológicos. Nesse ínterim, optou-se por cursar, como aluna externado Programa de Mestrado e Doutorado em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Marília, duas disciplinas: “Tópicos especiais: contribuição de Bourdieu para a Ciência da Informação” e “Questões Bibliométricas em Produção e Organização da Informação”, fundamentais para o desenvolvimento e o tratamento do *corpus* da pesquisa.

Quanto à metodologia empregada, foi utilizada pesquisa bibliográfica sobre a Sociologia da Ciência, e o estudo de caso sobre a produção científica da linha de pesquisa “Educação e violência”, mais especificamente sobre os contributos do projeto de pesquisa do Observatório da Violência nas escolas em Paranaíba/MS sobre a temática violência escolar.

Sobre o procedimento metodológico, cumpre destacar que em uma primeira fase adotou-se como objeto de análise o *Curriculum Lattes*, cujo papel é o de registrar as formações e as atividades científicas dos pesquisadores; e oferecer maior visibilidade da vida acadêmica, caracterizando como importante instrumento de medição e desempenho da ciência.

Para efetivação do trabalho, utilizou-se tanto a abordagem quantitativa como a qualitativa. A escolha dessa abordagem permitiu verificar o comportamento dos pesquisadores pertencentes ao projeto de pesquisa do Observatório da Violência nas escolas e suas relações com o subcampo científico. Dentre as comunicações científicas mais utilizadas pelos pesquisadores foram consideradas as seguintes modalidades de publicações: artigos de periódicos, livros, capítulos de livros e dissertações.

Quanto o recorte temporal considerou-se os trabalhos produzidos pelos membros a partir de 2012 até 2015, devido a implementação do projeto ter iniciado em 2012, conforme nos direciona o documento de propositura do projeto (OBEDUC, 2012).

Com os dados presentes, foram observadas outras condições determinantes perante análise cientométrica, com destaque para: o fomento institucional de pesquisa; as subáreas mais trabalhadas dentro do subcampo Violência Escolar; o núcleo dos autores mais

produtivos e os diálogos estabelecidos com as outras instituições de Ensino Superior do Brasil.

Desse modo, o trabalho adotou a seguinte estrutura de organização: primeiramente buscou-se explicitar a natureza do objeto de investigação da violência escolar, o seu nascedouro como subcampo científico de pesquisa, além de demonstrar que esse objeto de estudo encontra-se em construção no campo da Educação, como problema social, faz ligações com várias disciplinas do campo das ciências sociais.

Em um segundo momento, trabalhou-se a ciência e a sua prática na universidade, vinculada às cobranças impulsionadas pela Capes, assim como também observou-se a presença das relações internas do próprio campo científico. Ressalta-se que a ciência possui no seu *locus* o nascedouro um discurso construído e socializado.

Em seguida, detalhou-se a aplicabilidade dos indicadores bibliométricos pelo procedimento da cientometria e foram indicados seus instrumentos de análise, tais como: análise de citação, indicadores de cocitação e de coocorrências de palavras significativas do texto.

Posteriormente, apresentou-se os procedimentos teórico-metodológicos e o percurso da pesquisa, com a inserção das ferramentas de investigação, a delimitação do objeto e os sujeitos da ciência. Como procedimento de aplicação do método destaca-se o uso da cientometria e as abordagens enriquecedoras dos elementos-chave de Bourdieu: campo, *habitus e modus operandi* que contribuíram para as análises interpretativas dos resultados.

Na sequência, exibem-se as considerações finais, onde constam as estratégias e os discursos gerados pela imposição do grupo de pesquisa por meio de suas produções científicas.

E por fim, finalizou-se o trabalho com as referências que “[...] funcionam como vínculo entre os trabalhos novos e antigos” (MEADOWS, 1999, p. 13) e ratificam todo o embasamento teórico utilizado no decorrer da pesquisa.

1 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE UM OBJETO DE PESQUISA: ENFOQUE SOBRE O SUBCAMPO CIENTÍFICO VIOLÊNCIA ESCOLAR

A ciência normal é caracterizada por um paradigma, que legitima quebra-cabeças e problemas sobre os quais a comunidade trabalha. (KUHN, 2013).

Com a intenção de projetar um novo cenário educacional no estado de Mato Grosso do Sul, em 1993 instituiu-se a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), disciplinada pela Lei Estadual nº 1461, de 20 de dezembro de 1993. Com sede em Dourados, a UEMS conta com 15 Unidades Universitárias (Amambai, Aquidauana, Campo Grande, Cassilândia, Coxim, Dourados, Glória de Dourados, Ivinhema, Jardim, Maracaju, Mundo Novo, Naviraí, Nova Andradina, Paranaíba e Ponta Porã), distribuídas estrategicamente pelo estado, divididas em 9 microrregiões do Estado: Alto Taquari, Aquidauana, Bodoquena, Campo Grande, Cassilândia, Dourados, Iguatemi, Nova Andradina e Paranaíba.

No município de Paranaíba (MS), a UEMS possui três cursos de graduação – Ciências Sociais, Direito (com duas ofertas em dois períodos matutino/noturno) e Pedagogia –, dois cursos de pós-graduação *Lato Sensu* – um em Direitos Humanos e outro em Educação –, e um Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGEDU), em nível de Mestrado.

Criado em 2011, o PPGEDU tem como área de concentração a “Educação, Linguagem e Sociedade”, com o objetivo de formar educadores voltados para três grandes linhas mestras: “Currículo, Formação Docente e Diversidade”, “História, Sociedade e Educação” e “Linguagem, Educação e Cultura”. (UEMS, 2015).

Os trabalhos constituintes do tripé pesquisa, ensino e extensão buscam suprir as necessidades locais e regionais, uma vez que a Unidade Universitária de Paranaíba localizada na região atualmente denominada de Costa Leste, faz limites com estados de Goiás e Minas Gerais, o que lhe atribui relevante papel social, por impulsionar atividades desenvolvidas em projetos de pesquisas no estado de Mato Grosso do Sul, cujos propósitos norteadores de suas práticas incluem os resultados, como uma determinante de retorno à sociedade.

Com o tripé institucional os docentes vinculados ao programa procuram incorporar à academia trabalhos coletivizados, os quais seguem as diretrizes das agências de apoio à pesquisa, e assim introduzem no seu espaço ações interdisciplinares que os vinculam à universidade, o que acaba por possibilitar a existência de um terreno favorável à produção científica.

Em sua organização interna as universidades se estruturam por linhas de pesquisa, as quais, vinculadas aos programas de pós-graduação *stricto sensu*, constituem-se de acordo com

as atividades oriundas das práticas de pesquisa, e conseqüentemente intensificam o desenvolvimento científico e tecnológico do país. Conforme assinalam Santos e Azevedo (2010),

as linhas congregam grupos de pesquisa que envolvem profissionais que compartilham ideias, instalações e equipamentos e cujo trabalho se organiza em torno de eixos temáticos semelhantes. Tomamos, então, as linhas como expressão do campo acadêmico da pesquisa sobre política educacional.

Nessa direção, a composição das linhas de pesquisa da Unidade Universitária de Paranaíba proveio de diversas reuniões e discussões que se pautaram em torno da expansão que necessitava para o cumprimento da missão institucional:

[...] uma equipe de docentes do curso de Pedagogia, iniciou discussões para implantação do Curso de Especialização em Educação. Após indicação do Colegiado do Curso de Pedagogia, o Reitor designou uma Comissão para elaboração do Projeto Pedagógico do Curso, pela Portaria PROPP/UEMS Nº 001 de 18 de abril de 2006. Essa equipe, visando a dar continuidade ao que se trabalhava na Instituição manteve as Linhas de Pesquisa definidas na graduação em Pedagogia: ‘Linguagem, Literatura, Educação e Sociedade’; ‘Teorias e Práticas Educacionais’; e ‘Educação, Política e Diversidade’, em duas áreas de concentração, a saber: ‘Educação Escolar e Diversidade’ e ‘Docência para o Ensino Superior’. (UEMS, 2013, p.20-21).

Atenta-se que os eixos temáticos do curso de especialização preservaram a mesma natureza das linhas de pesquisas implantadas no curso de graduação em Pedagogia. Em simetria, as linhas de pesquisa do Programa de Mestrado em Educação deram vozes às necessidades da comunidade local e centralizaram a sua óptica norteadora na área de concentração: Educação, Linguagem, e Sociedade.

As linhas de pesquisa do Programa seguiram a mesma natureza estrutural em destaque: “Currículo, Formação Docente e Diversidade”, “História, Sociedade e Educação” e “Linguagem, Educação e Cultura”, conforme ilustra a filosofia de “pensar a Universidade integralmente”. (CHAUI, 2001).

Essas linhas vieram proporcionar maior sustentação científica aos grupos de pesquisas, que se organizam por afinidades teóricas e intelectuais, a saber: Grupo de Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira (GEPHEB); Educação, Cultura e Diversidade, Educação Especial; Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Gênero, Raça e Etnia; Grupo de Estudo e Pesquisa em Narrativas Formativas (GEPENAF); Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educacional (GEPPE); e o Grupo de Pesquisa Linguagem e Ensino³.

Enfatiza-se que um grupo de pesquisa é caracterizado como um conjunto de sujeitos organizados, circundado de um ou mais objetos de estudo, com agrupamento permanente e

³ Todos esses grupos constam como cadastrados no diretório de grupos de pesquisa no Brasil do CNPQ.

contínuo, cujas comunicações formal e informal são intensas, no fito de potencializar esforços para a produção de conhecimento na área. (CNPQ, 2014).

Bourdieu (2014, p.51) ressalta a relevância de um grupo de pesquisa se constituir como tal:

[...] tem tanto mais oportunidades de ser bem-sucedido quanto mais os agentes sociais sobre os quais ele se exerce estejam inclinados – por sua proximidade no espaço das relações sociais e também graças às disposições e interesses associados a essas posições – a se reconhecerem mutuamente e a se reconhecerem em um mesmo projeto [...].

Com a organização das linhas as produções de conhecimento se intensificaram, principalmente por causa do pertencimento desses pesquisadores a grupos de pesquisas, de modo a se fortalecerem no campo da Educação. Esses não se estruturam apenas para obter afinidades teóricas, mas para alcançar compartilhamentos de ideias em torno dos eixos centrais de estudo.

Em função disso, as linhas foram se definindo como “[...] identidade científica demonstrada pela integração de ideias, interesses, valores e competências do grupo de pesquisadores a elas vinculados”, buscando garantir a sustentabilidade institucional. (NEVES; GONÇALVES, 1994, p. 224).

Cabe explicitar que na Unidade Universitária de Paranaíba as linhas de pesquisas se voltam para a formação inicial e continuada de docentes e se estruturam em diversos subcampos de atuação em Educação, como “Linguagem e Literatura” e outros que observam a diversidade social, como: Educação do Campo, Educação de Jovens e Adultos, Educação Indígena, Educação e Violência, Educação Inclusiva, Gênero, Raça e Etnia, entre outros temas. (UEMS, 2015).

Financiado pela Capes, o projeto de pesquisa no âmbito do Observatório da Educação se propõe estudar a **Violência nas escolas: cotidiano escolar – entre saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência nas escolas de ensinos fundamental e médio.**

Fica oportuno aqui ressaltar que a Capes é uma das agências que incentivam a pesquisa a nível nacional, e juntamente com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ); Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) e a Fundações de Amparo à Pesquisa (FAPS) são agências vinculadas ao Ministério de Ciência e Tecnologia de amparo e apoio à pesquisa. Ressalta-se que esse órgão também se associa às secretarias estaduais e subsidiam financeiramente os pesquisadores dos estados.

No caso do estado de Mato Grosso do Sul os pesquisadores buscam financiamentos amparados na Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (FUNDECT), cuja finalidade é apoiar projetos de pesquisas científicas, tecnológicas e de inovação para os desenvolvimentos econômico, cultural e social do estado.

No entanto, o Programa do Observatório da Educação e Violência Escolar é resultante da parceria entre a Capes, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI), agências de fomento que instituíram o Observatório da Educação (OBEDUC) pelo Decreto Presidencial nº 5.803, de 8 de junho de 2006, com o objetivo de incentivar estudos e pesquisas em educação que utilizem a infraestrutura disponível das Instituições de Educação Superior (IES) e as bases de dados existentes no INEP (CAPES, 2013), programa que busca articulação entre a pós-graduação, as licenciaturas e as escolas de educação básica, e, a partir da execução dessas atividades, estimular a produção acadêmica.

O OBEDUC é um dos projetos que exemplifica essa intenção, pois juntamente com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) buscam interferir na realidade escolar com colaboração da Universidade por meio de reflexões e atividades que ofereçam melhorias de ensino e aprendizagem na educação básica.

Essa ligação com a rede de Educação Básica impulsiona novas singularidades, como atrair os professores da Rede Pública de Ensino como próprio trabalho de pesquisa e assim suscitar, mediante suas ações,

[...] um olhar científico sobre as relações pedagógicas, gestão escolar e o processo organizacional da escola, principalmente aquelas pautadas pela agressividade e violência, que saibam desenvolver estratégias de socialização e de relação democrática, baseado em regras claras de convivência e respeito recíproco, ou seja, uma educação baseada no humanismo. (OBEDUC, 2012, p. 04).

Como se vê, esse estímulo à prática da pesquisa está previsto no artigo 2º do Decreto Presidencial nº 5.803, de 8 de junho de 2006, que faz saber:

Art. 2º. O Observatório da Educação tem como finalidade fomentar a produção acadêmica e a formação de recursos pós-graduados em educação, em nível de mestrado e doutorado, por meio de financiamento específico, conforme as seguintes diretrizes:

I - contribuir para a criação, o fortalecimento e a ampliação de programas de pós-graduação *stricto sensu* na temática da educação;

II - estimular a criação, o fortalecimento e a ampliação de áreas de concentração em educação em programas de pós-graduação *stricto sensu* existentes no País, nos diferentes campos do conhecimento;

III - incentivar a criação e o desenvolvimento de programas de pós-graduação interdisciplinares e multidisciplinares que contribuam para o avanço da pesquisa educacional;

IV - ampliar a produção acadêmica e científica sobre questões relacionadas à educação;

[...]. (BRASIL, 2006, grifos nossos).

Nota-se que uma das preocupações das agências de fomento à pesquisa é incentivar e ampliar a produção científica acerca de questões relacionadas à educação, com associação de discussões teóricas e empíricas propiciadas pelas próprias ações do observatório de violência nas escolas.

Por esse viés, em uma pesquisa com intenção de identificar a existência de outros grupos que trabalham com a temática violência na escola, na base de grupos de pesquisa do CNPq foram levantados 24 registros com o uso de filtragem em três campos de pesquisa: nome de grupo, nome da linha de pesquisa e palavras-chave da linha de pesquisa.

Com esses filtros foi possível encontrar os seguintes grupos de pesquisas que trabalham com a temática violência na escola: Cultura, Identidade, Juventude, Representações Sociais e Educação (GEPEJURSE) da UFPA; Diversidade Cultural, Linguagem, Mídia e Educação da USP; Estudos sobre inclusão e sociedade da UNEB; Grupo de Estudo em Segurança Pública (GESP) da UEMA; Grupo de Estudos e Pesquisa em Violência (NEPEVI) da PUCRS; Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Sociedade da UFMS, Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação; Violência e Indisciplina da UTFPR; Grupo de Estudos e Pesquisas em Práxis Educacional (GEPPE) da UEMS; Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Violência nas Escolas da UFPA; Impacto da Violência sobre o Desenvolvimento Humano: Prevenção e Intervenção da UFSCAR; Inovação educacional e gestão escolar da UFPE; Juventude Educação e Sociedade da UCB; Laboratório de Estudos da Violência (LEV) da UFMS; Núcleo de Estudos sobre Sociedade (NESFE); Família e Escola da UFOP; Núcleo de educação, exclusão e violência social: adolescentes em conflito com a lei, meninos de rua e violência nas escolas da UFGRS; Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI) da UFPI; Observatório das Metrópoles: Núcleo Região Metropolitana de Maringá da UEM; Observatório de Violências nas Escolas - Brasil / Núcleo do Estado do Pará da UNAMA; Políticas Públicas e Educação da PUC/MINAS; Políticas Públicas e Formação de Professores da PUC/PR; Violência e Cidadania da UFRGS; Violência e indisciplina escolar da UEM; Violência, Política de Drogas e Direitos Humanos da UESC e Violências na Escola da UNISAL.

Ao se estender a pesquisa, verificou-se também quais grupos cadastrados no CNPq do estado de Mato Grosso do Sul trabalham com a temática violência. Ao se utilizar o mesmo

mecanismo de busca e filtros de coleta, encontrou-se nessa pesquisa um total de 9 grupos que abordam eixos sobre a temática no âmbito da violência na escola, seja entre suas linhas científicas ou dentre seus objetivos, tais quais: Grupo de Estudos sobre Violência, Criminalidade e Direitos Humanos (GEVCRIMDH) da UEMS/Paranaíba; o Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar e Saúde (GPEFES) da UFGD que possui entre suas linhas Violência e *Bullying* no contexto escolar; o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Saúde (LEPPSI) da UFGD que possui duas linhas que investiga a violência “Saúde e Sofrimento Emocional em situações de risco, Vulnerabilidade e Violência na Infância e Adolescência” e “Violência, Sociabilidade e Desenvolvimento Humano”; o Laboratório de estudos da violência, gênero e Sexualidade da (LEVS) da UFMS; o Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Políticas públicas, direitos humanos, gênero, vulnerabilidades e violências (NEPI/PANTANAL) da UFMS; o Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul da UFMS; Núcleo de Estudos e Pesquisas América Latina em Movimento (NEPALM) da UFMS; o Planejamento e Avaliação em Educação e Psicologia da UFMS, e o de Relações de Gênero, sociedade e cultura da UEMS.

Dando dimensão para o estudo em pauta, a pesquisa reportou-se para o grupo de pesquisa GEPPE da Unidade Universitária de Paranaíba, o qual materializou suas atividades científicas em três linhas de atuação: “Educação e violência”, “Educação especial” e “Teorias e práticas educacionais”.

Na linha de pesquisa **Educação e Violência** vincula o projeto de pesquisa denominado “Observatório de Violência nas escolas: cotidiano escolar – entre saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência nas escolas de Ensino Fundamental e Médio”, cujas ações estão voltadas à pesquisar acerca do combate a Violência em meio escolar.

1.1 A Violência Escolar Como Objeto de Investigação

A ocorrência da violência, por ser um fenômeno social, reflete-se também no meio escolar. Charlot (2002, p. 434-435) conceitua como a violência *na* escola, a violência *à* escola e a violência *da* escola.

A violência *na* escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. A violência *à* escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a

violências que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência *da* escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas). [...].

A violência escolar é concebida como um problema social e caracteriza-se como um fenômeno complexo, de difícil definição, para o qual não há consenso na determinação. Por essas razões, e por se relacionar com diferentes ramos do conhecimento, não se condiciona a ser um objeto de estudo dentro de um só campo.

Sua ocorrência realiza uma espécie de intercâmbio social; assim, é interessante apontar que sua construção se entrelaça com a própria construção da ciência, pois o seu estado nascente advém das manifestações do meio social, como se vê:

a ciência social está sempre exposta a receber do mundo social que ela estuda os problemas que levanta a respeito dele: cada sociedade, em cada momento, elabora um corpo de problemas sociais tidos por legítimos, dignos de serem discutidos, públicos, por vezes oficializados e, de certo modo, *garantidos pelo Estado*. (BOURDIEU, 2012a, p. 35).

Como problema social, o subcampo de pesquisa da Violência Escolar relaciona-se com várias áreas do conhecimento, situação que a coloca como objeto de pesquisa promissor em diversos campos de atuação, inclusive o da Educação.

Por sua vez, a Educação com *status* de campo científico dialoga, por sua natureza, com vários subcampos do conhecimento e adquire, em suas atuações, consideráveis interconexões,

afinal, este é um campo do saber no qual diferentes objetos de pesquisa são articulados, diferentes métodos são traduzidos e criados, fronteira de disciplinas clássicas – filosofia, sociologia, psicologia, antropologia – são ultrapassadas e problemáticas próprias são constituídas na formação do discurso pedagógico. (CAPES, 2013).

Como campo de investigação dinâmico, a Educação apropria-se da interdisciplinaridade, e dentro desse caráter multidisciplinar a violência escolar constitui-se, gradativamente, como objeto de estudo.

Em análise superficial, consegue-se visualizar que os estudos da/na/à escola partiram das mesmas inquietações científicas da Violência Social, quer dizer sob a mesma partícula, e incide em resultados díspares, pois os enfoques sofrem diversas abordagens das diferentes formações e práticas científicas. (KUHN, 2013).

Como centro de estudos voltado a pesquisadores, o Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS se constitui por pesquisadores de diversas formações profissionais,

como professores de ensino superior, da rede pública de ensino, alunos do programa de mestrado e alunos de graduação. Essa integração lhes permite fazer abordagens acerca do tema central e relacioná-lo com suas pesquisas, no campo específico de investigação. Isso propicia novos vieses à temática trabalhada.

Dado esse panorama, volta-se o foco sobre as produções, onde se constatou que as pesquisas em Educação em torno da violência escolar se desenvolveram tardiamente, conforme o estudo realizado por Sposito (2001), o qual apontou no seu artigo acerca das produções de teses e dissertações dos programas de pós-graduação defendidas dentro da temática violência escolar no período de 1980 a 1998, cujo resultado foi de apenas 9 produções sobre o referido assunto.

A variável interpretativa desse canal de comunicação coincide com o discurso acadêmico que efervescia nos anos 1990 a respeito da questão da violência associada às influências do narcotráfico e às depredações nos prédios escolares, demonstrando-se que o meio escolar absorvia eminentemente a Violência Social, o que se contrapunha ao seu propósito maior, o de ser um

[...] canal seguro de mobilidade social ascendente para os mais pobres. Assim, uma profunda crise da eficácia socializadora da educação escolar ocorre nesse processo de mutação da sociedade brasileira, que oferece caminhos desiguais para a conquista de direitos no interior da experiência democrática. (SPOSITO, 2001, p. 99).

Em pesquisa recente (2016), por meio do uso da palavra-chave violência escolar, levantou-se, no *site* do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), 34 dissertações e teses defendidas no Brasil, dentre as quais 12 foram defendidas na área de concentração da educação; 6 em Sociologia; 4 em Psicologia; 2 em Educação Especial e Teologia, e o restante nas áreas de Direito, Saúde Coletiva, História social, Ciências da saúde, Gestão e Políticas Públicas e Psicologia clínica.

Comparado ao estudo anterior de Sposito (2001), que mapeou as dissertações e teses sobre violência escolar no período de 1980 a 1998, com um total de 9 produções, houve um acréscimo considerável com o levantamento de 34 teses e dissertações defendidas dentro da temática, entretanto somente 12 trabalhos foram computados dentro do campo de concentração da Educação.

Esse diagnóstico vem demonstrar que o subcampo da violência escolar na educação ainda está se estruturando, uma vez que a gênese do problema social se encontra submersa no campo sociológico, e que na educação, a violência escolar ainda reivindica a sua devida imersão. Isso fica evidente por meio das leituras e discussões teóricas das pesquisas

acadêmicas, que refletem no seu interior a urgência social de estudar com mais tenacidade a violência no meio escolar⁴.

Mudando de canal científico, realizou-se outra pesquisa para verificar quais revistas científicas dentro do escopo da Educação⁵ abrangeriam estudos sobre a violência escolar; no entanto, com o uso do termo central, o número de documentos obtidos foi considerado insatisfatório para a análise. A seguir, foram inseridas mais duas palavras-chave na busca: “indisciplina escolar” e o “*bullying*”, por serem considerados descritores que se voltam para a reconstrução emergencial da violência escolar, e nessa perspectiva foram mapeados 4 periódicos.

Tabela 1 - Frequência dos Termos nos Periódicos Utilizados

Termos	Periódicos				Total
	Cad. Pesq.	Educar Rev.	Ensaio: aval. pol. públ. educ.	Rev. bras. educ.	
Violência escolar	2	0	8	1	11
<i>Bullying</i>	1	1	1	0	3
Indisciplina escolar	1	0	0	0	1
Total	4	1	9	1	15

Fonte: Autoria própria.

Com a busca, foram localizados 15 artigos pertencentes aos seguintes periódicos: **Cadernos de Pesquisa, Educar em Revista, Ensaio (Fundação Cesgranrio)**, e a **Revista Brasileira de Educação**.

O desenho da tabela 1 demonstrou que os estudos voltados para o combate e a violência escolar foram considerados modestos nos periódicos da área da educação, a qual necessita de números expressivos de trabalhos para a devida imersão no campo científico.

O que chama a atenção diante da leitura da tabela são os números de artigos acentuados dentro da revista publicada pela Fundação CESGRANRIO - **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, a qual hospedou o maior número de trabalhos, e a maior ênfase sob o descritor violência escolar, obtendo-se assim 8 artigos recuperados de um total

⁴Conforme as dissertações brasileiras mapeadas no período de 2009 a 2013 que abordava uma das manifestações da violência escolar, o fenômeno *bullying*. (MOREIRA; MOREIRA; PEREIRA, 2015).

⁵ Pesquisa na base do portal SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) realizada em 2015.

de 9, correspondendo cerca de 54 % dos artigos encontrados sobre os termos adotados como preferidos.

Em contrapartida, Ruotti, Alves e Cubas (2006) afirmam que o fenômeno da violência escolar não é um tema abordado recentemente; novas são as diversas tipologias e formas pelas quais ele tem se manifestado no espaço escolar.

Diante de tais tessituras, o estudo enfatiza como se determina a escolha de um objeto de investigação pelo grupo de pesquisadores na busca por entender quais motivos os levam a ter propensão por determinada temática em vez de outra, já que é inaceitável nesse cenário admitir a existência de assuntos investigados por estarem na moda. (ORTIZ, 1983; BOURDIEU, 2004).

Por isso é relevante investigar os seguintes aspectos: a) o que motiva os pesquisadores a terem inclinações para determinada pesquisa; b); o que está por trás dessas escolhas; c) quais são os objetos dignos de interesse, ou seja, as tendências a certas predileções, pois a princípio a violência surge como objeto de investigação fundado pelo clamor social em face de sua enorme propagação nos meios social e escolar.

Ortiz (1983, p. 125) promove um avanço nessa seara quando enfatiza sobre as escolhas dos pesquisadores: “[...] a tendência dos pesquisadores a se concentrar nos problemas considerados como os mais importantes se explica pelo fato de que uma contribuição ou descoberta concernente a essas questões traz um lucro simbólico mais importante”.

Isso quer dizer que as escolhas por si sós não são ingênuas. Há, na verdade, um interesse desinteressado (BOURDIEU, 2004). Existem relações permeadas e estabelecidas pelos dominantes com a contribuição dos pesquisadores iniciantes, e a partir daí as disputas começam a ser observadas, e o jogo científico, a ser jogado.

A ciência incorpora como objeto a legitimação da classificação dominante (BOURDIEU, 2012b); os pesquisadores vão assumindo convicções objetivas que determinam as escolhas pelos objetos dignos de interesse e justificam a premissa de que “[...] um campo não se orienta totalmente ao acaso”. (BOURDIEU, 2004, p. 27).

No caso do Projeto de Pesquisa no âmbito do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS, foram observadas grandes incidências de casos de violência nas escolas nos últimos anos - estatística que chamou atenção dos pesquisadores e despertou interesse para compreender os motivos de sua ocorrência, suas causas, efeitos e graus de influências sobre os alunos, tendo em vista ser esse um problema desafiador, por implicar na melhoria do ensino e da aprendizagem. (OBEDUC, 2012).

Como um problema social onde se instalam muitos casos de incivildades, indisciplinas e vandalismo, a violência escolar se caracteriza como um campo fértil para investigações, e suas conexões com outras fontes interpretativas permitem tecer novas produções do conhecimento no âmbito da educação.

Atento a isso, o Observatório de Violência nas escolas direcionou seus investimentos intelectuais para essa temática, enfatizou a relevância da integração da universidade com o conhecimento tácito dos professores da Rede Básica de Ensino, pois o conhecimento científico os faz conhecer a prática pela prática.

Foi possível perceber certo distanciamento entre o Ensino Superior e a Educação Básica, ou seja, da teoria e da prática e essa relação de proximidade é importante, pois “[...] enriquece ambas na medida em que promove a troca de saberes e ações entre uma entidade que reelabora e difunde conhecimento socialmente produzido e outra que habilita profissionais para o exercício competente dessa função”. (GOMES, 2015).

Diante dessa conjuntura, entende-se que a escolha do objeto de investigação não ocorre ao acaso ou acidentalmente;

essa arte de antecipar as tendências, observada por toda parte, que está estreitamente ligada a uma origem social e escolar elevada e que permite apossar-se dos bons temas em boa hora, bons lugares de publicação (ou mesmo de exposição) etc. é um dos fatores que determinam as diferenças sociais mais marcantes nas carreiras científicas [...]. (BOURDIEU, 2004, p. 28).

Destarte, essas escolhas determinantes vão sendo naturalizadas pelo campo simbólico ao qual pertencem, onde sobrelevam o predomínio do objeto de estudo pelos então pesquisadores dominantes, conforme enfatiza Bourdieu (2008):

Os dominantes impõem, *de facto*, como norma universal do valor científico das produções científicas, os princípios que eles próprios utilizam consciente ou inconscientemente nas suas práticas, em especial na escolha dos seus objetos, métodos etc. São constituídos em exemplos, em realizações exemplares da prática científica, em ideal realizado, em normas; a sua própria prática torna-se a medida de todas as coisas, o procedimento *correcto* que tende a desacreditar os restantes. (BOURDIEU, 2008, p. 89).

O ideal propagado é o de que os pesquisadores almejam se firmar no campo científico com o fito de se manter em dominantes da área. Para Bourdieu (2008), essa relação revela uma luta por posições, em uma disputa pela efetivação no campo. Para o autor, “[...] dominantes são os que conseguem impor a **definição da ciência** segundo a qual a melhor realização da ciência consiste em ter, ser e fazer aquilo que eles têm, são ou fazem”. (BOURDIEU, 2008, p. 91, grifos nossos).

Nesse sentido, a legitimidade de um campo científico se impõe de tal modo que as ideias designadas como dominantes são apropriadas pelos pesquisadores que determinam quais as temáticas serão tomadas como dignas de interesse. Incorporam-se a partir daí discursos científicos instrumentalizados pela ideologia da ciência, por meio de suas produções. Conforme Bourdieu (1998),

a definição dominante das coisas boas de se dizer e dos temas dignos de interesse é um dos mecanismos ideológicos que fazem com que coisas também muito boas de se dizer não sejam ditas e com que temas não menos dignos de interesse não interessem a ninguém, ou só possam ser tratados de modo envergonhado ou vicioso. (BOURDIEU, 1998, p. 35).

Posto isso, antes de analisar o comportamento dos pesquisadores e a partir da observação de como são realizadas suas produções científicas, é imprescindível entender como se estabelecem suas inserções num campo de investigação. Para isso, o presente tópico propõe como ponto de partida descrever o *status* da ciência e, por conseguinte, descrever como a prática científica é desempenhada na Instituição que a certifica no Brasil, a universidade.

2 A CIÊNCIA E A NATUREZA DE SUA PRÁTICA NA UNIVERSIDADE

Compreender ‘objetivamente’ o mundo em que se vive sem compreender a lógica desta compreensão, e o que a separa da compreensão prática, é impedir-se de compreender o que faz com que este mundo seja habitável e viável, isto é, a própria fluidez da compreensão prática. (BOURDIEU, 2013).

O debate que prolifera sobre a ciência busca evidenciá-la dentro da universidade, espaço mais propício para sua ocorrência no Brasil, como ratificam autores ao dizerem que “a ciência brasileira é acadêmica” (LEITE; COSTA, 2006; ZIMAN, 1979), ancorada num sistema de comunicação social, no qual todos os membros pertencentes ao campo científico compartilham ideias.

É na universidade que se institucionaliza a organização social da ciência, que é o *locus* da produção científica (ZARUR, 1994). É importante exaltá-la como um espaço de produção do conhecimento e não considerá-la mera instituição que mantém a continuidade das formas e prolonga em seu *locus* paradigmas dogmáticos, mas vê-la como lugar onde existe a possibilidade de contestar o próprio paradigma a partir do qual ela se edifica, o da própria ciência. (TIFFIN; RAJASINGHAM, 2007).

Por isso, notabiliza-se que a universidade é uma instituição social, que prima entre seus objetivos de criação, pela representação da verdade e não se reduz somente a inovar, pois o seu propósito é muito maior. (KUHN, 2013).

O tópico no qual se apresenta traz afinidades teóricas de Kuhn (2013) e Merton (2013) que, em determinados momentos de nosso estudo, são consoantes com as abordagens de Bourdieu. Merton (2013) diferencia a Sociologia do conhecimento de Sociologia da ciência, trabalha a concepção de comunidade científica em vez do campo científico de onde não evidencia relações internas.

Kuhn (2013) compartilha das convicções construtivistas e diagnostica na ciência uma construção social. Para esse autor, introduzir-se na academia significa aperfeiçoar os paradigmas sociais existentes e considera preponderante enfatizar que não se criam assim tão facilmente descobertas científicas impactantes no meio científico. É preciso avançar os dogmas sociais. (MOREIRA JUNIOR; ANDRADE, 2014).

Como já mencionado no tópico anterior, antes de adentrar as teorias de campo de Bourdieu, faz-se necessário reconhecer as contribuições teóricas de Kuhn para a ciência.

Kuhn (2011, p. 13) define ciência dentro das proposições de paradigmas, que são: “[...] realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência”.

Trata a dinâmica da Ciência como revoluções ou rupturas, e sob sua visão construtivista,⁶ ele enxerga a ciência como construção social. Isso significa que para ser aceita como um paradigma no cenário científico, uma teoria deve transcender as composições já estudada se não precisa, evidentemente, concentrar todos os fatos. (ZARUR, 1994).

Para Kuhn (2011, p. 29), a ciência normal “[...] significa a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas”. A partir dessa concepção, pode-se afirmar que essa é a prática usual nas universidades, e o trabalho do pesquisador está relacionado à ampliação da ciência já amadurecida, como verdadeiras “operações de acabamento”, ou seja, “[...] a pesquisa científica normal está dirigida para articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma”. (KUHN, 2011, p. 45).

Diante dessa lógica, é possível afirmar que a ciência apresentada na academia não se preocupa em descobrir novidades ou teorias, pois as ampliações dos fatos por ela proposta já são essenciais para o próprio desenvolvimento da ciência como uma fonte de racionalidade que se articula com o paradigma. Esses “[...] procedimentos e aplicações do paradigma são tão necessários à ciência como as leis e teorias paradigmáticas – e têm os mesmos efeitos”. (KUHN, 2011, p. 87).

Kuhn (2011) elucida que para se instituir um paradigma, deve-se associá-lo às revoluções, como um fato que inova no campo científico, portanto “[...] hesita-se em chamar de científica a literatura resultante”. (KUHN, 2011, p. 36).

Ante a isso, fica confortável afirmar que o trabalho desenvolvido na universidade denomina-se como ciência normal.

Atualmente compartilha-se dentro da academia a cultura do produtivismo acadêmico, *status* adverso do ideal esperado na ciência. Constata-se uma inversão ideológica, na qual prima-se primeiramente pela quantidade das produções e não pela qualidade dos trabalhos. (CHAUI, 1999).

⁶ Quanto ao autor ser construtivista, é porque este “[...] afirma que a ciência não se diferencia de modo algum das outras atividades sociais humanas, esta abordagem propõe que o próprio conteúdo do conhecimento científico deve ser visto como uma construção social, o que possibilita que não só a organização da ciência, mas também os conhecimentos por ela produzidos sejam descritos sociologicamente”. (MOREIRA JUNIOR; ANDRADE, 2014, p. 163-164).

A responsabilidade aparente recai sobre a agência que regula a pós-graduação no Brasil, a Capes, que exige, entre suas metas, elevados índices de produções científicas dos pesquisadores, como, por exemplo, a ênfase em publicações de artigos e citações.

Os pesquisadores, por sua vez, introduzidos nos Programas *Stricto Sensu* (Mestrado e Doutorado), vão se enquadrando nas políticas científicas de cobranças que repercutem nesse sistema e transpassam no seu arquétipo o cumprimento do labor científico na universidade.

Com isso, buscam-se mais serviços técnico-científicos, autoridade e conseqüentemente *status* na área para se afirmarem com equilíbrio no campo científico.

Nesse movimento, exalta-se que “a publicação tornou-se condição para a obtenção de financiamento à pesquisa, bolsa produtividade, melhores notas no ranqueamento da pós-graduação, prestígio junto aos pares, participação em eventos acadêmicos nacionais e internacionais etc”. (TREIN; RODRIGUES, 2011, p. 782).

A produção científica aqui considerada é aquela cobrada como fator indispensável para a permanência dos programas de pós-graduação. Esse método leva a estigmatizar a universidade dentro do padrão mercantilista⁷, o qual incide no *habitus* científico do pesquisador, que o incorpora em sua prática.

Com isso, a instituição universitária vai perdendo o estatuto que lhe é peculiar, de ser um espaço propício para a produção do conhecimento, de liberdade acadêmica, ancorada, principalmente, na representação da verdade **desinteressada**. (ZARUR, 1994, grifo nosso).

Essa prática vai desvinculando-se da concepção *intelligentsia*, que tende a constituir

[...] uma comunidade de saber que busca a verdade, mesmo que por passos provisórios e tentativos. Os processos de aprendizagem e descoberta científica, traduzidos na comunicação científica, são sustentados por discursos estimulantes que produzem o debate de ideias e a promessa de novas descobertas. (FARIA, 2012, p. 38).

A propositura atual, na qual se insere a academia, carece do verdadeiro sentido e afasta-se do ideal que a alicerçou, do famoso tripé – ensino, extensão e pesquisa –, no qual a universidade se funda e se configura como reprodutora do sistema capitalista acadêmico (BERNARDO, 2014). Por esse motivo recebe tantas críticas, tal como a seguinte: “[...] o consenso é que o modelo atual é insuficiente e não transparece as aspirações do conhecimento científico como algo que pertence ao bem comum”. (BARRETO, 2015).

Diante do quadro que se apresenta, permite-se questionar: dentro de quais entornos se encontra a atual produção científica na universidade?

⁷ O modelo de pós-graduação brasileiro foi espelhado no sistema de pós-graduação dos Estados Unidos *publish or perish*. (ZUIN; BIANCHETTI, 2015).

A análise da revista **Interfaces da Educação**, como editora gerente do periódico, permitiu estimar que há um aumento significativo de submissões de artigos científicos. Acredita-se que esse acréscimo seja devido à imposição da Capes, que mensura metodologicamente as produções científicas dos programas de pós-graduação.

Dentro dessa óptica, o comportamento social dos autores segue a mesma simetria, a busca corriqueira de publicar em revistas renomadas e qualizadas⁸, vinculadas aos programas de pós-graduação *stricto sensu*, visto que almejam obter maior impacto para suas produções no campo científico.

Entretanto, nota-se dentro dos questionamentos sobre o produtivismo a crítica aos critérios que fundamentam os indicadores de produção⁹ baseados em métodos quantitativos, a respeito dos quais cabem as seguintes indagações: essa métrica de avaliação permite elaborar um diagnóstico preciso dos indicadores de produtividade utilizados pela comunidade científica? Caso não permita, seria necessário haver métricas mais eficazes e integralizadas para mensurar a produção científica?

No processo editorial, percebeu-se que os critérios de avaliação repercutem consideravelmente sobre a qualidade de um periódico, dentre eles a citação que um trabalho recebe, considerada por muitos estudos métricos como o critério mais importante, caracterizado como o “[...] meio mais comum de atribuir créditos e reconhecimento na ciência [...]”. (MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 136).

Para Meadows (1999), é válido medir a qualidade por meio das citações que, segundo sua perspectiva, reflete o grau de relevância dos trabalhos. A esse respeito, o autor menciona que:

[...] a citação depende da importância do tema: artigos questionáveis que tratam de temas menos importantes provavelmente serão ignorados e não citados [...]. De qualquer modo, visto que o pesquisador que produzisse seguidamente resultados incorretos logo se defrontaria com dificuldade para publicar em revistas respeitáveis, esse tipo de citação representa uma pequena fração do todo. (MEADOWS, 1999, p. 90).

⁸ Periódicos qualizados são estratificações utilizadas pela Capes, que determina o *qualis* da revista científica pelos critérios indicativos de qualidade referentes às produções da pós-graduação. Cf. CAPES. **Periódicos qualis**. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

⁹“A avaliação da Capes consiste em um sistema complexo, embora estruturado, de julgamentos sobre diversos fatores pertinentes à pós-graduação. De forma geral, o sistema engloba fatores no âmbito de pesquisa e de ensino. A atribuição do conceito final de um programa é baseada em relatórios, visitas às instituições e números referentes ao programa, como número de docentes, titulações, publicações etc”. (LEITE; VIANA; PEREIRA, 2006, p. 167).

Considerando o exposto, enfatiza-se que a intenção desta dissertação não se restringe a evidenciar a existência de discussões relativas às cobranças da Capes sobre as produções científicas, mas pretende ir além desse debate ao apontar os elementos simbólicos (BOURDIEU, 2013) que cercam as relações objetivas do campo e refletem na prática científica, como fonte interpretativa de análise. Além disso, propõe-se reflexão acerca das relações científicas existentes entre os pesquisadores na universidade, pois nota-se que “o campo científico é um mundo social e, como tal, faz imposições, solicitações etc., que são, no entanto, relativamente independentes das pressões do mundo social global que o envolve”. (BOURDIEU, 2004, p. 21).

A inserção científica leva em consideração os fatores externos os quais permeiam o campo científico (influências econômicas, culturais, políticas e sociais) e incidem no comportamento dos pesquisadores de **forma relativa**. Necessário se faz advertir que as relações internas do campo têm sua lógica própria, como menciona Bourdieu (2013, p. 42):

[...] muitas representações e práticas mais ou menos institucionalizadas só podem na verdade ser compreendidas como *sistema de defesa coletivos*, pelos quais os agentes encontram um meio de escapar aos questionamentos brutais que a aplicação rigorosa dos critérios proclamados suscitaria, os da ciência ou da erudição, por exemplo. É por isso que a multiplicidade das escalas de avaliação, científica ou administrativa, universitária ou intelectual, oferece uma multiplicidade de motivos de saudação e de formas de excelência que permitem a cada um se mascarar, com a cumplicidade de todos, das verdades conhecidas por todos. (grifos do autor).

Por isso se enfatiza que o campo científico é **relativamente autônomo**; assim, justifica-se a análise das causas dessa lógica interna nas relações sociais, embora seja ao mesmo tempo relevante e aparentemente complexa, na medida em que o pesquisador se insere em um campo no qual tenta impor implicitamente seu jogo de estratégias (CERTEAU, 1998; BOURDIEU, 2008) com um “interesse desinteressado”, orientado por suas pretensões de alcançar reconhecimento no campo.

Ora, o pesquisador deseja obter uma posição de destaque no campo simbólico, mesmo que para isso renuncie ao benefício social da ciência em prol de seu benefício próprio, pelo cobiçado prestígio científico, pois o que se busca nada mais é que “[...] tentar triunfar socialmente no campo científico”. (BOURDIEU, 2013, p. 38).

Pelo aparente desenho que vai se projetando, percebe-se que não existe somente o “capitalismo acadêmico” (BERNARDO, 2014) como procedimento institucionalizado que leva o pesquisador a publicar; há outros interesses internos em voga que interferem na produção científica e devem ser considerados quando se propõe a estudar a produção do conhecimento.

2.1 A Influência Externa da Política Científica Perante a Produção do Conhecimento

A cultura da pós-graduação brasileira sofre fortes influências tanto da lógica de produção científica da França quanto da americana. Dessa última adveio a célebre expressão *publish or perish*, ou seja, publique ou pereça na academia.

Nesse cenário, foram impulsionadas enfáticas pressões para que os professores se adequassem ao sistema avaliativo dentro dos parâmetros que medem e avaliam a produção acadêmica, como estabelece a Capes por meio dos *rankings*, os quais acabam por influenciar os trabalhos dos pesquisadores, que conseqüentemente priorizam o predomínio do quantitativo sobre o qualitativo:

[...] a obrigação de publicar em periódicos como indicador praticamente exclusivo para a avaliação da produção científica e da qualidade do pesquisador está levando a um conjunto preocupante de desdobramentos. Esses vão desde a instalação de climas de rivalidade e disputa entre colegas, acompanhada de uma busca cada vez mais frenética e desmedida por espaços editoriais qualificados por parte daqueles que estão nas universidades e outras instituições ligadas à produção do conhecimento [...]. (REGO, 2014, p. 328).

Ante o posicionamento de Rego (2014), pretende-se aqui imprimir algumas reflexões, a partir das quais se acredita que embora o campo se caracterize relativamente autônomo, mesmo que não houvesse as cobranças da Capes, os sujeitos continuariam lutando e aderindo ao sistema de estratégias por disputas de posições, por haver ali uma cultura própria, como se observa:

Os cientistas têm em comum características que, em certos aspectos, os unem e, noutros aspectos, os separam, os dividem, os opõem – fins, por exemplo, mesmo os mais nobres, como encontrar a verdade ou combater o erro – e também tudo o que determina e possibilita a competição, como uma cultura comum, que também é uma arma nas lutas científicas. Os investigadores, tal como os artistas e os escritores, estão unidos pelas lutas que os opõem, e as próprias alianças que os podem unir têm sempre algo que ver com as posições que ocupam nessas lutas. (BOURDIEU, 2008, p. 68).

Essa condição nos permite também afirmar que a simples existência da prática científica no meio acadêmico incita disputas implícitas pelo poder simbólico (BOURDIEU, 2002, 2008, 2013), e dentro dessa fonte de interpretação enquadram-se também os grupos de pesquisas, nos quais os pesquisadores são concorrentes entre si em buscados melhores lugares, posições e gratificações; ao mesmo tempo, eles se tornam pares e instauram um campo onde se propalam relações egoístas aparentemente veladas.

Um grupo de pesquisa é caracterizado por representação social interessada. Pertencer a ele não neutraliza os pesquisadores do jogo científico presente na academia; esses têm

maneiras de atuação que os tornam permanentes (*habitus* científicos), ou seja, as disputas estimuladas e institucionalizadas pela universidade não são deixadas de lado quando participam de um grupo de pesquisa; eles carregam interesses maiores, em busca de um domínio científico sobre a área, “[...] cada agente age sob a pressão da estrutura do espaço que se impõe a ele tanto mais brutalmente quanto seu relativo seja mais frágil. Essa pressão estrutural não assume, necessariamente, a forma de uma imposição direta que se exerceria na interação (ordem, ‘influência’ etc.)”. (BOURDIEU, 2004, p. 24).

São disputas e alianças, antagonismo acadêmico, que vêm constituir o capital específico do pesquisador, pois o “[...] Capital Científico de um agente lhe atribui poder simbólico no Campo Científico específico de atuação [...]”. (LUCAS, 2014, p. 54).

Para Bourdieu (2008), a própria estrutura do capital, isto é, o próprio *habitus* do pesquisador vai determinar o capital científico. O teórico assevera que a própria organização do campo vai alcançar os recursos simbólicos, como, por exemplo, a posição que tal pesquisador ocupa na hierarquia institucional. (HAYASHI, 2013b).

Nesse pertencimento ao jogo em busca de posições, a dinâmica do comportamento dos pesquisadores determinará qual a real estrutura do campo, onde os designados como dominantes e os dominados estabelecerão uma “cumplicidade objetiva” em prol de algo que seja significativo para eles, como a participação no campo científico. (LAHIRE, 2002).

[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem. (BOURDIEU, 2012a, p. 07-08).

Essa cumplicidade objetiva é sentida e aceita por todos os pesquisadores, tanto os que já estão no campo científico como os recém-chegados na academia; ou seja, eles convivem e são coniventes com as imposições de forças que proporcionam aos dominantes a legitimidade de agir, ditar as condições de acesso e estruturar as relações internas do próprio campo em busca do reconhecimento maior, o científico.

2.2 O Sistema de Recompensas Mertoniano Ainda Presente no Meio Científico

A natureza do sistema de recompensas que caracteriza o jogo no campo científico se funda no reconhecimento atribuído aos pesquisadores. Esse reconhecimento se manifesta como um subproduto do próprio sistema avaliativo acadêmico. (HAYASHI, 2013b).

Tão ecoada por Merton (2013), a passagem bíblica denominada **Parábola dos Talentos** reflete de forma análoga o que representa no campo científico um sistema de

recompensas: “porque a todo aquele que tem será dado e terá em abundância, mas daquele que não tem, até o que tem será tirado”. (BÍBLIA, Mateus, 25: 29).

Significa receber dos pares um composto de atribuição de créditos: prestígio, autoridade, reconhecimento, honrarias e premiações (Nobel). O que Merton (2013) denomina como “Efeito Mateus” é o momento em que a ciência coloca em evidência os cientistas renomados e lhes confere créditos e mais créditos.

Segundo o autor, a forma como se aplica o reconhecimento científico por parte dessa analogia seria a:

[...] intensificação dos incrementos de reconhecimento pelos pares dos cientistas de grande reputação por suas contribuições particulares, em contraste com a minimização ou recusa desse reconhecimento para os cientistas que ainda não deixaram sua marca. (MERTON, 2013, p. 206).

Fica patente que os pesquisadores já consolidados com seu capital científico podem impactar mais que os outros recém-chegados à academia. Conforme aponta Meadows (1999, p. 102), os “[...] pesquisadores famosos podem, muitas vezes, sem querer, desviar a atenção que se dirigiria para seus colegas menos conhecidos”.

Na verdade, o sistema de recompensas existente vem acirrar ainda mais a competição entre os pesquisadores. Meadows (1999) coaduna com esse pensamento quando pondera sobre esse efeito: “[...] cientistas notáveis naturalmente atraem mais atenção do que seus colegas. Isso serve para acentuar sua importância e assim atrair ainda mais atenção para eles”. (MEADOWS, 1999, p. 102).

Nota-se que o “Efeito Mateus” vem repercutir também nos periódicos considerados mais legitimados pelas instituições, “[...] pesquisas mencionadas em periódicos importantes que têm maiores chances de serem citadas” (MEADOWS, 1999, p. 90), já que conseguem ter maior visibilidade no cenário científico e direcionam o interesse dos pesquisadores que reconhecem os melhores periódicos qualizados de sua área para publicar.

Meadows (1999) recepciona o sistema de recompensas e relaciona-o com a instituição da qualidade. Nessa perspectiva, quanto mais o pesquisador recebe honrarias e financiamentos, mais motivado perante tais incentivos ele fica e, com isso, vai aspirando mais canais de comunicação considerados por ele como dominantes.

Toma-se neste trabalho o devido cuidado em destacar as contribuições de Merton para a ciência, visto que este sempre envolveu em seus estudos para a comunidade científica uma composição amistosa com o Estado e caracterizou seus conceitos dentro do estruturo-funcionalismo. Para Merton, “[...] quatro conjuntos de imperativos institucionais

compreendem o *ethos* da ciência moderna: universalismo, comunismo, desinteresse, ceticismo organizado”. (MERTON, 2013, p. 185).

Nesse sentido, compete salientar que Bourdieu (2008) preferiu mencionar a comunidade científica com a denominação terminológica de campo científico, por considerar que essa não revela pensamentos comuns, mas se constitui um espaço onde se instalam disputas pelo poder científico, um lugar de lutas que possui suas próprias regras e ao mesmo tempo autorregula.

[...] a ciência é um facto social transversalmente histórico sem implicar que as suas produções são relativas às condições históricas e sociais da sua emergência, é porque o ‘sujeito’ da ciência não é um *colectivo* integrado (como pensavam Durkheim e a tradição mertoniana), mas um campo e um campo absolutamente singular, em que as relações de força e de luta entre os agentes e as instituições estão submetidas às leis específicas (dialógicas e argumentativas) decorrentes de duas propriedades fundamentais, intimamente ligadas entre si: o fechamento sobre si mesmo (ou a concorrência dos pares) e a arbitragem do real, que enunciei atrás. (BOURDIEU, 2008, p. 99).

Ao reportar-se às abordagens quantitativas das produções científicas que tanto são criticadas por estudiosos da área sobre o modelo capitalista acadêmico (BERNARDO, 2014; REGO, 2014; BIANCHETTI; VALLE, 2014), acredita-se que não há como tratar da análise métrica das produções sem abordar o lado qualitativo da prática científica.

Bourdieu (2008) é enfático ao afirmar que a cientometria apoia-se em análises quantitativas, pois ela, como as outras métricas, segue o caráter estruturalista mertoniano. Por isso, Bourdieu (2008) sugere analisar sempre os índices avaliativos sob a perspectiva do capital científico (puro e institucional).

Essa exegese é perceptível em Bourdieu, quando declara que as

[...] avaliações cientométricas ou bibliométricas são formas tecnocráticas de avaliação que não servem para avaliar a ciência em si, mas apenas acumulam o exercício de poder nas mãos dos administradores institucionais. É preciso que o próprio campo tenha capacidade de julgar quem seria legítimo para avaliar a pesquisa, pois só assim critérios de avaliação autônomos e reflexivos seriam capazes de formar juízo acerca da prática científica ao mesmo tempo que respeitariam as especificidades democráticas do campo. (MOREIRA JUNIOR; ANDRADE, 2014, p. 178).

Evidenciam-se no campo regras invisíveis, que podem se alterar qualquer momento, mas precisam ser interpretadas, uma vez que o *habitus* científico é o elemento estrutural do campo, conforme as normas estabelecidas pela ciência. (BOURDIEU, 2008).

A atuação do pesquisador dentro do campo nos permite entender que há no meio acadêmico uma disputa pelo controle e pela legitimação no espaço institucional, e também e

propaga uma relação de poder entre posições, mais precisamente entre os pesquisadores dominantes e os periféricos, os recém-chegados na universidade.

Logo se compreende que a própria lógica das relações determina o que vai ou não prevalecer no meio acadêmico e para quais direcionamentos vão delinear as pesquisas. Por meio desses *habitus* será determinado qual discurso científico prevalecerá, pois o

[...] discurso científico é um reflexo *directo* da realidade, um puro registro, e a visão construtivista relativista, segundo a qual o discurso científico é produto de uma construção, orientada por interesses e estruturas cognitivas, que produziria visões múltiplas, subdeterminadas pelo mundo, desse mundo. (BOURDIEU, 2008, p. 107).

É preciso entender que há na universidade os ocupantes de posições de destaque e esses elaboram os discursos caracterizadores da legitimidade. Conforme já foi supracitado, eles definem o que é ciência.

Outra análise cabível do “Efeito Mateus” é quando se exalta o capital social herdado, como aquele sobrenome que alcança certo prestígio entre as cadeiras, “[...] quanto mais conhecidos são os investigadores (pelo sistema escolar e, depois, pelo mundo científico), mais produtivos são e continuam a ser”. (BOURDIEU, 2008, p. 25).

O autor enfatiza que o reconhecimento almejado na universidade é o crédito científico que o pesquisador vai adquirindo por suas contribuições particulares no seu *modus operandi* científico.

Isso acontece quando os próprios pesquisadores reconhecem o pesquisador, por meio das avaliações dos pares/concorrentes, dentro do próprio campo de estudo. Já a notoriedade ocorre quando o estatuto é conquistado fora dele; é o reconhecimento externo ao campo.

Essa situação vai se institucionalizando na universidade, onde o cientista mais famoso consegue sempre mais crédito – novamente o (Efeito Mateus) - e, conseqüentemente, isso favorecerá toda a sua trajetória acadêmica, de modo a ser rotulado como o pesquisador mais produtivo, como um efeito em cascata, já que incidirá no seu reconhecimento e proporcionará mais força e legitimação no campo científico.

2.3 O Campo e o Capital Científico Sob o Olhar Reflexivo de Pierre Bourdieu

Antes de analisar como se organizam os pesquisadores quanto as suas imposições e estratégias dentro do campo ao qual pertencem, é importante enfatizar primeiramente como se constitui a teoria do campo para Bourdieu.

Dentro dessa perspectiva, é oportuno explicar que as próprias áreas do conhecimento se organizam como tais por meio dessas relações objetivas existentes no campo, daí sobrevêm as buscas por posições de destaques e disputas veladas dentro de determinado campo, o qual é definido

[...] como universo relativamente autônomo de relações específicas: com efeito, as relações imediatamente visíveis entre os agentes envolvidos na vida intelectual – sobretudo as *interacções* entre os autores ou entre autores e editores – tinham disfarçado as relações *objectivas* entre as posições ocupadas por esses agentes, que determinam a forma de tais *interacções*. (BOURDIEU, 2012a, p. 65-66).

Ortiz (1983) aborda em suas inquietações, sob o olhar de Bourdieu, que o interessante das relações objetivas não era discutir os elementos conscientes dos pesquisadores, mas sim os mecanismos imperceptíveis existentes de modo a entender as forças, as disputas, as estratégias e os verdadeiros interesses que estão em jogo no campo científico.

É justamente essa a proposta deste trabalho, que nos permite ainda refletir modestamente se essas lutas invisíveis na academia, apontadas por Bourdieu, seriam as mesmas imperceptíveis na universidade e em um grupo de pesquisa, ou se de certa forma existe consciência nessas relações objetivas.

O importante para Bourdieu era analisar as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos com a ciência para assim entendermos como se configuram as suas estratégias, e consequentemente como a ciência é concebida e praticada na universidade. (ORTIZ, 1983).

2.3.1 Estratégias Próprias do Campo

Os agentes¹⁰ se inserem no jogo acadêmico e impõem as suas estratégias, que levam a refletir sobre as problemáticas de pesquisa no seu percurso institucional. Influenciados por suas escolhas e métodos de investigação, os pesquisadores são inclinados a pesquisar seguindo as ordens dominantes existentes no campo.

Essa relação é perceptível quando se compreende o campo como

[...] uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são objetivamente definidas, na sua existência e nas determinações que impõem sobre seus ocupantes, agentes ou instituições, por sua situação presente e potencial na estrutura de distribuição dos tipos de poder (ou capital) cuja posse comanda acesso aos lucros específicos que estão em jogo no campo, bem como pela relação objetiva com outras posições (dominação, subordinação, etc.). (BOURDIEU, 2005, p. 150, tradução nossa).

¹⁰ Bourdieu aborda em seus trabalhos a designação “agentes” em vez de “pesquisadores”.

Nesse momento torna-se importante investigar como a produção científica se institui na universidade e, para tal, buscar-se-á responder as já aludidas inquietações, e a partir de então entender como essas relações desenvolvem a teoria do campo social, termo-chave enfatizado por Bourdieu.

A prática científica é um ato social; portanto, torna-se imprescindível observar como os pesquisadores se articulam, isto é, como constroem o seu *habitus* científico, aqui definido como um comportamento social e individual. Cumpre elucidar que essa terminologia não representa apenas uma conduta individual; o seu alcance abarca também um grupo ou uma determinada classe, e nesse contexto necessário se faz esclarecer que “[...] o processo de interiorização implica sempre internalização da objetividade, o que ocorre certamente de forma subjetiva, mas que não pertence exclusivamente ao domínio da individualidade”. (ORTIZ, 1983, p. 17).

No cenário que se apresenta, é relevante então verificar como se estabelecem as estruturas internas de um grupo de pesquisa, no caso a do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS, pois a organização de um grupo não seria um mecanismo de preservação no campo, uma verdadeira estratégia. Se recorrermos aos ensinamentos de Bourdieu (2013), não seria um *interesse desinteressado* da regra do jogo?

Ortiz (1983, p. 18) escreve que

A situação particular que enfrenta um ator social específico se encontra, portanto, objetivamente estruturada; a adequação entre o *habitus* e essa situação permite, desta maneira, fundar uma teoria da prática que leve em consideração tanto as necessidades dos agentes quanto a objetividade da sociedade.

Importa evidenciar que o ato de trabalhar coletivamente pode ser considerado uma estratégia para negociar o conhecimento, pois os pesquisadores jogam as regras disponíveis oferecidas pelo próprio campo científico.

Para Bourdieu (2013), a ciência não pode ser considerada neutra como proclamada pelos respeitáveis autores contemporâneos que destoam do ideal do produtivismo acadêmico, sobretudo quando enfatizam nos seus discursos que a prática científica deve ser naturalizada no meio acadêmico como “desinteressada”, perpetuando-se a importância da liberdade acadêmica.

Em contraposição a isso, Bourdieu (2013) ressalta que a simples presença, a própria manutenção no campo e as estratégias empregadas envolvem interesses pessoais, de acordo com os quais os agentes buscam acessos e aquisições. Seria uma procura implícita em torno do capital simbólico, atrás dos seguintes elementos: legitimidade, prestígio e autoridade.

E é nessa linha de raciocínio que a universidade deve ser compreendida, como:

[...] um campo de forças dotado de uma estrutura e também um espaço de conflitos pela manutenção ou transformação desse campo de forças [...]. É na relação entre os diferentes agentes (concebidos como <fontes de campo>) que se engendra o campo e as relações de força que o caracterizam (relação de forças específica, propriamente simbólica, dada a <natureza> da força capaz de se exercer nesse campo, o capital científico, espécie de capital simbólico que age na e pela comunicação). Mais exatamente, são os agentes, ou seja, os cientistas isolados, as equipes ou os laboratórios, definidos pelo volume e pela estrutura do capital específico que possuem, que determinam a estrutura do campo que os determina, ou seja, o nível das forças que se exerce sobre a produção científica, sobre as práticas dos cientistas. (BOURDIEU, 2008, p. 52).

Como uma Instituição social que se identifica com um campo de poder, um espaço de construção social nutrido por estruturas cognitivas dos seus pesquisadores, onde submergem verdadeiros jogos de interesses:

[...] o campo universitário tem sua lógica própria e os conflitos entre as frações de classe mudam completamente de sentido quando se revestem de forma específica de um ‘conflito de faculdades’ – para falar como Kant. Se os dois polos do campo universitário se opõem fundamentalmente segundo seu grau de dependência em relação ao campo do poder e às imposições ou às incitações que ele propõe ou impõe, as posições mais heterônomas nunca estão totalmente livres das exigências específicas de um campo oficialmente orientado para a produção e a reprodução do saber e as posições mais autônomas nunca estão completamente isentas das necessidades externas da reprodução social. (BOURDIEU, 2013, p. 83).

Como se vê, o campo universitário é um campo orientado para os modos de produção e reprodução do saber; as posições consideradas mais neutras na academia como o grupo de pesquisa, por exemplo, não estão livres das disputas pelo capital científico.

Bourdieu (2008) assevera que os pesquisadores sentem a necessidade de dominar o espaço. Por isso sua simples participação em um grupo de pesquisa não desincorpora o *habitus* científico que cada um carrega em si, pelo seu justo pertencimento ao campo científico.

Dáí se conclui que a participação em um grupo de pesquisa não descaracteriza os *habitus*; eles continuam compactuando da mesma postura comportamental, isto é, o mesmo *modus operandi* consagrado no campo científico e usufruem das armas que a própria ciência lhes propicia.

Seria uma verdadeira inclinação ao domínio pelo espaço simbólico, onde se percebem hierarquias, e posições intelectualmente dominantes e dominadas, pois o

[...] campo universitário é, como todo campo, o lugar de uma luta para determinar as condições e os critérios de pertencimento e de hierarquia legítimos, isto é, as propriedades pertinentes, eficientes, próprias a produzir – funcionando como capital – os benefícios específicos assegurados pelo campo. (BOURDIEU, 2013, p. 32).

Bourdieu (2013) considera esse ambiente como propriedades pertinentes àquelas institucionalizadas pela academia. Nota-se tal fato quando ele se reporta às posições de destaque, nas referências oficiais, como a de titulação, dentro de uma prática rotineira do próprio campo universitário.

Desse modo, fica relevante entender: qual o sentido real dessas lutas dentro do grupo?

As estratégias seriam instrumentos e formas para a manutenção no campo que é permeado por disputas e alianças, então “[...] o campo impõe, simultaneamente, a competição ‘egoísta’ – e os interesses, por vezes, arrebatados que esta origina, através, por exemplo, do receio de ser ultrapassado nas suas descobertas – e o desprendimento”. (BOURDIEU, 2008, p. 77).

Por isso, é relevante analisar o comportamento dos pesquisadores pertencentes ao grupo de pesquisa do Observatório, utilizando os conceitos-chave bourdieusianos: campo, *habitus* e o *modus operandi*.

Uma vez que esses elementos são incorporados pelos próprios pesquisadores do grupo, pela imperativa observância às normas da ciência, que os leva a produzir trabalhos científicos dentro do subcampo Violência Escolar, é importante identificar de que forma desenvolvem o *habitus* científico frente à cultura acadêmica da prática científica, pois julga-se num primeiro momento que essas relações são mesmo veladas, por transcender as vontades individuais e coletivas dos pesquisadores.

Ante as considerações que se pautam sobre o termo *habitus*, vale frisar como é determinado o *habitus* científico:

[...] é uma regra feita pelo homem ou, melhor, um *modus operandi* científico que funciona em estado prático segundo as normas da ciência sem ter estas normas na sua origem: é esta espécie de sentido do jogo científico que faz com que se faça o que é preciso fazer no momento próprio, sem ter havido necessidade de tematizar o que havia que fazer, e menos ainda a regra que permite gerar a conduta adequada. (BOURDIEU, 2012a, p. 23).

Quanto ao *habitus*, observa-se que ele se divide entre objetivo e subjetivo, além de ser possível detectá-lo entre os conjuntos de comunicações e compartilhamentos de ideias que compactuam com as relações individuais e coletivas de cada pesquisador, como o modo de agir, refletir, exprimir e avaliar dentro do grupo.

Em linhas gerais abstraem os ensinamentos e concebem o *habitus* como um conhecimento adquirido que indica um capital incorporado de um indivíduo num sentido quase postural e o *habitus* científico como um modo de se postar orientado pelas normas da ciência, como se fosse uma condição “[...] que não tem necessidade de raciocinar para se

orientar e se situar de maneira racional num espaço” (BOURDIEU, 2012a, p. 62). Esse último manifesta um discurso institucionalizado, no qual a comunicação científica dos pesquisadores se ajusta aos moldes aceitáveis pela ciência pré-estabelecida, em um sentido normativo.

2.3.2 Capital Científico

O emprego etimológico do capital associa-se à acumulação de bens, ou formas de riqueza (CUNHA, 2007; THEODORSON, 1978). Bourdieu (2008) ampliou essa concepção marxista e frisou que seu uso não se restringe ao acúmulo de bens ou riquezas, como um instrumento de poder. Ele vê essa percepção se aplicar também em qualquer manifestação social, inclusive na ciência.

Para Bourdieu (2004), as desigualdades sociais não provêm somente da regulação econômica do mercado, como preconizava Marx, mas por influência também de outros elementos que interferem no capital cultural e por consequência, impedem o acesso aos bens simbólicos. Instalam-se aí verdadeiras lutas internas no campo, que constituem a apropriação de um capital específico.

Nesse movimento de luta por posições na estrutura do capital define-se o capital científico como “[...] uma espécie particular do capital simbólico (o qual sabe-se, que é sempre fundado sobre atos de conhecimento e reconhecimento na Academia) que consiste no reconhecimento (ou no crédito) atribuído pelo conjunto de pares-concorrentes no interior do campo científico”. (BOURDIEU, 2004, p. 26).

No campo da ciência existem duas espécies de capital científico, a saber: o puro e o institucional, que serão caracterizados a seguir.

O capital puro é aquele relacionado ao estado propriamente científico que permite ao pesquisador receber, por meio dos seus pares/concorrentes do campo, o desejado prestígio científico institucionalizado por publicações, honrarias, prêmios Nobel etc.

Para Meira e Meira (2007, p. 3), “o capital científico ‘puro’ é adquirido pela via da consagração, do reconhecimento ao progresso da ciência, das invenções e descobertas”. Já o capital institucional ou político é aquele denominado como capital do poder sobre o mundo científico que vincula os pesquisadores a participações técnicas (comissões, cargos, bancas de concurso, reuniões etc.) nas instituições científicas. (CAREGNATO; MIORANDO; LEITE, 2014).

Constatam-se na academia dois pólos de força como verdadeiros “jogos duplos”, fundados no prestígio e no poder, no qual nota-se a busca do reconhecimento externo (internacional) e interno (nacional) entre os pares.

Acentua-se a presença de uma dualidade de poderes no campo científico, onde poderá se encontrar um distanciamento de um poder ou um compromisso híbrido. (BOURDIEU, 2004).

O ponto de partida para entender a lógica do jogo se inicia quando os docentes atuam na universidade e começam a desenvolver inúmeras atividades técnico-científicas que abarcam, desde o compromisso com o ensino, até a participação da gestão universitária, onde precisam se dedicar a mais uma ocupação, conforme lembram Teixeira et al. (2012, p. 181):

um exemplo que pode explicar esta lógica é que ocupar cargos administrativos e políticos dentro da universidade exige tempo, o que pode comprometer, por exemplo, o nível de publicação acadêmica do pesquisador, a qual garantiria ao mesmo um capital científico puro.

Em consonância com esse princípio, Bourdieu (2004) observa que quanto mais os cientistas se aproximam do poder político, mais se afastam do prestígio científico, mas enfatiza que essa divisão de poderes pode ser benéfica ao campo, visto que o poder institucional pode atrair recursos financeiros para as pesquisas.

Para o autor, os dois capitais podem coexistir, isto é, a presença de um não anula o outro, mas

por razões práticas, o acúmulo das duas espécies de capital é, como já indiquei, extremamente difícil. E podem-se caracterizar os pesquisadores pela posição que eles ocupam nessa estrutura, isto é, pela estrutura de seu capital científico ou, mais precisamente, pelo peso relativo de seu capital ‘puro’ e de seu capital ‘institucional’: tendo, num extremo, os detentores de um forte crédito específico e de um frágil peso político e, no extremo oposto, os detentores de um forte peso político e de um frágil crédito científico (em especial, os administradores científicos). (BOURDIEU, 2004, p. 38).

Por isso vale explicitar que o foco maior da pesquisa se direciona para a vertente do capital puro, que se adquire com as práticas científicas das investigações, descobertas e culmina em publicações.

E para avaliar essas publicações, recorrer-se-á aos estudos métricos, mais precisamente ao estudo de citação que constitui importante indicador da atividade científica e permite identificar a partir do referencial teórico a identidade institucionalizada pelo grupo e os laços sociais que os unem.

3 O USO DOS INDICADORES BIBLIOMÉTRICOS PELA CIENTOMETRIA NAS COMUNICAÇÕES CIENTÍFICAS

La cientimetría se esconde, em cierto modo, tras los actores a los que deja la tarea de construir sus propios universos. (CALLON; COURTIAL; PENAN, 1995).

A gênese dos estudos bibliométricos se fundou sob a centralidade de três estudos embrionários, a saber: Lei de Lotka (1926), Lei de Bradford (1934) e a lei de Zipt (1949).

De natureza interdisciplinar, a bibliometria faz interfaces com várias disciplinas científicas das ciências sociais, tal como a sociologia da ciência, produtora de novas dinâmicas que contribuem com o entendimento do campo científico.

Compreendido como subcampo da bibliometria, a Cientometria¹¹ surge inicialmente como uma técnica quantitativa que corresponde às políticas científicas, mas avança em suas aplicações ao incorporar nos seus estudos a análise do comportamento dos pesquisadores à luz dos elementos macro e microssociais da ciência. (HAYASHI, 2013b).

Nutrida pelas concepções de Callon, Courtial e Penan (1995), a pesquisa acredita que a cientometria não é uma disciplina a qual se reduz exclusivamente a uma abordagem quantitativa, mas um instrumento de apoio para interpretação das relações interiores de um grupo de pesquisa. Devido a isso, define-se como um instrumento da sociologia da ciência que investiga a atividade da pesquisa científica como fenômeno social. (SPINAK, 1998).

Os subdomínios da cientometria aplicam instrumentos que medem a política científica e o planejamento de pesquisa (HAYASHI, 2013b); mas a presente pesquisa buscou outra abordagem com o uso dos indicadores bibliométricos, centrados na sincronização das métricas ao aspecto sociológico do campo científico.

Esses dados, quando relacionados, são essenciais para entender o ciclo da gestão, reprodução e disseminação da ciência. Ponderamos, no entanto, em afirmar que esses índices não representam a verdade, mas se configuram como aproximações dela. (MUGNAINI; JANUZZI; QUONIAM, 2004).

Como índices bibliométricos mais expressivos que refletem diretamente as atividades de pesquisa, destacam-se os índices de produção; índices de ligação; e os índices de citação.

¹¹ Um dos precursores sobre o estudo cientométrico, Solla Price utiliza a expressão terminológica “a ciência da ciência” para a cientometria. (SOLLA PRICE, 1976).

O índice de produção se constitui “[...] pela contagem do número de publicações do pesquisador, que busca, por meio de sua produtividade, refletir o impacto junto à comunidade científica a qual pertence”. (OLIVEIRA; GRACIO, 2011, p. 20).

Já os indicadores de ligação são aqueles índices construídos por meio de coocorrências de autoria, citações e palavras, aplicados para instituir mapas conceituais e estruturais do conhecimento e as redes de relacionamento entre pesquisadores, instituições e países.

Sob essa perspectiva, procurou-se analisar conceitualmente a construção de coocorrências de palavras para entender a representação social do grupo de pesquisa. Desse modo, as escolhas pelos termos adotados pelos pesquisadores não poderiam ser omitidas nessa pesquisa.

Nesse ponto de vista, abordar as preferências dos pesquisadores sobre uso de palavras-chave pode revelar relações terminológicas significativas, tais como

[...] el desarrollo de las disciplinas y subdisciplinas, la relación entre ciencia y tecnología, la obsolescencia de los paradigmas científicos, la estructura de comunicación entre los científicos, la productividad y creatividad de los investigadores, las relaciones entre el desarrollo científico y el crecimiento económico etc. (SPINAK, 1998, p. 142).

Para Bardin (1977, p. 202), “[...] a análise das co-ocorrências parece ter utilidade para clarificar as estruturas da personalidade, as «preocupações latentes» individuais ou colectivas, os estereótipos, as representações sociais e as ideologias”.

Observa-se que até mesmo a não adoção de termos apropriados pelo campo do conhecimento pode ser significativo para a análise (BARDIN, 1977) e evidenciar relações de equivalência, ou até mesmo a presença de termos vizinhos, mas que no final se interligam na mesma estrutura conceitual.

Para que a análise de conceito aconteça, remete-se a uma leitura técnica, necessária para a extração de palavras limítrofes representativas no conteúdo do texto, como acentua Dodebei (2002):

[...] a literatura nos mostra que vem existindo uma fértil discussão sobre o conceito de representação em cada domínio, na tentativa de explicitar a operação interna de um campo do conhecimento e sua interação com as bordas ou limites de campos vizinhos. (DODEBEI, 2002, p. 31).

Destaca-se que a escolha por um descritor não se limita a uma técnica. O pesquisador, ao atribuir um termo representativo do texto, considera para sua escolha o sistema de convenções sociais, seguindo uma ideologia socializada na academia.

No entanto, considera-se que as terminologias adotadas pelos pesquisadores devem possuir um rigor maior quanto às suas preferências, para que não haja emprego de forma indiscriminada, pois são percebidas escolhas com instabilidades terminológicas por se basearem em orientações teórico-metodológicas pessoais. (DODEBEI, 2002).

Preocupar-se com os termos é importante para facilitar o acesso à ideia e ao conhecimento, e por isso, consultar um tesouro representativo da área é de suma importância, como no campo da educação, que possui o *Thesaurus* Brasileiro de Educação (Brased)¹², cuja estruturação permite formar relações conceituais.

O tesouro é formado por sistemas conceituais, ou seja, para cada conceito só pode existir uma representação simbólica¹³, e ele organiza os significados em detrimento dos símbolos utilizados pela linguagem natural para representar as palavras, um verdadeiro sistema de tradução para linguagem controlada. (DODEBEI, 2002).

Já os indicadores de citação são os índices que representam a quantidade de citações recebidas de uma publicação, eles “[...] medem a quantidade e o impacto das ligações ou relações entre as publicações científicas”. (SPINAK, 1998, p. 145, tradução nossa).

Para visualizar ligações presentes nas produções do grupo de pesquisa do Observatório, o estudo aplicou o indicador de citação imbricado com o de ligação e pautou-se nas análises dos estudos de citação; de cocitação; de afinidades teóricas e pelo mapeamento de coocorrência de palavras.

Estabelecido o perfil de análise, a construção dos índices permitirá:

[...] a) entender a estrutura intelectual de campos científicos e ultrapassar o aspecto meramente quantitativo das análises de produção científica; b) analisar e avaliar a atividade científica, a produtividade e o avanço do conhecimento no desenvolvimento da ciência e tecnologia; c) compreender os processos e estruturas cognitivas e sócio-organizacionais do campo científico. (HAYASHI, 2013b, p. 26).

Diante disso, a análise das citações é definida como um “[...] conjunto de uma ou mais referências bibliográficas que, incluídas em uma publicação, evidenciam elos entre indivíduos, instituições e áreas de pesquisa, visto que mostram o relacionamento de uma publicação com outra”. (FORESTI, 1989 apud ARAUJO, 2006, p. 18).

¹²“O *Thesaurus* Brasileiro da Educação (Brased) é um vocabulário controlado que reúne termos e conceitos, extraídos de documentos analisados no Centro de Informação e Biblioteca em Educação (Cibec), relacionados entre si a partir de uma estrutura conceitual da área. Esses termos, chamados descritores, são destinados à indexação e à recuperação de informações”.(INEP, 2016).

¹³O processo de formação conceitual para elaboração do Tesouro se faz por consenso de profissionais especializados no assunto, devendo-se observar dois princípios consoantes para sua aplicação: a garantia literária e do endosso do usuário. (DODEBEI, 2002).

Para se mensurar a interlocução social entre os pesquisadores do grupo utilizou-se em consonância ao estudo de citações a análise de cocitação, que “[...] constituem análises relevantes porque contribuem para a visualização do processo comunicativo e das interações ocorridas, que explicitam a estrutura subjacente de um domínio do conhecimento”. (GRÁCIO; OLIVEIRA, 2014).

A análise de cocitação é um estudo associado à citação que consiste em analisar “[...] a frequência com que dois documentos, autores, periódicos ou países, entre outros, são citados de forma simultânea na literatura científica”. (GRÁCIO; OLIVEIRA, 2014).

Ademais, esse indicador de análise demonstra novos caminhos para a ciência, e revela a existência de relações intelectuais significativas existentes no campo científico, tais como: conceitos-chaves, métodos ou experiências compartilhadas. (SMALL, 1973).

Isso exposto será possível identificar quais as inter-relações de temas de pesquisas com as especialidades científicas de cada membro do grupo, quais os subtemas mais trabalhados e as conexões objetivas entre os pesquisadores, pois mediante a análise de cocitação será possível verificar quais as similitudes de ideologias teóricas são persistentes no subcampo científico.

Mediante a análise do perfil de citação, a investigação observará citações que certificam a presença de uma identidade para o grupo, como laços e até mesmo fecundidades imprevisíveis entre campos que flutuam constantemente. (CALLON; COURTIAL; PENAN, 1995).

Fica importante explicitar aqui em poucas linhas, o que leva o pesquisador a citar. Em resposta, muitos trabalhos evidenciaram sobre a mesma linha de percepção e abarcaram uma visão cognitivista, que aduzem como uma prática “mais ou menos consciente”. (VANZ; CAREGNATO, 2003).

Esse resultado confirma que o modo de citar é um ato subjetivo, pois, “[...] o que leva os cientistas a citarem depende de motivos complexos, entre eles, por exemplo, para se defender sua posição de algum ataque, ou para convencer os outros, e até mesmo para ganhar uma posição dominante na comunidade científica”. (HAYASHI, 2014, p. 300).

As citações tanto evidenciam as relações entre ideias, as realizações de um grupo de pesquisa, como podem também retratar a evolução de um campo específico do conhecimento. (MORAVCSIK; MURUGESAN, 1975 apud VANZ; CAREGNATO, 2003).

Há um movimento intelectual que rompe com a distinção entre o social e o científico, mas para que isso aconteça de fato, emprega-se o construtivismo social, que

[...] além de postular o abandono da visão funcionalista da ciência e ruptura da distinção entre o social e o científico, caracteriza-se pela concentração nas práticas internas da ciência e valorização de uma metodologia internalista, não eliminando, entretanto, a preocupação com os aspectos externalistas, isto é, a influência social; virada linguística da ciência, nas quais estão incluídas abordagens semióticas e do discurso da ciência e de cientistas. (HAYASHI, 2013b, p.20).

Para que essa interpretação social aconteça como fonte de análise, a pesquisa reconhece o discurso impresso da ciência pelos sinais extraídos das produções científicas do grupo de pesquisa.

3.1 O Discurso Científico na Comunicação Científica

Diante das disputas que sustentam o poder no campo científico, neste tópico apresentamos como se configuram as características dos discursos científicos os quais permeiam as produções científicas dos pesquisadores, pois é:

[...] interessante ver como o autor concebe o processo da produção do discurso da pesquisa, não o é menos seguir a passo a maneira como ele conta o seu desenrolar. Percebe-se que as intenções proclamadas encontram-se aí como que submersas por ondas de procedimentos discursivos, que dependem de um fazer e de uma escrita, ditos científicos, que os ultrapassam, porque são de natureza socioletal e/ou porque o autor os utiliza em nome de certa ética da pesquisa. (GREIMAS; LANDOWSKI, 1979, p. 36).

A ênfase no discurso científico se motiva porque há interesses pessoais e coletivos em jogo, incorporados de maneira imperceptível, “livres de qualquer suspeita”, como um saber não sabido, nos quais os sujeitos envolvidos não refletem sobre suas próprias práticas justamente por se apropriarem de um regime institucionalizado que naturaliza tudo isso. Por consequência, o meio acadêmico vai incorporando esse discurso e o legitima como aceito por todos e, portanto, dominante. (CERTEAU, 1998).

Destarte, entende-se que o discurso científico é socializado e se reveste de cientificidade, ou seja, corporificado pela aparência de verdade, transpassando um aspecto fundado de caráter positivado, caracterizado por dados incontestáveis sob as observâncias que regem a ética da pesquisa.

Para Foucault (2010, p. 10), o discurso científico é um indicador de verdade, uma imposição coercitiva de poder, em que a ciência tem o controle, e “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

O discurso científico não se compromete com uma ciência mais rigorosa ao tratar das condições que se manifestam para sua produção e encaixa-se dentro de um discurso denominado como possível sobre o mundo social, aquele socialmente aceito, pois a ciência é portadora de um discurso que busca ter uma dimensão universal, como lembra Bourdieu (2013, p. 53):

se a cientificidade socialmente reconhecida é uma aposta tão importante é porque, embora não haja uma força intrínseca da verdade, há uma força da crença na verdade, da crença que produz a aparência da verdade: na luta das representações, a representação socialmente reconhecida como científica, isto é, como verdadeira, contém uma força social própria e, quando se trata do mundo social, a ciência dá ao que a detém, ou que aparenta detê-la, o monopólio do ponto de vista legítimo, da previsão autoverificadora.

A ordem científica que a sociedade recebe reconhece o compromisso de reproduzir os “efeitos da ciência”, com a pretensão de alcançar a eficácia simbólica, aliada às conformidades externas à ciência, tal como as influências dos campos político, econômico e social. Para exemplificar, podem ser mencionados os financiamentos de pesquisas pelo Estado como também os financiamentos particulares, porque a ciência atende a interesses, e

a ciência social está sempre exposta a receber do mundo social que ela estuda os problemas que levanta a respeito dele: cada sociedade, em cada momento, elabora um corpo de problemas sociais tidos por legítimos, dignos de serem discutidos, públicos, por vezes oficializados e, de certo modo, garantidos pelo Estado. (BOURDIEU, 2012a, p. 35).

Mesmo com essa aparência em busca da verdade, Foucault (2010) acentua que a produção da ciência não se desvincula do poder nas relações, e é por meio da análise do discurso acadêmico que conseguiremos revelar quem são os sujeitos da ciência, ou melhor, os poderes legitimados os quais induzem confrontos e diálogos teóricos dentro do campo científico.

O discurso científico traz em cena a busca pelo saber (GREIMAS; LANDOWSKI, 1979), pois para se publicar as produções científicas, por exemplo, os pesquisadores necessitam se certificar das ideias as quais dão sustentação aos seus próprios enunciados, um discurso escrito que seguirá. Nesse aspecto, a utilização dos recursos das citações subsidiam do ponto de vista teórico as proposições desenvolvidas pelo cientista, e “[...] mais uma dessas atividades em que os indivíduos cooperam inconscientemente para alcançar uma importante meta comum”. (ZIMAN, 1979, p. 73).

Nesse sentido, torna-se importante investigar as “árvores de citações” (ZIMAN, 1979) dentro de um campo, e identificar como os trabalhos científicos fazem conexões com outras

pesquisas, com o objetivo de destacar as ideologias científicas presentes, pois segundo Funaro et alii. (2009, p. 350),

as conexões dadas pelas citações ou redes de citação, são entendidas por Balancieri (2004) como um conjunto de nós interconectados por uma ligação, em que os nós são os pesquisadores, e a ligação entre eles são as citações, onde dois pesquisadores podem ser considerados conectados ou ligados se um dos pesquisadores citou o outro em alguma produção científica.

As citações têm para Zarur (1994, p. 30) “[...] a função de medir a influência intelectual recíproca entre pesquisadores”, e o autor vê na citação um indicador que expressa um jogo simbólico existente, diferentemente da publicação que associa uma variável, o prestígio científico.

Como proposições cognitivas, as citações desempenham uma função simbólica e representam a ideologia da ciência (MACIAS-CHAPULA, 1998), que consiste em manter as “[...] tradições intelectuais e proporcionam o reconhecimento dos pares requerido para o efetivo trabalho da ciência como uma atividade social”. (MERTON, 2013, p. 227).

Sobre as ideologias teóricas presentes nas comunicações científicas dos pesquisadores, Pêucheux (2009) presencia as interferências ideológicas desde sua gênese:

o processo de produção dos conhecimentos é um ‘corte continuado’; ele é, como tal, coextensivo às ideologias teóricas, das quais ele não cessa de se separar, de modo que é absolutamente impossível encontrar um puro ‘discurso científico’ sem ligação com alguma ideologia. (PÊUCHEUX, 2009, p. 182).

Sobre as ideologias, cumpre enfatizar que o discurso da produção e reprodução do saber não se separa das intenções do aparelho ideológico do Estado, e

isso significa que as contradições que constituem o que chamamos as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção se repercutem, com deslizamentos, deslocamentos etc., no todo complexo das ideologias teóricas sob a forma de relações de desigualdade-subordinação que determinam os ‘interesses’ teóricos em luta numa conjuntura dada, e isso tanto no período que precede o começo histórico de uma ciência quando durante o desenvolvimento sem fim que esse começo inaugura. (PÊUCHEUX, 2009, p. 172).

O estudo desenvolvido por Pêucheux (2009) demonstra que a ciência também desempenha seu papel político, e a herança transmitida ao cientista está arraigada nas observâncias diretas ao Estado, o qual impõe socialmente a ordem à ciência. Em muitos casos, inclusive, não é surpreendente destacar que o próprio pesquisador é o Estado. (PÉCAUT, 1990).

O presente projeto de pesquisa sob o âmbito do Observatório da Violência nas escolas é um exemplo de ação implementada sob a conjuntura imperativa do Estado, pois é financiado pela Capes; entretanto, é necessário enfatizar que

[...] nem sempre os pesquisadores gostariam de ter seus estudos diretamente atrelados à máquina governamental, o que poderia cercear a autonomia de que devem se revestir as práticas universitárias e acadêmicas. No entanto, materializadas em projetos e programas educacionais, as ações políticas estão sendo constantemente submetidas à análise dos pesquisadores. (SANTOS; AZEVEDO, 2009, p. 548).

Essa representação do Estado é vislumbrada também por Bourdieu (2008), quando relata a força existente no campo e realiza uma significativa equiparação ao evocar que essa tensão se reproduz também por alguns pesquisadores, pois sua simples existência já ameaça outros pesquisadores, pela justa imposição de pensamento, determinada por sua reputação científica. (HAYASHI, 2013b).

Essa posição é também destacada quando se observa o interesse do pesquisador dominante pela conservação do poder científico:

um monte de lutas dentro do campo do poder são deste tipo, especialmente aquelas que visam conquistar o poder do Estado, isto é, recursos econômicos e políticos consentindo o Estado exercer poder sobre todos os jogos e todas as regras que as regulam. (BOURDIEU, 2005, p. 153, tradução nossa).

Bourdieu (2004, p. 55) pondera a existência de uma dependência na independência, pois são percebidas perfeitas ambiguidades num mesmo espaço, ou seja, o pesquisador precisa se servir do Estado para se libertar dele, “[...] uma vez que o Estado que assegura as condições mínimas da autonomia também pode impor constrangimentos geradores de heteronomia e de se fazer de expressão ou de transmissor das pressões de forças econômicas [...]”.

Por mais que se presencie no interior da Universidade um discurso desinteressado, não existe neutralidade durante as ações dos pesquisadores, já que a produção da ciência traz benefícios e bens simbólicos, nos quais:

os próprios intelectuais fazem parte desse sistema de poder, a ideia de que eles são agentes da ‘consciência’ e o discurso também faz parte desse sistema. O papel do intelectual não é mais o de se colocar ‘um pouco na frente ou um pouco de lado’ para dizer a muda verdade de todos; é antes o de lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da ‘verdade’ da ‘consciência’, do discurso. (FOUCAULT, 2012, p. 132).

Atenta-se, nesse contexto, para o fato de o pesquisador ter obrigatoriamente um compromisso com a ciência, sobretudo quando se refere ao discurso escrito. Cabe aqui enfatizar a necessidade de se resgatar o verdadeiro *ethos* científico, pois o que o cientista

escreve em sua prática sai da esfera privada para tomar o domínio público. Por consequência, caso haja fragilidades teóricas na sua origem, elas o comprometerão negativamente e proporcionarão seu descrédito social.

Até o momento é possível afirmar que, à luz dos referenciais condutores, a ciência padece de apreciação; logo, não há ciência sem comunicação. Por isso, ela é objeto de avaliação neste trabalho, onde comunicar-se acaba sendo um pré-requisito para o julgamento social, a tão exaltada “avaliação por pares”¹⁴.

3.2 A Comunicação Científica

O termo comunicação deriva do latim *comunicare*, que significa compartilhar ideias, participar de um processo de repartição de experiências, a fim de construir um patrimônio comum. (RABAÇA; BARBOSA, 2001).

Como propriedade comum, a comunicação se torna um processo social, no qual o ato de produzir cientificamente segue indissociável da prática de comunicar. Isso significa que não há ciência sem comunicação, pois o ato de comunicar “[...] tornou-se assim inseparável do próprio método científico, não havendo ciência sem divulgação creditada pela própria comunidade científica”. (FORMOSINHO, 2007, p. 24).

Esse movimento amplia quando se diagnostica que essa relação inclui relacionamentos intra-institucionais e institucionais (colégios invisíveis) e estabelece articulações científicas entre os pares. (PISCIOTTA, 2006).

Produzir cientificamente tornou-se um dos fatores mais relevantes para a promoção da carreira do pesquisador. Nesse viés cumpre apontar a importância dada ao ato de se publicar em periódicos qualizados e compactuar com o jargão existente no mundo acadêmico atual: “Tem *qualis*?”, o qual aclama a necessidade de se obter mais e mais créditos científicos.

O que torna a dinâmica interna da comunidade científica um campo de batalha são os anseios dos pesquisadores mediante o capital científico puro (BOURDIEU, 2008), pois procuram adquirir autoridade e prestígio científicos, assim como notoriedade no meio.

Ao referir-se ao capital de prestígio científico, é justo descrever que este está atrelado ao número de citações que o pesquisador recebe. Por essa direção, nota-se que a Universidade

¹⁴ A avaliação por pares representa o consenso científico social, é um dos pilares da construção da ciência moderna. (FORMOSINHO, 2007).

convive com uma gama de canais sociais encarregados de certificar essa produção e consequentemente a circulação dos bens científicos, pois a

[...] produção científica circula como parte de um grande sistema social e tem funções definidas, tais como apresentação de resultados de pesquisas, disseminação do conhecimento sobre as descobertas, atribuição de crédito e reconhecimento ao trabalho. (INDICADORES..., 2011, p. 08).

No entanto, o que se evidencia na academia é a valorização de dois únicos veículos de comunicação: “[...] os artigos de periódicos sujeitos a avaliação e os livros científicos ainda são considerados como as publicações definitivas dos resultados de projetos de pesquisa. São, por conseguinte, os itens que são preferencialmente lidos e citados pelos colegas”. (MEADOWS, 1999, p. 166).

Entre os canais, os que proporcionam maior visibilidade social das pesquisas são os periódicos científicos, por constituírem “[...] fonte documental principal que registra, organiza e expressa a produção científica, produção esta que é medida a partir do número e impacto dos artigos e outras comunicações publicadas em periódicos científicos”. (PACKER; MENECHINI, 2006, p. 237).

Como canal científico de acesso livre, a plataforma *Open Journal System* de revistas científicas gera maior sociabilidade no campo científico e se destaca como guia referencial para determinados campos de conhecimento:

é notória a importância dos canais de comunicação da ciência. Entre eles, os periódicos científicos, ocupam um lugar próprio. Características ligadas à relativa rapidez de produção e divulgação, alcance geográfico, capacidade de aglutinar interessados num tema, entre outras, tornam o periódico um veículo relevante e diferenciado face aos livros, anais de congressos e outros meios. (FUNARO et al., 2009, p. 354).

Entretanto, observa-se que em algumas áreas do conhecimento o livro ainda se constitui como fonte de estudo preponderante¹⁵.

Qualificado como informal ou semiformal, o evento científico também é um canal utilizado para difundir os trabalhos parciais ou em andamento. O seu uso possibilita troca de informações entre pesquisadores da área atrás de soluções para seus problemas de pesquisa e levam os atores do campo científico específico à expectativa da produção gerada:

[...] são um dos meios de divulgação da informação científica e tecnológica mais utilizados pelos cientistas e pesquisadores. Mesmo quando se trata de divulgar projetos de pesquisa, resultados iniciais e parciais, são eles um bom termômetro para verificar a aceitação pelos pares. (GUIMARAES; HAYASHI, 2014, p. 219).

¹⁵ Na a área das ciências humanas o principal veículo de publicação são os livros. (MEADOWS, 1999).

Dada a considerável importância conferida à comunicação, o trabalho coletivo é uma categoria que possibilita maior visibilidade no mundo acadêmico, por trazer “[...] grande impacto tanto na comunicação formal quanto na informal. Em pequenos grupos, ou em colaboração entre pares, todos os participantes podem ter uma visão razoável do projeto de pesquisa”. (MEADOWS, 1999, p. 109).

Essa participação democrática dos pesquisadores em grupos de pesquisa fortalece a construção social e motiva os pesquisadores a unirem esforços em prol de um assunto globalizado, que não atinge somente a situação local, a exemplo do fenômeno da violência escolar. Essa é a intenção do trabalho em parceria: remeter novas alternativas para os problemas sociais, num momento em que o Estado diretamente encontra-se ineficiente (MARTELETO, 2001) e assim acaba por delegar suas obrigações às agências de pesquisa.

Logo, a participação num grupo de pesquisa eleva o diálogo entre pares numa convergência ativa. Esse fator incide nas produções científicas dos pesquisadores à luz de diferentes enfoques de pensamento.

Essas divisões de trabalho por meio das relações estabelecidas de pesquisadores de diversas áreas representam o pensar social diante do objeto de pesquisa. Por consequência, as pesquisas dentro do discurso teórico-metodológico do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS exteriorizam parâmetros específicos de ação sob as influências teóricas de cada pesquisador.

Dentro dessa perspectiva, entender como se configura a identidade científica e como estabelecem as relações de mobilidades de temas para geração das construções de trabalhos científicos é essencial para o desenvolvimento da presente pesquisa.

3.3 A Configuração do Perfil dos Pesquisadores

De aparência integradora, o trabalho coletivo em equiparação aos trabalhos de autoria simples tem resultados positivos na comunicação científica. A parceria traz maior qualidade para os trabalhos devido às abordagens que desenham apontamentos de diversas especialidades. (OLIVEIRA; GRACIO, 2008).

Nesse sentido, reforça-se a afirmação de que as “[...] pesquisas feitas em colaboração mostram diferenças importantes se comparadas com as produzidas por pesquisadores que trabalham isoladamente” (MEADOWS, 1999, p. 109), podem gerar maior impacto no meio científico, uma vez que a participação de determinados atores dará maior peso social e,

consequentemente, maiores financiamentos das agências de pesquisa além de suscitar lucros simbólicos.

Dentro dessa óptica, para compreender as inclinações e preferências dos pesquisadores para a temática em análise, é preciso conhecer primeiramente a genealogia que os acompanha e o percurso de suas carreiras científicas, porque “[...] existem tantos tipos de trajetórias quantas maneiras de entrar, de se manter e de sair da pesquisa”. (ORTIZ, 1983, p. 136).

Faz-se necessário observar os detalhes que ensejaram as características profissionais individuais, que, nesse caso, se convergem em função de uma pesquisa maior. Importante também descrever, por meio do registro de sua trajetória acadêmica, o caminho trilhado por esses pesquisadores mais experientes, para explicar as suas vantagens em relação aos novatos, sobretudo no tocante à competição dentro de um grupo de pesquisa. Isso se dá devido ao fato de seu capital já ser reconhecido pelos pares, já que possui o atributo maior, a reputação científica.

Como legitimados pelo campo, os pesquisadores dominantes definem quais recursos serão incorporados pelas mesmas imposições, as requisições já versadas pelas próprias exigências do capital científico. Eles incorporam os elementos simbólicos do campo e desenvolvem um ciclo estático, no qual primeiramente se apoderam de recursos simbólicos existentes e, por seguinte, se apoderam do tema de investigação, consoante leciona Bourdieu (2004, p. 25):

[...] os pesquisadores ou as pesquisas dominantes definem o que é, num dado momento do tempo, o conjunto de objetos importantes, isto é, o conjunto das questões que importam para os pesquisadores, sobre as quais eles vão concentrar seus esforços e, se assim posso dizer, ‘compensar’, determinando uma concentração de esforços de pesquisa.

É importante considerar que os objetos “dignos de interesse” escolhidos encontram-se em torno de problemas que transcendem o olhar específico do pesquisador, isso porque na maioria das vezes ele mesmo não percebe a realidade circundante que as suas pesquisas revelam, principalmente quando elas impõem conceitos dominantes e traduzem um resultado controverso aos verdadeiros anseios dos próprios sujeitos da pesquisa. Assim, são cabíveis as indagações: “Pesquisar por quê?” e “Para quem?”

Pretende-se afirmar então que

[...] os dominados penetram nas pesquisas universitárias sob as lentes dos conceitos dominantes, são incluídos numa sociedade que os exclui, numa história que os vence periodicamente e numa cultura que os diminui sistematicamente. (CHAUI, 2001, p. 72).

Sobre as escolhas dos objetos, cumpre definir o conceito de Bourdieu a respeito da chamada “hierarquia social dos objetos científicos” e os motivos que levam um pesquisador a estudar um assunto em detrimento de outro. Para o autor, há mecanismos que separam os objetos simbólicos relevantes dos irrelevantes, tal como se nota: “os objectos comuns da pesquisa são realidades que atraem a atenção do investigador por serem ‘realidades que se tornam notadas’ por assim dizer, ao porem problemas – por exemplo, ‘as mães solteiras no gueto negro de Chicago’”. (BOURDIEU, 2012a, p. 28, grifos do autor).

Logo, o objeto de pesquisa socialmente reconhecido pelos pares são aqueles instrumentos que têm a probabilidade de sobressair no cenário científico,

para não correr o risco de voltar à filosofia idealista, que confere à ciência o poder de se desenvolver segundo sua lógica imanente, é preciso supor que os investimentos se organizam com referencia a uma antecipação - consciente ou inconsciente - das chances médias de lucro em função do capital acumulado. (ORTIZ, 1983, p. 125).

É crucial para um pesquisador antecipar-se nesse processo de escolha sobre os objetos de investigação, o que o permite compreender a lógica teórico-epistemológica dominante nas estruturas dos campos, principalmente quando se observam certos pesquisadores se apoderarem dos mesmos temas de pesquisa, da mesma linha teórica de pensamento, e por sequência adquirirem comportamento similar em suas produções. (HAYASHI, 2012).

Por isso, avaliar a natureza das produções é relevante para compreender como os pesquisadores se organizam quanto às suas pré-disposições perante a imersão no subcampo da violência escolar.

3.3.1 O Perfil dos Pesquisadores Considerados Dominantes

O tópico propõe observar as pré-disposições dos pesquisadores à temática de investigação, o da violência escolar. Isso porque se constata que o *habitus* científico adquirido na Academia transforma suas inclinações e motivações e os leva a incorporarem interesses específicos como condicionantes naturais dentro do Observatório da Violência nas escolas,

assim, para Bourdieu, o jovem que se inicia no campo científico, e que se volta fervorosamente para os estudos, não está simplesmente produzindo conhecimento, mas sobretudo investindo num capital cultural, que irá posteriormente assegurar-lhe uma posição dominante no campo dos pesquisadores científicos. (ORTIZ, 1983, p. 22).

O investimento no capital cultural para o autor acontece quando os pesquisadores usufruem dos produtos da própria ciência para se legitimarem no campo científico e imporem

suas estratégias próprias, que os levará a ter um favorecimento nesse ambiente, com a aquisição de vantagens comparativas diante dos recém-chegados na academia. (SCHWARTZMAN, 2008).

Tendo como ponto de partida as discussões teóricas elencadas acima, ao analisar o relatório do projeto de pesquisa do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS implementado em 2012, mapeou-se o total de 10 pesquisadores do Ensino Superior participantes do Projeto. Essa escolha se justifica por acreditar que as disputas são mais notórias para esse grupo no campo científico.

Por conseguinte, optou-se por selecionar, por meio da análise preliminar do *Curriculum Lattes*, informações relevantes que contribuíssem com a análise do subcampo de pesquisa em violência escolar.

O acesso livre a essa Plataforma permite acompanhar o percurso científico e compreender a origem das especialidades e inclinações de cada pesquisador, pois:

o currículo *lattes* se tornou um padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país, e é hoje adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do País. Por sua riqueza de informações e sua crescente confiabilidade e abrangência, se tornou elemento indispensável e compulsório à análise de mérito e competência dos pleitos de financiamentos na área de ciência e tecnologia. (CNPQ, 2016).

A intenção era de diagnosticar se esses pesquisadores já atuavam dentro do campo de pesquisa antes de ingressarem no Observatório de Violência nas escolas, a fim de verificar os movimentos migratórios dos intelectuais¹⁶ existentes no grupo mediante as “árvores científicas”.

Com essa expectativa de análise, objetivou-se colher informações consideradas valorativas para a pesquisa. Dessa forma, foram identificadas as seguintes tipologias para análise: resumo do pesquisador, as dissertações ou teses defendidas, artigos, capítulos de livros, artigos em Anais de eventos, Projetos de Pesquisa e orientações.

Em exame preliminar o Pesquisador 1 (P1) informou no seu resumo que atua principalmente nos seguintes temas: “Educação e violência”, “Indisciplina” e “Violência Escolar”. Quanto à temática, observou-se que sua tese de doutoramento está inserida no ambiente das unidades prisionais e seus aspectos sociais. Os resultados incidiram em reflexões em torno de políticas públicas voltadas para a construção do estabelecimento penal. Nota-se que a partir dessa investidura o pesquisador realizou o projeto de pesquisa

¹⁶As mobilidades intelectuais acontecem quando os pesquisadores têm a capacidade de mudar de uma área de pesquisa para outra. (MEADOWS, 1999, p. 100).

enquadrado na área da violência escolar no período 2008-2010 e constam em suas publicações nos anos de 2007 a 2011: 1 artigo científico, 3 capítulos de livros e 2 trabalhos publicados em anais de evento, e ainda dentre seus afazeres técnicos/científicos a orientação de cerca de 8 trabalhos científicos, dentre os quais, 5 monografias e 3 Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) no período de 2009 a 2011, todos abrangendo a violência social e a escolar.

Já o Pesquisador 2 (P2) descreveu em seu resumo que atua dentro das seguintes temáticas “escola”, “violência”, “integração”, “reincidência” e “apenado”. Constou 1 capítulo de livro no âmbito da violência escolar publicado em 2011, 1 artigo completo publicado em anais de evento e a respeito de seu trabalho técnico-científico constam 2 orientações de TCC nos anos de 2003 e 2005 vinculados à óptica da violência.

O Pesquisador 3 (P3)¹⁷ defendeu sua dissertação dentro do âmbito da criminalidade urbana, e posteriormente realizou um projeto de pesquisa com a mesma abordagem, no período de 2009 a 2013; publicou 2 artigos em 2009 e 2010; 1 capítulo de livro em 2011, 5 trabalhos publicados em Anais, de 2003 a 2005. Acentua-se que todos os trabalhos científicos pertencem ao campo da violência social, e sob sua orientação constam 2 TCC, em 2009 e em 2010, ambos voltados para o subcampo de pesquisa da Violência Escolar.

O pesquisador 4 (P4) delinea no seu resumo que atua principalmente na área da Educação Especial, sua tese de doutoramento se classificou dentro da área de “prisões, política e educação”; os projetos de pesquisa, os artigos em revista e eventos, os capítulos de livros e as orientações dos trabalhos acadêmicos foram todos voltados para área da educação especial, mais precisamente dentro do subcampo de pesquisa da inclusão escolar.

O pesquisador 5 (P5) atua nos seguintes temas: “literatura”; “leitura e ensino de literatura”; “letramentos”; “poesia”; “literatura comparada” e “literatura sul-mato-grossense”. Sua dissertação, seus projetos de pesquisas, artigos, capítulos de livro, e as orientações todos foram voltados para a área da literatura e da linguagem.

O pesquisador 6 (P6) não demonstrou no seu resumo os temas preferidos; entretanto observa-se que sua dissertação e tese se enquadram em políticas públicas em educação; e os projetos de pesquisa, artigos, capítulos de livros, e as orientações abrangem três campos de atuação: Educação Infantil; Formação de Professores e Políticas Públicas em Educação.

O Pesquisador 7 (P7) também não demonstrou no seu resumo os temas nos quais. Sua dissertação e sua tese se ligam à área da Psicologia da educação, dentro da abordagem da

¹⁷Em análise a tese de doutoramento do P3, observou-se que ela pertence ao campo de pesquisa da Violência Social, mas devido a data ser depois do início dos trabalhos do Observatório não se computou essa informação para avaliação da pesquisa.

teoria histórico-cultural de Vygostky. Os projetos de pesquisa estão vinculados à área da educação especial, e quanto aos trabalhos científicos, possui um artigo em 2011 dentro da área de educação de jovens e adultos, capítulos de livros vinculados às áreas da inclusão, da teoria histórico-cultural, e da prática pedagógica. Os anais em eventos estão atrelados à área da educação matemática, educação inclusiva e a teoria histórico-cultural. Quanto às orientações, estão ligadas aos campos: da teoria histórico-cultural, da informática na educação, da educação inclusiva e da educação no campo.

O Pesquisador 8 (P8), em sua dissertação e sua tese, versou sobre as temáticas da Internet e da moral; seus projetos de pesquisa estão interligados na área do direito e da educação. Os artigos se relacionam com textos em educação, direito e informática. Os capítulos trabalhados envolvem a área da educação e tecnologia da informação. As orientações em dissertações são focadas nas áreas da tecnologia da informação; as especializações estão direcionadas para área de inclusão digital e direito, e os TCC são atrelados à área do direito e da violência familiar.

O Pesquisador 9 (P9) atua nos seguintes temas: “Educação Inclusiva”, “Políticas de Educação Especial e de Inclusão Escolar”, “Política e Gestão do Atendimento Educacional Especializado em Salas de Recursos Multifuncionais”, “Interface entre Educação Especial e Educação do Campo”, “Direito à Educação”, “Educação em/para os Direitos Humanos”, “Fundamentos dos Direitos Humanos”. Está ligado a projetos de pesquisas voltados para Educação especial e inclusiva. Possui artigos na área do Direito, Educação Inclusiva e Crítica literária. Capítulos de livros na área dos Direitos Humanos, Educação Inclusiva e na teoria histórico-cultural. Os artigos publicados em eventos abrangem a área de direito, direitos humanos e educação inclusiva. Já as orientações em trabalhos de especialização o foco está no direito e na educação inclusiva, nos trabalhos da graduação o foco esteve na educação inclusiva e direitos humanos.

Por fim o Pesquisador 10 (P10), que atua nos temas de “educação”; “educação matemática”; “etnomatemática” e “educação inclusiva” e “filosofia da diferença”. As suas pesquisas de mestrado e doutorado foram voltadas para a linha de pesquisa da educação matemática; seus projetos de pesquisa estão interligados à educação inclusiva e à formação do professor (PIBID). Os artigos se voltaram para área de educação matemática e educação inclusiva; já os capítulos de livros estão ligados com a área da etnomatemática. Os artigos publicados em evento têm ênfase nas áreas da etnomatemática, da formação de professores e na educação inclusiva.

Em síntese, observa-se que o P1, em suas produções, teve eminente inclinação para o subcampo científico da violência escolar, que culminou na criação do Projeto de Pesquisa no âmbito do Observatório de Violência nas escolas. Julga-se que esse interesse pode ter nascido no transcorrer de sua investidura na tese de doutorado, pois tendeu para trabalhos dentro da violência escolar.

Já o P2 desenvolveu suas linhas de atuação em publicações em torno dos apenados; o P3 teve sua genealogia científica voltada para o campo de pesquisa da violência social; O P4 tendeu a produzir trabalhos que compreendessem a inclusão escolar; O P5 inclinou seus esforços em trabalhos voltados para literatura, linguagem e representações sociais; o P6 demonstrou nos seus trabalhos articular conexões de abordagens na área de políticas públicas e educação; o P7 focou seus estudos acerca da teoria histórico-cultural; o P8 abarcou na sua atuação científica interfaces entre o direito, a informática e a educação e apontou, dentre suas produções, o enfoque maior sobre a área da tecnologia da informação; já o P9 desenvolveu a maior parte do seu labor científico dentro da área da educação inclusiva e, por fim, o P10 que interligou seus estudos de etnomatemática com a educação inclusiva.

De acordo com análise inicial, diagnosticou-se que, em geral, esses pesquisadores trabalham em diferentes subáreas de atuação no campo da educação; entretanto, acentua-se que alguns pesquisadores conseguiram relacionar as suas especialidades com a temática da violência escolar (P2, P3, P4, P9 e P10); já outros praticaram escalonamentos e flutuações para se adequarem ao projeto maior (P5, P6, P7 e P8).

Essas árvores encontradas servirão como sustentáculo para estruturar a perspectiva teórica de Bourdieu, a denominada “hierarquia social dos objetos científicos”, a qual vislumbra que antever a construção de um campo científico é uma estratégia orientada, cuja aspiração maior é um lucro simbólico, o científico.

De acordo com Silva e Hayashi (2012, p. 15), “[...] é isso que permite apodera-se, no bom momento, de bons temas, bons lugares de publicação, exposição etc. Esses fatores devem ser considerados determinantes nas diferenças observadas nas carreiras científicas”.

As temáticas de sustentação científica formada pelo Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS demonstram como esses pesquisadores, por meio de suas especialidades de atuação, podem conquistar laços sociais e, com isso, movimentar intelectualmente entorno do trabalho coletivo que desenvolvem. Esse entrelaçamento pode promover sua inserção em um novo campo de atuação, no caso o da violência escolar, que requer investimentos intelectuais dos participantes para que, diante da hierarquia postada, venham ocupar posições no campo científico.

O próximo procedimento da pesquisa foi aplicar os recursos metodológicos da cientometria¹⁸ para uma análise mais acurada do *Curriculum Lattes*, com vistas a mapear as produções comunicadas pelos pesquisadores dentro do âmbito do Observatório.

¹⁸ Atualmente essa disciplina científica é utilizada por várias áreas que buscam analisar o conhecimento científico (VANTI, 2002). Não se pode afirmar que essa técnica se configura como método exclusivo da área da Ciência da Informação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E PERCURSO DA PESQUISA

O conhecimento gerado compõe a ciência.
(PISCIOTTA, 2006).

A pesquisa se caracteriza como um estudo de caso (LUDKE; ANDRÉ, 2004), e buscou detalhar a estrutura social que envolve a comunicação científica dos participantes que pertencem ao projeto de pesquisa do Observatório da Violência nas escolas.

Com esse propósito, este tópico objetivou mapear as produções dos membros pertencentes ao Observatório de Violência nas escolas em Paranaíba/MS extraídas da plataforma *lattes*. Por meio do procedimento de análise da cientometria, juntamente com o uso do conceito qualitativo de Bourdieu, que trata da “hierarquia social dos objetos científicos”, a pesquisa consiste em analisar e incorporar novas fontes interpretativas sobre os índices métricos e incorporá-las.

Assim, verificar-se-á quais são as definições determinadas como dominantes, com ênfase nos subtemas mais trabalhados nas produções do Observatório, bem como os denominados “dignos de interesse”, que determinaram novos investimentos intelectuais dos pesquisadores.

A inclusão dessa análise dentro da perspectiva bourdieusiana pode confirmar as tendências na composição do grupo de pesquisa, a qual funciona como forte e adequada estratégia no jogo de interesses para se manter e ter legitimidade no domínio científico no campo.

A partir desse olhar, infere-se que pertencer a um grupo de pesquisa leva os participantes a direcionarem seus trabalhos para uma matriz teórica, a do pesquisador dominante. Essa opção justifica-se por permitir inéditas aproximações e filiações teóricas que poderão imprimir uma nova identidade para os sujeitos.

Para tanto, utilizou-se como procedimento de análise a Cientometria, que visa estudar o comportamento dos pesquisadores de uma área e avaliar a prática científica como fenômeno social por meio de indicadores e modelos matemáticos. (HAYASHI, 2013a, p. 68).

Como técnica de mensuração, a Cientometria ultrapassa essa proposta inicial de examinar os índices vinculados a resultados para políticas científicas e amplia o seu enfoque como um instrumento valioso para a Sociologia da Ciência.

Por ser um objeto de estudo que está em aparente construção, fica relevante avaliar o comportamento dos pesquisadores, as tendências de investigações, e, por conseguinte, o crescimento das subáreas dentro do campo da Educação, porque “[...] *los temas que interesan*

a la cuantimetría incluyen el crecimiento cuantitativo de la ciencia, el desarrollo de las disciplinas y subdisciplinas”. (SPINAK, 1998, p. 142).

Diante da existência de um conjunto de indicadores cientométricos que empregam a análise da produção científica, a pesquisa focou dois indicadores: a análise de citações (cocitações) e indicadores de coocorrências de palavras – em busca de verificar quais autores possuem maior consolidação sobre a temática da violência escolar, além de observar as conexões com a presença da tabela de cocitação, os elos institucionais, e a equivalência de palavras que mapeiam as coocorrências de termos, explorando o uso da análise dos conteúdos, consoante elucidada Bardin (1977):

a co-ocorrências de palavras estuda o aparecimento conjunto de duas ou mais palavras representativas em campos tais como: títulos de artigos científicos ou patentes, resumos ou ‘abstracts’, palavras-chave ou ‘key-words’ em descritores e identificadores ou mesmo, no texto. (BARDIN, 1977, p. 11).

O índice de equivalência de palavras permite verificar se há um conjunto coerente e integrado dos temas de investigação em violência escolar ou se o tema se estabelece como emergente:

[...] el método de las palabras asociadas permite consecuentemente identificar los temas o los problemas de investigación y las relaciones que los unem (considerando que el tema tratado pertenece a un agregado). A cada uno de estos temas se le puede hacer corresponder además los actores (investigadores, laboratorios, empresas, países) que son los responsables de su desarrollo. Pueden forzar se análisis más detallados que permitan caracterizar la centralidad de los diferentes temas de investigación: ¿están o no conectados a un gran número de otros temas, constituyendo en algunos casos verdaderos puntos de paso obligado?; e incluso su grado de madurez: ¿son dichos temas homogéneos y están desarrollados? (CALLON; COURTIAL; PENAN, 1995, p. 74).

Com a participação no grupo de estudo no âmbito do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS, verificou-se haver diversas formações interdisciplinares dos componentes e relações de orientadores/orientandos, que possuem áreas de interesse ligadas ao subcampo de investigação. Nota-se a presença de uma convergência ativa, a qual resulta em intercâmbios intelectuais, com a possibilidade de conexões com outras instituições.

No entanto, para compreender de forma mais metódica as ações do grupo dentro do campo, faz-se necessário instrumentar o trabalho com dados quantitativos e realizar associações de cunho qualitativo, que remetem para o uso dos aportes teóricos amparados na sociologia da ciência, mais precisamente nos estudos realizados por Bourdieu (2004, 2008a, 2012a, 2013) campo, capital científico e *habitus*, os quais contemplam as relações internas do campo científico:

a sociologia da ciência estuda os modos pelos quais a pesquisa científica e a difusão do conhecimento científico são influenciadas pelas condições sociais, e, por seu turno, influenciam o comportamento social. Trata de problemas como: as condições de surgimento da ciência moderna numa pequena parte das sociedades humanas; diferença no seu incremento em sociedades distintas; efeito das instituições econômicas, políticas e religiosas e do sistema de classe na organização do trabalho científico; influência da definição do papel do cientista, estrutura dos grupos de laboratório, organizações disciplinares, institutos científicos, sistemas nacionais de pesquisa científica e rede de comunicações de cientistas, sobre a produtividade e criatividade científicas. Cuida também do efeito de diferentes tipos de trabalho científico (tais como trabalho básico *versus* trabalho aplicado; disciplinar *versus* interdisciplinar etc.) sobre estas estruturas sociais e, finalmente, da importância da Ciência na organização da economia (sua influência sobre a produtividade é um assunto da ciência econômica), na política, religião e formação das ideias. (BEN-DAVID, 1975, p. 1-2).

Com essa apreciação, a pesquisa centrou esforços em dar maior completude aos estudos métricos e enriquecer a avaliação do comportamento do grupo diante das produções científicas, além de identificar como se constitui a dinâmica da construção social da ciência na Universidade.

Para avaliar as produções científicas, investigou-se toda massa documental dos componentes do Observatório, composto por 31 pesquisadores, dentre os quais 10 são professores de ensino superior, 10 são professores da educação básica, 5 são alunos do mestrado e 6 são alunos provenientes da graduação.

Com essa projeção o objetivo foi verificar as posições dos próprios pesquisadores que participam desse espaço quando se propõem a produzir o conhecimento e permitem, a partir daí, analisar as revelações do pertencimento ao campo científico, considerando-se ainda observar a existência do jogo de estratégias, escalonamentos, com a percepção de análise dos usos da conservação e da subversão, conceitos-chave presentes em Bourdieu.

4.1 Produções Científicas do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS

Direcionados pela ideia de que o discurso científico é um produto de uma construção social, foram utilizados alguns critérios reflexivos sugeridos por Bourdieu para a pesquisa.

Com a produção científica no âmbito do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS, buscou-se identificar como se relacionam os integrantes do grupo, considerando seus interesses pessoais e coletivos, e nesse viés, como se detectam os elementos simbólicos que permearam as produções científicas.

Para compreender como os cientistas se comunicam cientificamente, ou melhor, como as configurações das produções científicas se refletem na estrutura delineada no campo

científico do grupo de estudo, mapearam-se os trabalhos científicos produzidos pelo Observatório, para composição dos indicadores de citações e coocorrências.

No caso das citações, o intuito é observar graus de proximidade teórica entre os participantes do grupo e entrelaçar os resultados com os estudos que circundam a ciência da ciência, ou seja, com o uso da sociologia da ciência, como se nota: “[...] pode não estar claro na mente desses autores por que eles citam de uma determinada maneira, ou como as citações estão relacionadas com a ideologia da ciência”. (MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 136).

Nesse diapasão, com intenção de saber se existe realmente aquele “interesse desinteressado”, decidiu-se diagnosticar qual o capital científico que prospera entre os membros do grupo de pesquisa, mais especificamente dentre esses dez professores de ensino superior.

A escolha por esses sujeitos se deve por se enxergar neles a possibilidade de lutas por posições de forma mais irrefutável dentro da hierarquia do grupo, sem se excluir, entretanto, a possibilidade de tensões com outros sujeitos.

Por esse caminho, levantou-se por meio do *Curriculum Lattes* o percurso acadêmico dos 10 pesquisadores e foram indicadas as condições estabelecidas e as potencialidades de jogar o jogo dentro do campo científico.

Diante da análise das duas tabelas apresentadas na pesquisa, foram confrontados os resultados obtidos pela análise preliminar do *Lattes*; posteriormente com os estratos das produções, diagnosticando parâmetros para detectar o discurso produzido e os compromissos inclinados diante das duas frentes de acumulação: o capital científico e o institucional.

Embora não tenha sido esse o objeto de investigação, a segunda leitura do *Curriculum Lattes* dos participantes permitiu verificar que somente um pesquisador (P1) dentre os dez pesquisados obteve dois trabalhos considerados impactantes para o campo científico. Ressalta-se que essa constatação se deu somente por meio do próprio *Lattes*, que extraiu informações da base de dados do SciELO e da Scopus¹⁹ e indicou o número de citações obtidas e exteriorizadas pelos índices. No entanto, alerta-se que não houve uma pesquisa exaustiva sobre as bases de dados nacionais e internacionais na busca por coletar índices de citações dos trabalhos científicos do grupo.

Na tabela 2 apresentam-se as produções científicas fornecidas pelos próprios professores na plataforma *Lattes*. Cumpre enfatizar que essas informações coletadas não se

¹⁹É um banco de dados de resumos e citações de artigos para jornais/revistas acadêmicos. Abrange cerca de 19,5 mil títulos de mais de 5.000 editoras internacionais, incluindo a cobertura de 16.500 revistas *peer-reviewed* nos campos científico, técnico, e de ciências médicas e sociais (incluindo as artes e humanidades).

pautaram em evidenciar somente as produções voltadas ao subcampo de investigação da violência escolar, pois a ideia é apresentar de forma mais extensiva toda trajetória científica dos pesquisadores e abarcar também as atividades científicas de cada pesquisador (P).

Tabela 2 - Lista de Produções Científicas dos Pesquisadores do Ensino Superior no Âmbito do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS

Pesquisadores	Produções				
	Capítulos de livros	Artigos Científicos	Livros Publicados	Anais em Eventos	Total de Trabalhos
P1	24	4	5	13	46
P2	4	1	1	2	08
P3	7	2	0	8	17
P4	32	15	16	33	96
P5	13	4	6	11	34
P6	9	1	1	12	23
P7	13	4	0	17	34
P8	12	43	0	20	75
P9	19	14	4	30	67
P10	3	5	1	8	17
Total	136	93	34	154	417

Fonte: Plataforma do *Curriculum Lattes*

Observa-se que o canal mais utilizado pelo grupo de professores são os Anais em Eventos. Foram 154 publicações sob a égide desse veículo de comunicação científica; em segundo lugar os capítulos de livros com 136 e em terceira posição os artigos científicos com percentual de 93.

Prevalece nesse campo científico a participação em eventos com apresentação de trabalhos, e acredita-se que esse alto índice resvala na apresentação de trabalhos em andamento que permitem a avaliação prévia pelos pares/concorrentes e possibilitam incorporar novas contribuições para a pesquisa. Ressalta-se também o uso frequente de eventos por permitir que os pesquisadores encontrem especialistas da área que comungam dos

mesmos interesses e propiciem imprimir relações sociais mais produtivas, como a dos colégios invisíveis. (GUIMARÃES; HAYASHI, 2014).

Concatenando a análise, diagnosticou-se que o Pesquisador 4 obteve o maior índice de produção em todas as tipologias discriminadas com o total de 96 produções, seguido pelo Pesquisador 8, que possui 75 publicações. Enfatiza-se, no entanto, que esse pesquisador não possui nenhum livro publicado, e em comparação ao P4, possui uma discrepância pontual, visto este último ter um alto índice de publicação de livros, com um total de 16 publicações.

Considerando-se a média de 41,7 de publicações por pesquisador, salienta-se que somente 4 dos pesquisadores analisados (P1, P4, P8 e P9) têm produções acima da média, e os outros 6 pesquisadores não a atingiram, representando aproximadamente 70% do total de trabalhos concluídos.

Foram incluídas na segunda tabela as produções técnicas extraídas dos quesitos Atuação Profissional e Banca de Comissões Julgadoras da Plataforma *Lattes*, a fim de estabelecer comparação com a segunda tabela, em busca de verificar quais propensões de capital os pesquisadores estão buscando no subcampo científico que se alimenta.

Tabela 3 - Lista de Participações Técnicas dos Professores de Ensino Superior Participantes do Observatório da Educação e Violência Escolar

Pesquisadores	Conselhos e Comissões	Coordenações e gerências	Bancas de comissões julgadoras	Total
P1	5	1	17	36
P2	3	0	1	4
P3	0	1	0	1
P4	9	3	34	46
P5	3	1	13	17
P6	8	1	6	15
P7	4	1	6	11
P8	3	0	19	22
P9	0	0	0	0
P10	11	0	0	11

Fonte: Plataforma do *Curriculum Lattes*.

Na tabela acima buscou-se especificamente quantificar as comissões, os cargos, as bancas de concurso e reuniões pelas informações prestadas pelos próprios pesquisadores na plataforma *lattes*.

Em análise da tabela 2 em conjunto com a tabela 3 é possível compreender que os pesquisadores P1, P4 e P8 ocupam posições privilegiadas dentro do grupo de pesquisa. Isso é perceptível tanto no campo científico puro como no institucional. Equiparados aos outros pesquisadores, presencia-se uma dualidade de poderes, o que significa um compromisso híbrido (BOURDIEU, 2004) no campo científico, e que eles utilizam das estratégias próprias para conservar o seu capital, sob a forma de imposição dos princípios da hierarquização dentro do campo científico. Ousa-se apontar que esses buscam ser o Estado (PÉCAUT, 1990) nas relações objetivas frente aos outros atores participantes do processo, pois eles assumem o poder legitimado perante os outros pesquisadores periféricos que aceitam a dinâmica imposta como um “saber não sabido” dentro da academia.

Destaca-se também que entre os pesquisadores do grupo, os pesquisadores P2, P3 e P9 não tiveram índices impactantes quanto à produção técnica, mas chama-se atenção nessa apreciação sobre o pesquisador P9, que tem uma posição de destaque no índice de produção científica, visto que ele joga o jogo para aumentar seu capital puro conforme estabelece a regra legitimada pela ciência. Isso seria o sentido de resposta aos que lutam para se subversar²⁰, não concordando com a sua posição dentro da hierarquia. Destaca-se, entretanto, que o resultado de sua força dentro do campo na busca pelo capital puro não foi condizente com a sua produção técnica, já que não realizou nenhum trabalho técnico.

Por isso, infere-se que esse pesquisador é aquele recém-chegado na academia, isto é, dentro do universo conceitual aqui tratado, pode ser considerado como periférico, e quer jogar o jogo para se afirmar dentro da estrutura tecnocientífica, entretanto a sua busca pelo prestígio científico o afasta do capital institucional e ele não se preocupa em comungar na sua prática a cultura do hibridismo, aparentemente um *modus operandi* tão natural para os pesquisadores considerados dominantes.

A tabela 4 levantou as produções científicas produzidas pelos membros participantes do Observatório, onde foram identificados os autores mais utilizados que deram sustentação teórica para os 36 trabalhos científicos mapeados sobre a temática de investigação em violência escolar.

²⁰Subversão- ato de inconformismo com os demais agentes que dominam um campo científico. (THIRY-CHERQUES, 2006).

A massa documental é proveniente de três canais da comunicação científica: 22 capítulos de livros, 4 artigos científicos e 10 dissertações.

Tabela 4 – Autores Mais Citados nas Produções do Projeto de Pesquisa no Âmbito do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS

Autor Citado	Nº de citações recebidas	Nº de trabalhos em que foi citado
FOUCAULT, Michel	43	18
ABRAMOVAY, M.	41	18
SPOSITO, M.	22	14
BOURDIEU, P.	17	8
ARAUJO, D. A. C.	16	7
AQUINO, J. G.	14	7
ARENDT, H.	14	8
DEBARBIEUX, E.	14	8
CHARLOT, B.	13	9
ZALUAR, A.	12	8
GUIMARÃES, Á. M.	11	8
WALSELFISK, J. J.	9	9

Fonte: Trabalhos mapeados do Projeto de Pesquisa no âmbito do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS.

O levantamento permitiu registrar 856 autores citados para frente de análise. Por conta do alto número de citações, decidiu-se pelo recorte dos 12 autores mais citados pelo grupo por se acreditar que esse número vem representar o maior impacto e visibilidade do subcampo científico da violência escolar. Nesse sentido, foi selecionada a frequência mínima de 7 citações por número de trabalhos em que foi citado. No entanto, frisa-se que para a realização desse exame não foram excluídas as autocitações.

Foi possível detectar que 620 autores foram citados uma única vez pelos autores citantes, e isso vem comprovar a forte preponderância de intercâmbios teóricos com outras áreas do conhecimento.

Dois autores sobressaem sob a análise cientométrica, são eles: Foucault, com 43 e Abramovay com 41 citações recebidas em 18 trabalhos científicos. Em seguida foram observadas 22 citações em Sposito, 17 citações em Bourdieu, 16 em Araujo, 14 citações em Aquino, Arendt e Debarbieux, 13 citações em Charlot, 12 citações em Zaluar, 11 citações em Guimarães e, por fim, 9 citações em Walselisk. Essa frequência demonstra que os autores mais citados dominam a produção do conhecimento no âmbito do Observatório, com a

presença expressiva de trabalhos diferentes imbricados entre os pesquisadores, incidindo neste núcleo social.

Adverte-se que a tabela 4 deve ser analisada em conjunto com a tabela 5, que apresenta a tabela da Matriz Teórica Dominante, pelo fato de a pesquisa ter considerado importante expor uma matriz teórica do pesquisador central, e por essa diretriz fornecerá índices para analisar as afinidades teóricas dos pesquisadores, considerando sua posição central, que permitirá verificar as interligações teóricas com o objeto de investigação.

A matriz teórica se instrumentalizou com a escolha de um artigo de autoria simples publicado em 2010 pelo coordenador do projeto de pesquisa que a investigação considerou como uma fonte de referência pura para a interpretação pretendida.

Ao se iniciar a comparação mediante a tabela 5 é possível visualizar a equivalência de frequência de uso de alguns autores citados da Tabela 4, quais sejam: Alba Zaluar, Maria Pontes Sposito, Áurea M. Guimarães e Michel Foucault.

Dentre os 12 autores mais citados pelas produções, 4 obtiveram proximidade teórica com a matriz metodológica dominante, e esse resultado vem demonstrar que os membros participantes compartilham das mesmas influências teóricas do pesquisador central. Assim, é possível considerar que esses integralizam dos mesmos pensamentos e ideias tendenciadas pelo pesquisador central dentro grupo.

Tabela 5 - Matriz Teórica Dominante

Autores Citados	Nº de citações recebidas em um único trabalho
ZALUAR, Alba	4
SPOSITO, Maria Pontes	2
SANTOS, José Vicente Tavares dos	2
ADORNO, Sérgio França	2
WEBER, Max	1
SOEIRO, José	1
SIMON, C.	1
PAIXÃO, Antônio Luís	1
GUIMARÃES, Áurea M.	1
FOUCAULT, Michel	1
FAUSTO, Boris	1
DIDONET, B.	1
BOURDIEU, Pierre.	1
ELIAS, Nobert	1

Fonte: ARAUJO, E. L. Violência na escola: violências da escola: notas preliminares. In: BERTOLETTI, E. N. M.; ARAUJO, D. A. C. **Pesquisa em educação:** interfaces de saberes. São Paulo, SP: Scortecci, 2010.

Com a intenção de saber quais autores possuem padrões de citações semelhantes, elaborou-se a tabela 6 com a disposição dos autores citantes e citados, a fim de verificar quais sustentações teóricas se conectam entre si, quais correntes teóricas prevalecem, quais são mais comuns, ou se existem poucas associações.

Tabela 6 – Rede de Cocitação

Citados		Citantes												
Citantes		FOUCAULT, M.	ABRAMOVAY, M.	SPOSITO, M.	BOURDIEU, P.	ARAUJO, D. A. C.	AQUINO, J. G.	ARENDT, H.	DEBARBIEUX, E.	CHARLOT, B.	GUIMARÃES, Á. M.	ZALUAR, A.	WALSELFISK, J. J.	TOTAL
1	ARAUJO, E. L.	1	0	2	0	0	0	0	0	0	1	4	0	8
2	OLIVEIRA, L. S.S.; ARAUJO, E. L.	2	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	4
3	CARVALHO, P. C. A; ARAUJO, E. L.	1	1	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	5
4	TORRES, N.V.; ARAUJO, E.L.	1	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	4
5	BRANDETE, A.; ARAUJO, E.L.	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	2	1	11
6	FERRO, J. P.; ARAUJO, E.L.de.	1	2	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	5
7	TORRES, N. V.; ARAUJO, E.L.	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4
8	PINA, A.S.; ARAUJO, D. A. de C.	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	2
9	ARAUJO, D. A. C.; ARAUJO, C. C. C.; FREITAS, E. S.; SANTOS, R. M. R.	0	0	2	0	0	1	2	1	0	0	0	0	6
10	MIZIARA, L.A.S.; SILVEIRA, M. M.dos S.; TORRES, N. V.	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	4
11	OLIVEIRA, L. S. da S.; GITAHY, R. R.C.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
12	QUEIROZ, F. L.L.; GUIMARÃES, L. T.	0	3	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	4
13	NOZU, W.C. S.; FERRO, J.P.; GUIMARÃES, R.P.	3	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5
14	SANTANA, M. S. R.; PIERRE, J.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
15	BRANDETE, A.; ARAUJO, E. L.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
16	MOREIRA, J.M.; MOREIRA, M. H. B.; PEREIRA, S.dos S.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
17	PEREIRA, J.F.G.; SOUZA, J.A.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
18	ABRANCHES, L. A.; ARAUJO, E. L.	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	1	0	5

19	PEREIRA, S. dos S.; FRANÇA, C. E.	0	0	0	5	0	0	0	0	0	0	0	5	
20	OLIVEIRA, L. S. S.; ARAUJO, E. L.	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	
21	SANTOS, R. M. R.; ARAUJO, D. A. C.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	
22	SILVA, F. G. O.; SOUZA, J. A.	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	
23	YAMADA, N. S.	1	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	4	
24	OLIVEIRA, L. S. S.; ARAÚJO, E. L. de.	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	4	
25	SILVA, Fernando. G. O.; SOUZA, José A.	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	
26	SANTOS, R.M.R.dos; MOREIRA, M.H.B.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	
27	CARVALHO. P. C. A.	2	4	1	1	0	3	5	4	2	3	1	27	
28	FERRO. J. P.	2	2	1	0	0	3	2	0	1	1	0	13	
29	BRANDETE. A.	2	5	4	4	0	1	1	4	4	1	1	30	
30	OLIVEIRA, L. S. S.	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	
31	QUEIROZ, R. B.	1	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0	5	
32	SANTOS, R. M. R. dos.	1	0	0	0	6	0	0	0	0	0	0	7	
33	SILVA, F. G. O. da.	11	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	12	
34	SOUZA, J. T. de.	4	2	0	1	0	0	0	0	0	2	0	9	
35	TORRES, N.V.	1	5	0	0	0	2	0	1	0	0	1	10	
36	YAMADA, N. S.	6	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	7	
TOTAL		46	39	14	13	17	13	12	14	12	10	11	8	209

Fonte: Autoria Própria.

Em exame da tabela, analisa-se que o citante Brandete obteve entre os autores citados o maior índice de sustentação teórica com total de 30 citações, subsidiando em seu trabalho 11 usos de autores denominados como consolidados no subcampo de pesquisa, ou seja, aqueles que constituíram como mais citados no *corpus* da pesquisa.

Em seguida apresenta-se Carvalho com o total de 27 citações, observa-se que existe uma interseção entre as citações utilizadas por Carvalho e as de Brandete, pois ambos utilizaram o mesmo padrão de citações e tiveram influências teóricas do pesquisador central.

Posteriormente destaca-se o trabalho em colaboração científica de Brandete e Araujo, com a frequência de uso de 11 citados, ressalta-se que Araujo num trabalho posterior obteve 3 padrões semelhantes com este trabalho, fica perceptível aqui notar as aproximações teóricas de Araujo, pois além de ser considerado o pesquisador central e coordenar o Projeto de Pesquisa do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS, ele exerce sua participação como coautor, evidenciando-se aqui a relação orientador/orientando.

Conforme orienta a tabela, dentre os 36 referenciais teóricos avaliados, o autor mais comum entre os pesquisadores foi Foucault, com 46 citações presentes em 20 trabalhos

científicos; em seguida aparece Abramovay, com 17 e Sposito com 09 trabalhos científicos. Na sequência, aparecem presentes em 8 trabalhos científicos os autores Araujo, Aquino, Debarbieux, Charlot, 7 em Guimarães e Zaluar, e posterior em 6 trabalhos aparecem os autores Arendt, Bourdieu e Walselisk.

Para a cientometria são esses autores citados pelos pesquisadores que se consolidam como literatura básica para o campo de pesquisa do Projeto de Pesquisa do Observatório e Educação e Violência Escolar.

Em decurso, a pesquisa também levantou o indicador de equivalência de palavras que mapearam as coocorrências de palavras-chave nos trabalhos publicados pelo Observatório. Entretanto, para dar mais completude para nossa análise, explorou-se o uso dos tópicos e subtópicos das produções dos capítulos de livros, uma vez que esse canal, conforme a sua estrutura específica, não informa os descritores de acordo com a Associação de Normas Técnicas (ABNT) e a NBR 6028/2002, que estabelecem requisitos para a elaboração de resumos e palavras-chave, como elementos que representam o conteúdo do documento. Esses documentos recomendam, preferencialmente para atribuição das palavras-chaves, o uso dos Vocabulários Controlados.

Quanto ao índice de equivalência de palavras, foram verificadas as relações que unem uma palavra à outra, o que permite identificar as novas tendências da área, como também as interessantes influências e inclinações teóricas dos pesquisadores.

Tabela 7 - Frequência dos termos mais utilizados nas produções

Termos utilizados	Frequência de uso
Outras palavras	38
Violência escolar	12
Violência	10
Palavras ≤ 2	13
Educação	8
Escola	8
Deficiência	6
Observatório da educação	5
Inclusão escolar	4
Violência na escola	4
Preconceito	3
Indisciplina escolar	3

Fonte: Trabalhos mapeados do Projeto de Pesquisa do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS.

Em exame, foram extraídas 60 palavras-chave elaboradas pelo grupo de pesquisa, no qual foram destacados os 10 subtemas mais trabalhados pelos pesquisadores, com o recorte para a apreciação instituída pela frequência mínima de 4 usos. Observa-se que a terminologia violência escolar foi o descritor mais utilizado, correspondendo a 12 usos e a escolha por esse termo se funda justamente pelo fato de o objeto de investigação abranger diversas manifestações da violência nesse meio: *da*, *à* e *na* escola.

Com 10 menções, utilizou-se o termo genérico violência, que deve ter sido aplicado como termo o qual remete à ideia de transposição do fenômeno social para escola. O termo genérico educação foi utilizado 8 vezes; com 8 usos o descritor escola, com a justificativa de ser nesse local que circunda o fenômeno da violência escolar.

Com um total de 6 usos aparece o termo “deficiência”, 4 usos “inclusão escolar” e com 3 usos “indisciplina escolar”. Atenta-se para o fato de que esses termos mencionados são subáreas investigadas por alguns pesquisadores: P4, P8, P9 e P10, conforme mostraram as árvores científicas investigadas na plataforma *lattes*, por ser uma das variáveis que configuram a violência da/na/à/escola. (CHARLOT, 2002).

Com a frequência de 5 usos, destacou-se o termo “Observatório da educação”. Seu uso se justifica por conta da ênfase dos estudos se darem sobre o campo de investigação; e em seguida, a designação violência na escola, com 4 usos. Coube aqui uma breve consulta ao tesouro específico da educação, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)²¹, onde foi observado que o termo conceitual violência escolar não é o preferido para a indexação de trabalhos científicos. É recomendado o uso do termo violência na escola que, por sequência, remete ao termo genérico violência.

Entretanto, quando se adota esse termo como preferido, trata-se apenas de uma acepção da violência no meio escolar, como já havia diferenciado Charlot (2002), e o mesmo não representa de forma substancial o seu verdadeiro sentido.

Ampliando a lente de análise, observou-se que das 60 palavras-chave manifestadas, 38 foram utilizadas uma única vez: “abandono escolar do preso”, “ambiente escolar”, “*Bullying*”, “campo científico”, “cidadania”, “cotidiano escolar”, “criança”, “direito humano”, “disciplina”, “diversidade sexual”, “educação na prisão”, “EJA”, “escola prisional”, “estigmas”, “família”, “heteronormatividade”, “identidade”, “ideologia”, “jovens”, “juventude”, “manual didático”, “mediação”, “moralidade”, “não violência”, “pessoas com

²¹O *Thesaurus* Brasileiro da Educação (Brased) é um vocabulário controlado que reúne termos e conceitos, extraídos de documentos analisados no Centro de Informação e Biblioteca em Educação (Cibec), relacionados entre si a partir de uma estrutura conceitual da área. Esses termos, chamados descritores, são destinados à indexação e à recuperação de informações. (INEP, 2016).

deficiência”, “políticas públicas”, “professor mediador”, “programa escola da família”, “representações”, “representação de si”, “ressocialização”, “sexualidade”, “sistema prisional”, “temas transversais”, “teoria histórico-cultural”, “violência da escola”, e “violência no trânsito”.

Alguns termos supramencionados já são considerados convencionais dentro do subcampo da violência escolar, como; o “*bullying*”, a “disciplina”, a “não violência”. Outros termos representativos dos conteúdos dos textos apresentam desdobramentos que se relacionam entre si, como: “abandono escolar do preso”, “educação na prisão”, “escola prisional”, “ressocialização” e “sistema prisional”, os quais podem ser associados às árvores científicas dos pesquisadores P1, P2 e P4.

Já as categorias de palavras “diversidade sexual”, “estigmas”, “heteronormatividade”, “identidade”, “representações” e “representação de si” são descritores que remetem a um tipo de violência contemporizada gradativamente na escola atual, a violência de gênero.

Pontua-se que esse subtema é considerado contemporaneamente um assunto emergente, um fenômeno a ser trabalhado no espaço escolar como um desafio que aguça e sugere enfrentamentos, por se tratar de uma construção histórico-social, que muitas vezes recepciona preconceitos velados pelos próprios atores participantes do processo.

Destaca-se que esses termos estão conectados às propostas de investigação dos pesquisadores P3, que trabalhou questões de gênero e P5, o qual analisou as representações sociais por meio do discurso. As inclinações desses pesquisadores para a referida temática envolveram adaptações intelectuais devido à filiação teórica.

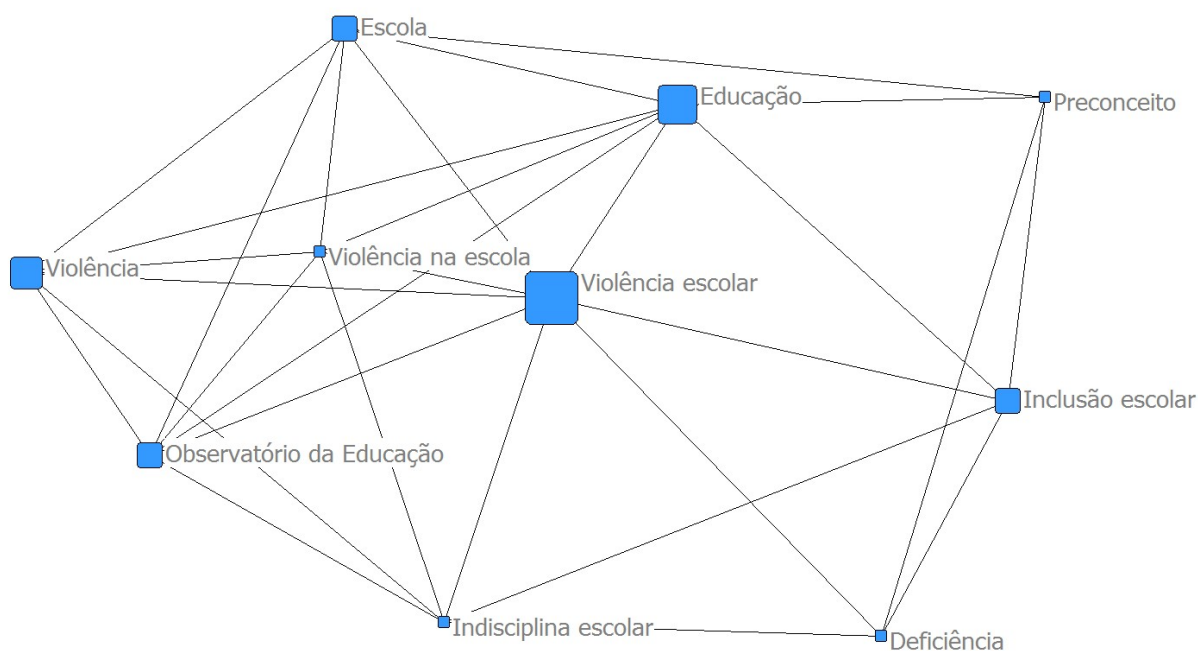
Outras palavras que cumpre destacar é o uso dos termos “pessoas com deficiência”, mencionada 1 vez; “educação inclusiva” e “educação especial”, utilizados em 2 dois trabalhos. Essas menções são interligadas, na maioria das vezes, como termo “inclusão escolar”. Ressalta-se, entretanto, que em vários momentos elas são utilizadas como sinônimas, mas de maneira equivocada, pois a educação inclusiva é um princípio ético de toda educação (Declaração de Salamanca); já a educação especial tem grupos específicos de estudo. Esses subcampos de pesquisa se conectam com as árvores científicas dos pesquisadores P4, P8, P9 e P10.

Estendendo a forma de análise, elucida-se que algumas palavras foram empregadas de maneira indiscriminada pelos pesquisadores, baseados em convenções pessoais ou sociais. Dentro dessa perspectiva, adverte-se que a seleção dos descritores dos trabalhos científicos deve ser feita de acordo com o vocabulário controlado da área, os quais devem ser elaborados

por profissionais especialistas no assunto, ancorados pelo princípio basilar de sua construção, a “garantia literária”. (DODEBEI, 2002).

O gráfico abaixo demonstra a matriz de frequência das palavras mais comuns utilizadas nas produções no âmbito do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS. Na matriz, cada descritor é representado num quadrante, que corresponde aos graus de centralidade e densidade.

Gráfico 1 – Matriz de Coocorrências de Palavras



Fonte: Termos da pesquisa confeccionados pelo software UCINET.

A leitura do mapa evidencia a centralidade da posição estratégica do termo da Violência Escolar, e a intensidade de relacionamentos com as indicações de ligações, como também os outros termos que se inter-relacionam.

Os nós maiores identificam associações que expressam relações de conteúdos integrados, considerados essenciais pelo subcampo científico, por se encontrar em estado bem desenvolvido pelos pesquisadores do grupo, como é possível notar nos usos dos termos educação e violência; educação e violência escolar; violência e escola; violência e violência escolar; violência escolar e inclusão escolar.

As conexões conduziram a alguns subtemas de investigação de relevante grau de concentração, o qual representa a especialidade do Observatório, com a notória presença dos termos: preconceito, deficiência, inclusão escolar e a indisciplina escolar.

Essa representação extraída permite visualizar as produções dos pesquisadores P4, P8, P9 e P10 e notar que elas se interligam com a temática maior.

Outras designações revelaram relações fracas com a rede construída, como é o caso do próprio termo periférico “preconceito” que indicou frágil conexão com os termos trabalhados pelo grupo, como o próprio termo central, a violência escolar. Todavia, tal análise traz uma expectativa de desenvolvimento desse termo que está submerso no campo da violência, sobretudo quando se visa abordar a educação inclusiva e a violência de gênero nas escolas.

Por meio do Quadro 1 podem ser visualizados os vínculos institucionais dos autores citados, e verificou-se que os pesquisadores pertencentes ao Projeto de Pesquisa do Observatório da Violência nas Escolas exercem elos teóricos com pesquisadores da área, tanto no âmbito brasileiro como internacional, pois, identificou-se o uso de 8 autores vinculados a instituições nacionais, dentre os quais, 1 tem vínculo intrainstitucional, e 4 com instituições internacionais.

Atenta-se que existe o uso considerável de referenciais teóricos de pesquisadores nacionais, mas também revela-se o uso de clássicos internacionais (BOURDIEU; FOUCAULT; ARENDT; DEBARBIEUX). Desse modo, entende-se que a violência escolar faz fronteira com disciplinas clássicas da violência urbana que impulsionam as conexões sociais entre citantes e citados.

Quadro 1 - Vínculo Institucional dos Autores Citados

AUTORES CITADOS	IES	Local
Michel Foucault	Collège de France	França
Miriam Abramovay	Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (BRA), Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais (BRA)	RJ
Maria Pontes Sposito	Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação.	SP
Pierre Félix Bourdieu	École de Sociologie du Collège de France	França
Doracina Aparecida de Castro Araujo	Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	MS
Júlio Roberto Groppa Aquino	Universidade de São Paulo	SP
Hannah Arendt	New School University	EUA
Eric Debarbieux	Universidade Pierre Mendes France - Grenoble II.	França
Bernard Jean Jacques Charlot	Universidade Federal do Sergipe	SE
Áurea Maria Guimarães	Universidade Estadual de Campinas	SP
Alba Maria Zaluar	Universidade Estadual do Rio de Janeiro	RJ
Julio Jacobo Waiselfisz	Universidade Federal de Rio Grande do Sul.	RS

Fonte: Autores Citados nos trabalhos do Projeto de Pesquisa no âmbito Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS.

Michel Foucault, filósofo francês, trabalhou várias teorias sobre a relação de poder, e suas influências teóricas alcançaram as Instituições Sociais. Esse vínculo tornou basilares suas discussões para estruturar vários trabalhos elaborados pelo grupo. Entre os livros mais citados destacam-se: **Vigiar e punir** e **Microfísica do poder**.

Miriam Abramovay tem seu vínculo institucional com a Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais, possui linhas de pesquisa em “violências nas escolas” e “violência e juventude”; projetos de pesquisas atrelados à juventude, sexualidade e violência. Seus trabalhos mais citados pelo grupo foram: **“Escola e violência”**; **“Violência nas escolas”** e **“Cotidiano das escolas: entre violências”**.

Maria Pontes Sposito está vinculada à Universidade de São Paulo, desenvolve trabalhos dentro da linha de pesquisa “violência escolar”, cujo objetivo é pesquisar as múltiplas formas da violência em meio escolar e as iniciativas da sociedade civil e do poder público, visando à prevenção ou à redução desse fenômeno. Desenvolveu projetos de pesquisas atrelados à juventude e à violência escolar, e seus trabalhos mais citados no âmbito do Observatório foram: “A Instituição escolar e a violência”, publicado na revista **Cadernos de Pesquisa** e “Um breve balanço da pesquisa sobre a violência escolar no Brasil”, publicado pela **Revista Brasileira de Ciências Sociais**.

O francês Pierre Félix Bourdieu foi sociólogo por ofício e escreveu muitos trabalhos relacionados à dominação e ao poder. Sua obra mais citada no âmbito do Observatório foi **Poder simbólico**.

De natureza intrainstitucional, a autora Doracina Aparecida de Castro Araujo está vinculada à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, aborda temas na área da Educação Inclusiva, coordena o GEPPE, que possui três linhas mestras de pesquisa: “educação e violência”, “educação especial” e “teorias e práticas educacionais”, e se destaca nas citações do grupo. No entanto, ressalta-se que não houve um texto com alto índice de predominância nas citações, mas sim vários trabalhos citados aleatoriamente, tanto de autoria simples como a tese de doutoramento **A Educação escolar no sistema penitenciário de Mato Grosso do Sul: um olhar sobre Paranaíba**, ou como coautora em capítulos de livros com trabalhos em parceria: **Repensando políticas e práticas da educação inclusiva e Inclusão social e formação de professores**.

Júlio Roberto Groppa Aquino encontra-se vinculado à USP, enfoca nos seus projetos e trabalhos a relação professor-aluno, trabalha temáticas que caracterizam a psicologia escolar. Dentre as citações mais referenciadas desse autor, destaca-se o livro **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**.

Alemã de origem judaica, Hannah Arendt foi uma ativista que lutou contra os regimes totalitários de sua época, e a obra que obteve maior número de padrões iguais foi **Sobre a violência**.

Eric Debarbieux é um renomado autor francês que promove reflexões sobre a violência escolar; geralmente é citado em parceria com Catherine Blaya. Seu livro de maior destaque entre o grupo de pesquisa é **Violência nas escolas e políticas públicas**.

Bernard Jean Jacques Charlot, de origem Francesa, foi radicado no Brasil, aclamado como professor visitante nacional sênior da Capes na Universidade Federal de Sergipe. Charlot trabalha as teorias da reprodução social na escola e promove reflexão acerca das melhores condições de ensino e as singularidades do ser aluno. O trabalho mais citado pelo Observatório foi seu artigo intitulado “A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão”, publicado na revista **Sociologias**, de Porto Alegre.

Áurea Maria Guimarães está vinculada à Universidade Estadual de Campinas, trabalha em seus projetos de pesquisa a violência e a juventude. Dois livros tiveram o mesmo índice de citações perante o Observatório: **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade e Vigilância punição e depredação escolar**.

Alba Maria Zaluar está vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro, trabalha com as linhas de pesquisa pobreza, políticas sociais e violência. Sua obra mais citada foi “Violência extra e intramuros” publicada na **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, de São Paulo.

Julio Jacobo Waiselfisz tem vínculo com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, conhecido por ser responsável pela pesquisa do Mapa da violência. Não houve um índice de predominância entre as citações ao referido autor, os citantes variaram utilizando o **Mapa da violência 2012**; o **Mapa da Violência 2013**; o **Mapa da Violência III** e **Revertendo violências, semeando futuros: avaliação de impacto do programa Abrindo Espaços no Rio de Janeiro e em Pernambuco**.

Em síntese, acentua-se que os autores nacionais possuem projetos e linhas de pesquisas dentro da perspectiva da violência escolar. É possível afirmar que esses pesquisadores possui maior consolidação no campo de pesquisa para performance do Observatório, e permeiam pólos de pesquisa dentro desse campo de investigação.

4.2 Análise da Produtividade e a Posição Estratégica dos Pesquisadores no Campo Científico

A lógica do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS é o trabalho em equipe, de suscitar a produção do conhecimento entre orientandos e orientadores e relações interdisciplinares e a direção para se produzir cientificamente era sempre conectar os pesquisadores periféricos com um pesquisador que já estava arraigado na prática da pesquisa, além de unir pesquisadores por excelência; professores do Ensino Superior com os pesquisadores iniciantes - que são os estudantes da graduação e pós-graduação do programa de mestrado em educação-, e os professores do ensino de educação básica.

Essa propositura de ação se traduziu no fortalecimento do grupo, pois o trabalho em equipe é uma estratégia favorável propiciada pela própria ciência para o subcampo científico, e impulsiona no cenário científico maior peso social. Esse é também, o discurso construído pelos pesquisadores que pertencem ao Projeto de Pesquisa do Observatório da Violência nas Escolas, a produção científica social.

A estratégia dos pesquisadores do Ensino Superior foi o uso de movimentos intelectuais em torno dos temas de interesse para seguirem no campo científico, como mecanismos para a conservação na academia.

Essas transações de temas foram perceptíveis nas migrações de alguns pesquisadores (P5, P6, P7, P8), com presença de deslocamentos de temas de interesse e as adaptações de outros pesquisadores (P2, P3, P4, P9 e P10) com seus subtemas, o que permitiu relacionar as suas inclinações para a pesquisa maior. Assim, foi possível formar uma homogênea condensação teórica e a partir de então afirmar que as produções realizadas no Observatório estabeleceram um corte extensivo que se voltou para mesma área de domínio do pesquisador central.

Essa proximidade teórica entre os pesquisadores é um indicador relevante, porque demonstra um forte vínculo de padrões de uso como a Matriz Teórica Dominante, estabelecida pelo pesquisador central, que concedeu o primeiro *start* no campo de investigação.

A pesquisa ainda revela relações de força que mascaram “um interesse desinteressado”, invisível à primeira vista. Elas se materializam pelos esforços de alguns pesquisadores para permanecer no campo científico, por meio da utilização dos recursos simbólicos que o campo permite, assim como aqueles aceitáveis por todos os cúmplices do sistema (dominantes e periféricos). O hibridismo de poderes que inclui capital puro e capital

institucional ratifica que no seu interior a universidade ainda realiza os dois tipos de labores: os serviços administrativos e as produções de pesquisas.

Observa-se também a subversão de um pesquisador que aparentemente é denominado como o recém-chegado na academia, pela tentativa de ascender no campo por meio do seu alto índice de produções científicas.

Pondera-se que nas relações hierárquicas que impulsionaram a busca pelos poderes puro e institucional dos pesquisadores, não se investigaram todos os pesquisadores pertencentes ao Observatório (os alunos da graduação, do programa de mestrado e os professores da rede pública), que embora participem do projeto de pesquisa e por conseguinte da pirâmide estrutural constituída cientificamente, não foram considerados sujeitos dentro desse ponto da análise, tendo em vista as exíguas condições estruturais em que se encontram para obterem o poder institucional. Deste modo, não foi possível identificar neles a tal busca pelo reconhecimento científico que aguça os pesquisadores/professores do ensino superior.

Ademais, a violência escolar demonstra ser um tema emergente que se encontra em construção dentro do campo da educação, onde se observa a considerável transposição da violência social para o meio escolar, como também as diversas contribuições transitáveis de estudiosos de outros campos do conhecimento. Essa percepção foi possível diante da frequência de uso de alguns teóricos internacionais como Arendt, Bourdieu e Foucault, e a impactante presença de 620 teóricos diferentes utilizados pelos pesquisadores em suas produções no decurso desta pesquisa científica.

Quanto aos laços sociais, observa-se que os pesquisadores mantêm um intercâmbio interessante evidenciado pela tabela de cocitação, o que revela a presença de elos teóricos entre os pesquisadores. Importante ressaltar, que mesmo sem excluir as auto-citações dos trabalhos analisados, a preponderante frequência de uso de citações em Araujo demonstra que a relação intrainstitucional é também significativa e não expressa a convencional concepção de estagnação de ideias dentro de um mesmo grupo de trabalho, mas indica sinal de demonstração de maturidade teórica dos pesquisadores que a utilizaram, tanto para comunicar como para citar, por considerarem um trabalho de qualidade aquele “discurso escrito que seguirá” (GREIMAS; LANDOWSKI, 1979), já que sua aceitação pelos pares dependerá do comprometimento ético do pesquisador.

Sob essa óptica, embora existam o grupo de pesquisa dois professores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), portanto externos à instituição, fica importante exaltar aqui a necessidade de existir

diálogos interinstitucionais com o grupo, a fim de se obter redes de colaboração para fortalecimento do campo do conhecimento em construção.

Isso pode ser instrumentalizado por meio de produções científicas em parceria, como já foi constatado até mesmo no estado de Mato Grosso Sul, várias instituições que trabalham sob a mesma linha de pesquisa, como Grupo de Estudos sobre Violência, Criminalidade e Direitos Humanos (GEVCRIMDH) que é da mesma Unidade Universitária de Paranaíba; o Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar e Saúde (GPEFES) da UFGD; o Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Saúde (LEPPSI) da UFGD; o Levs: Laboratório de estudos da violência, gênero e Sexualidade da UFMS; O NEPI/PANTANAL - Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Políticas públicas, direitos humanos, gênero, vulnerabilidades e violências da UFMS; o Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul da UFMS; Núcleo de Estudos e Pesquisas América Latina em Movimento - NEPALM da UFMS; O Planejamento e Avaliação em Educação e Psicologia da UFMS, e o de Relações de Gênero, sociedade e cultura da UEMS de Dourados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou apontar a presença intrínseca das relações próprias no campo científico e indicar que os altos índices de produtividade na academia ultrapassam as convicções das influências macrosociais, assim como detectar aquelas que envolviam as discussões teóricas em torno do “produtivismo acadêmico”.

Esse importante diagnóstico certifica que embora existam imposições das agências de pesquisa, o campo científico possui leis próprias, impulsionadoras da produção do conhecimento, reveladas pelas incitadas buscas dos pesquisadores pelo prestígio científico.

Nota-se também que as disputas por melhores posições na hierarquia científica vão existir de forma relativamente objetivada, pois elas revelam forças do campo, onde é realçada a disputa por poderes científicos (puro e institucional) os quais evidenciam quem são os pesquisadores recém-chegados na academia e os chamados dominantes.

Por esse lado, fica nítida a incorporação de práticas científicas com uso de estratégias próprias, conferidas pela ciência, com vistas à subversão ou a conservação no campo científico. Um exemplo dessa ocorrência seria a criação de grupos de pesquisa que representam mecanismos de autorregulagem no ambiente.

A participação democrática de um grupo de pesquisa no combate a um problema social onde o Estado delega à agência de pesquisa essa atribuição é concebida pela ciência como um fator impactante, pois eleva o diálogo entre os pares de diferentes disciplinas, além de agregar contribuições significativas para a pesquisa. Tal fato acaba por consubstanciar-se em maior visibilidade para as comunicações científicas.

A partir desse ângulo este trabalho se envervou, por considerar que a dinâmica da construção de um grupo de pesquisa que transpassa a sua propositura inicial, a de ser uma organização restrita a pensar socialmente, “livre de disputas”, desconstrói a ideia de que a constituição de um grupo, conforme o olhar de Bourdieu, impossibilitaria a competição. Tal fato se dá, pois entende-se que o *habitus* científico é incorporado pelo pesquisador desde a sua imersão no campo científico.

Considerando a natureza de um grupo de pesquisa, a investigação tomou para si novas significações e reconheceu nessa composição, a presença de movimentos intelectuais por colocações privilegiadas no campo científico, onde foram identificadas variações temáticas com o uso de estratégias dos pesquisadores atrás de novos paradigmas que configuraram a educação.

Ao abordar o uso da estratégia no campo, vale destacar que essa se iniciou com a escolha da temática de investigação. A violência em meio escolar é um tema frutífero para investigações no campo educacional, e sua escolha foi denotada pelo pesquisador central, o coordenador do grupo, que implementou o Projeto de Pesquisa do Observatório de Violência nas escolas na Unidade Universitária de Paranaíba, com vistas a instituir meios de prevenção ao fenômeno da violência na escola. Essa arte considerada estratégia, que consiste em se apropriar de um bom tema, como escreveu Bourdieu (1998; 2004), faz o pesquisador antecipar as tendências da área e ter acesso aos bens simbólicos.

O apoderamento do tema também foi percebido em outros pesquisadores participantes do Observatório, quando imprimiram novos ajustes e direcionamentos para suas pesquisas, estratégia que externa um “interesse desinteressado” e incorpora novas práticas naturalizadas com as influências geradas pelo grupo de pesquisa. A participação nessa empreitada significa compartilhar do mesmo repertório teórico e das mesmas representações coletivas.

Nesse instante, fica perceptível o “jogar o jogo” que a ciência sugestiona, com a inserção de estratégias inconscientes ou parcialmente controladas. É aquela certa lucidez não reconhecida, por meio da qual os pesquisadores do Observatório estabeleceram movimentos migratórios com uso de aproximações e filiações teóricas voltadas para o tema. Logo, suas aspirações subjetivas passaram se ajustar às aspirações objetivas do grupo e instituíram em suas produções científicas a chamada representação social interessada.

Antes de adentrar nas análises acerca das produções, vale frisar que por meio do uso da Plataforma *Lattes* foram medidas as potencialidades de cada pesquisador de “jogar o jogo” no subcampo científico, com a intenção de constatar qual foi o discurso dominante no grupo de pesquisa. Assim, foi observada a presença de um discurso híbrido: o institucional e o científico.

A busca por esse equilíbrio na academia instaura as disposições privilegiadas no campo científico e estabelece a hierarquia no grupo. Essa determinação legítima quem são os pesquisadores dominantes na área, pois esses determinam qual ideologia teórica vai permanecer; controlam o discurso científico no subcampo da violência escolar; assumem o poder científico diante o grupo e definem o que é ciência.

Ao se tratar das produções científicas do grupo foram identificados os canais mais utilizados pelos pesquisadores e diagnosticou-se o considerável uso de anais em eventos científicos, que caracterizam pela divulgação dos projetos e pesquisas em andamento, além de permitirem a troca de ideias com os pares/concorrentes.

Por meio dos padrões de uso dos pesquisadores, identificaram-se quais sustentações teóricas estabelecem relações entre si e exteriorizam relações paradigmáticas entre eles. Assim, foi possível detectar ainda as evidências no tocante às relações internalizadas entre orientador e orientando.

Quanto às correntes teóricas do grupo de pesquisa, destacaram-se Abramovay, Sposito, Bourdieu, Araujo, Aquino, Arendt, Debarbieux, Charlot, Guimarães, Zaluar e Walselisk, os quais estabelecem aproximações de conteúdo com os trabalhos publicados pelos autores citantes e representam a literatura dominante, aquela concebida como mais significativa para o grupo de pesquisa.

Esse referencial, associado ao número de 620 autores citados, confirmou haver intercâmbio da temática entre os pensadores que abordam a violência urbana e diálogo com outras áreas do conhecimento, o que acaba por se configurar um campo ainda em construção.

A pesquisa ainda apontou trabalhos dos pesquisadores que abordaram inquietações entrelaçadas com a política, a educação e o sistema carcerário, com o uso dos termos “abandono escolar do preso”; “educação na prisão”; “escola prisional”; “ressocialização”; “sistema prisional”; “socialização”, frutos de estudos gerados sob influência do pesquisador central que imprimiu relações entre orientador e orientando, constatadas pelos elos estabelecidos com a árvore científica.

O uso das terminologias permitiu conhecer quais subtemas foram mais trabalhados no âmbito do Observatório e revelou que o campo de estudo recebe, dentre suas proeminências, designações de enfrentamentos contra o fenômeno, tais como: preconceito, deficiência, indisciplina escolar, e a inclusão escolar, que são manifestações de percepção da violência.

Pondera-se também o uso de termos como “pessoas com deficiência”; “educação inclusiva”, “educação especial” e “inclusão escolar”, que demonstram uma comunicação coerente e integrada entre as duas frentes de trabalho do grupo de pesquisa do GEPPE: Educação e violência e Educação especial.

Outros termos trabalhados pelo grupo, como: “diversidade sexual”, “estigmas”, “heteronormatividade”, “identidade”, “representações” e “representação de si” revelaram indícios de novas tendências de investigação delineada pela atenção para a violência de gênero nas escolas, como espaço de reconhecimento das diferenças.

A investigação ainda apontou a necessidade de se reconsiderar a representação temática formalizada no vocabulário controlado do tesouro específico elaborado pelo Brased, o *thesaurus* brasileiro de educação.

Destaca-se também a importância de o projeto de pesquisa do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS dialogar com outras instituições que trabalham com o mesmo campo de investigação e permitir a existência de conexões sociais como a exposição de novas realidades e a integralização de resultados, e assim, estabelecer redes de colaboração.

Por fim, a intenção deste trabalho foi contribuir com a caracterização da produção do conhecimento do grupo de pesquisa constituído com a criação do Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS, e destacar ainda os elementos simbólicos que permeiam um subcampo científico na universidade.

A partir de então, será possível contribuir com novas investigações e com os estudiosos que queiram mergulhar nessa área e trabalhar com esse repertório teórico formado pelo objeto de investigação da violência em meio escolar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1977.

BARRETO, Maurício. **Se mudarmos a forma de avaliar a ciência, mudamos a forma de entender e valorar a publicação científica**. Entrevista concedida à ABRASCO em 20 de jul. de 2015. Disponível em: <<http://www.abrasco.org.br>>. Acesso em: 23 ago. 2015.

BEN-DAVID, Joseph. Introdução. In:_____. **Sociologia da ciência**. Rio de Janeiro: FGV, 1975, p. 1-32.

BERNARDO, Marcia Hespanhol. Produtivismo e precariedade subjetiva na universidade pública: o desgaste mental dos docentes. **Psicologia & Sociedade**, 26, n. spe., p. 129-139, 2014.

BIANCHETTI, Lucídio; VALLE, Ione Ribeiro. Produtivismo acadêmico e decorrências às condições de vida/trabalho de pesquisadores brasileiros e europeus. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 22, n. 82, p. 89-110, 2014.

BÍBLIA SAGRADA. Português. Nova versão internacional. **Mateus**. Trad. Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo, SP: Vida, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2014.

_____. **Homo academicus**. 2. ed. Florianópolis, SC: Editora UFSC, 2013.

_____. **O poder simbólico**. 16. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2012a.

_____. **Escritos de educação**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.

_____. **Para uma sociologia da ciência**. Portugal: Edições 70, 2008a.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo, SP: Unesp, 2004.

_____. **Una invitación a lasociología reflexiva**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

_____. **Campo de poder, campo intelectual: itinerário de un concepto**. Buenos Aires: Montessor Jungla Simbólica, 2002.

_____. Método científico e hierarquia social dos objetos. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio Mendes. (Org.) **Pierre Bourdieu. Escritos de Educação**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Vozes, 1998.

BRASIL (Presidente da República). **Decreto nº 5.803, de 8 de junho de 2006**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5803.htm> Acesso em: 20 de set. 2014.

BUFREM, Leilah; PRATES, Yara. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v.34, n.2, p. 9-25, maio/ago., 2005.

CALLON, Michel; COURTIAL, Jean-Pierre; PENAN, Hervé. **Cientometria: el estudio cuantitativo de la actividad científica: de la bibliometría a la vigilancia tecnológica**. Gijón: Ediciones TREA, S. L., 1995.

CAPES. **Comunicado nº001/2012- Área Educação**. Disponível em: https://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Interdisciplinaridade_Educacao.pdf> Acesso em: 10 maio 2013.

_____. **Avaliação trienal 2013**. Publicado em 23 abr. de 2014. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/36-noticias/6908-capes-divulga-resultado-final-da-avaliacao-trienal-2013-apos-analise-de-recursos>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

_____. **Periódicos qualis**. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>> Acesso em: 20 abr. 2015.

CAREGNATO, Celia Elizabete; MIORANDO; Bernardo Sfredo; LEITE, Denise Balarine Cavalheiro. **Produção de conhecimento e líderes em pesquisa no campo da Educação**. In: X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Revista sociologia**. Porto Alegre, ano 4, n 8, p. 432-443, jul./dez., 2002.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo: Unesp, 2001.

_____. A universidade operacional. **Revista da ADUNICAMP**, Campinas, ano 1, n. 1, jun., 1999.

CNPQ. **Sobre a plataforma Lattes**. Disponível em: <<http://memoria.cnpq.br/web/portal-lattes/sobre-a-plataforma>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

_____. **Grupos de pesquisa**. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/web/dgp>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Lexikon Editora Digital, 2007.

DODEBEI, Vera Lúcia Doyle. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Rio de Janeiro, RJ: Interciência, 2002.

FARIA, Luísa Leal de. A ideia da universidade e a formação da *intelligentsia*. **Gaudium Sciendi**, n. 2, jul., p. 24-39, 2012. Disponível em: <http://www.ucp.pt/site/resources/documents/SCUCP/GaudiumSciendi/GaudiumSciendi_N2_emendas/1.Lu%C3%ADsa%20emendas.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2015.

FORMOSINHO, Sebastião. **Nos bastidores da Ciência 20 anos depois**. Coimbra: Fundação para Ciência e Tecnologia, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25. ed. São Paulo, SP: Graal, 2012.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2010.

FUNARO, Vânia M. B. et al. In: PÓBLACION, Dinah Aguar; MUGNANI, Rogério; RAMOS, Lúcia Maria S. V. Costa. **Redes sociais e colaborativas**: em informação científica. São Paulo, SP: Angellara Editora, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

GOMES, Maria de Fátima Teixeira. Interação universidade-escola: vivenciando a formação docente. **Aproximando**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2015.

GRACIO, Maria Cláudia Cabrini; OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri de. Estudos de análise de cocitação de autores: uma abordagem teórico-metodológica para a compreensão de um domínio. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v.7, n.1, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/114829/ISSN19835116-2014-07-01-01-22a.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 maio 2016.

_____. Produção e comunicação da informação em CT&I – GT7 da ANCIB: análise bibliométrica no período 2003/2009. **Liinc em Revista**, v.7, n.1, Rio de Janeiro, p. 248 – 263, mar. 2011. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 10 maio 2016.

GREIMAS; Algirdas Julius; LANDOWSKI, Eric. **Análise do discurso em ciências sociais**. São Paulo, SP: Global editora, 1979.

GUIMARÃES, Vera Aparecida Lui; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini . Os eventos científicos: espaços privilegiados para a comunicação científica. **Comunicologia**, Brasília, v. 7, p. 204-229, 2014.

HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Fertilizações cruzadas entre a cientometria, a sociologia da ciência e os estudos sociais da ciência. In: HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; RIGOLIN, Camila Carneiro Dias; KERBAUY, Maria Teresa Miceli (Org.). **Sociologia ciência**: contribuições ao campo CTS. Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.

_____. Afinidades entre a cientometria e os estudos sociais da ciência. **Filosofia e educação**, v. 5, n. 2, p. 57- 88, out. 2013a.

_____. Sociologia da Ciência, Bibliometria e Cientometria: contribuições para a análise da produção científica. In: IV SEMINÁRIO DE EPISTEMOLOGIA E TEORIAS DA EDUCAÇÃO, 2013, **Anais do IV EPISTED...** 2013b. Campinas-SP. p. 1-29.

INDICADORES de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo 2010. São Paulo, SP: FAPESP, 2011.

INEP. **Thesaurus Brasileiro da Educação**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/pesquisa-thesaurus>> Acesso em: 10 jun. 2016.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, p. 9-44, 1993.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 12. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2013.

_____. _____. 10. ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2011.

LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, 2002. p. 37-55. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a04v2378.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2015.

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade de fora**. São Paulo, SP: Unesp, 2000.

_____. Crédito: reconhecimento e credibilidade. In: LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Trad. Angela R. Vianna. Rio de Janeiro, RJ: Relume Dumará, 1997.

LEITE, Fernando César Lima; COSTA, Sely. Repositórios institucionais como ferramentas de gestão do conhecimento científico no ambiente acadêmico. **Perspect. Ciênc. Inf.**, Belo Horizonte, v.11, n.2, p. 206 -219, maio/ago. 2006.

LEITE, Maria Flávia Barbosa; Adriana VIANA, Backx Noronha; PEREIRA, Gláucia Guimarães. Métodos quantitativos na avaliação da capes: uma pesquisa bibliográfica. **FACEF Pesquisa**, v.9, n.2, p. 166-174, 2006.

LUCAS, Eliane Rosangela de Oliveira. **Capital social e capital científico na produção científica sobre linguagens documentárias e sistemas de organização do conhecimento no campo da Knowledge Organization (KO) nos idiomas espanhol, francês e português**. 2014. 165f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: EPU, 2004.

MACIAS-CHAPULA, Cesar A. O papel da informetria e da ciëntometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, 1998.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MEADOWS, Arthur Jack. **A comunicação científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 1999.

MEIRA, Fabio Bittencourt; MEIRA, Mônica Birchler Vanzella. Considerações sobre um campo científico em formação: Bourdieu e a “nova ciência” do turismo. **Cad. EBAPE.BR** [on-line]. 2007, v. 5, n. 4, p. 1-18. ISSN 1679-3951.

MERTON, Robert K. **Ensaio de sociologia da ciência**. São Paulo, SP: Associação Filosófica Scientiae Studia / Editora 34, 2013.

MOREIRA JUNIOR, Airton Ferreira; ANDRADE, Thales Haddad Novaes de. Pierre Boudieu e a noção de campo científico: contribuições para o estudo da prática científica e

técnica. In: HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini; RIGOLIN, Camila Carneiro Dias; KERBAUY, Maria Teresa Miceli (Org.). **Sociologia ciência**: contribuições ao campo CTS. Campinas, SP: Editora Alínea, 2014.

MOREIRA, Joelma Machado; MOREIRA, Maria Helena Bimbatti. Violência na escola: uma análise sobre a produção científica do fenômeno *bullying* em dissertações brasileiras no período de 2009-2013. In: ARAUJO, Elson Luiz de; ARAUJO, Doracina Aparecida de Castro. **Violência escolar**: vivências e perspectivas do OBEDUC. São Carlos: Pedro & João, 2015.

MUGNAINI, Rogério; JANNUZZI, Paulo de Martino; QUONIAM, Luc. Indicadores bibliométricos da produção científica brasileira: uma análise a partir da base Pascal. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 33, n. 2, p. 123-131, ago. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652004000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 maio 2016.

NEVES, Eloita Pereira; GONÇALVES, Lúcia H.T. As questões do marco teórico nas pesquisas de enfermagem. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM, 3., 3 a 6 de abril de 1984. **Anais...** Florianópolis: ABEn, 1994. p.211-29.

OBEDUC. **Proposta de Projeto de Pesquisa “Observatório da violência nas escolas: cotidiano escolar – entre saberes e desencontros das práticas pedagógicas de socialização e de prevenção da violência nas escolas de ensino fundamental e médio”**. Paranaíba, MS: UEMS, 2012.

OLIVEIRA, Ely Francina Tannuri; GRACIO, Maria Cláudia Cabrini. Indicadores bibliométricos em ciência da informação: análise dos pesquisadores mais produtivos no tema estudos métricos na base *Scopus*. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n.4, p. 16-28, out./dez., 2011.

_____. A produção científica em organização e representação do conhecimento no Brasil: uma análise bibliométrica do GT-2 da ANCIB. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA DA ANCIB, ENANCIB, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ANCIB, 2009.

_____. Rede de colaboração científica no tema “estudos métricos”: um estudo de coautorias através dos periódicos do SciELO da área de ciência da informação. **BJIS**, v. 2, n. 2, p. 35-49, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.bjis.unesp.br/pt/>>. Acesso em 10 maio 2015.

ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia. São Paulo, SP: Ática, 1983.

PACKER, Abel L.; MENEGHINI, Rogério. Visibilidade da produção científica. In: POBLACION, Dinah Aguiar; MAGNAINI, Rogério; RAMOS, Lúcia Maria S. V. Costa. **Redes sociais e colaborativas**: em informação científica. São Paulo, SP: Angellara Editora, 2009.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil**: entre o povo e a nação. Trad. De Maria Julia Goldwasser. São Paulo, SP: Ática, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas, SPP: Editora Unicamp, 2009.

PISCIOTTA, Kátia. Redes sociais: articulação com os pares e com a sociedade. In: PÓBLACION, Dinah Aguiar; MUGNANI, Rogério; RAMOS, Lúcia Maria S. V. Costa. **Redes sociais e colaborativas: em informação científica**. São Paulo, SP: Angellara Editora, 2009.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Camus, 2001.

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 325-346, abr./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v40n2/v40n2a03.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2015.

RUOTTI, Caren; ALVES, Renato; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola: um guia para pais e professores**. São Paulo, SP: Andhep/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

SANTOS, Ana Lúcia Felix dos; AZEVEDO, Janete Maria Lins de. A pós-graduação no Brasil, a pesquisa em educação e os estudos sobre a política educacional: os contornos da constituição de um campo acadêmico. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 42, set./dez., 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n42/v14n42a10.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2016.

_____. **A ação de pesquisadores que investigam a política educacional: analisando estratégias de delimitação do campo acadêmico no contexto de produção do discurso**. In: 33ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED: GT05 – (Estado e Política Educacional) realizada de 17 a 20 de outubro de 2010, Caxambu/Minas Gerais, 2010. Disponível em: <<http://www.bvseps.icict.fiocruz.br/lildbi/docsonline/get.php?id=410>>. Acesso em: 30 out. 2015.

SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos; KOBASHI, Nair Yumiko. Aspectos metodológicos da produção de indicadores em ciência e tecnologia. In: VI CINFOM, **Anais...** Salvador, 17 de junho de 2005.

SCHWARTZMAN, Simon. **Ciência, universidade e ideologia: a política do conhecimento**. Rio de Janeiro, RJ: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008.

_____. **Um espaço para ciência: a formação da comunidade científica brasileira**. Brasília, DF: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2001.

SILVA, Márcia Regina da; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. O que Bourdieu tem a dizer à bibliometria? In: SEGUNDO, José Eduardo Santarem; SILVA, Marcia Regina da; MOSTAFA, Solange Puntel (Org.). **Os pensadores e a ciência da informação**. Rio de Janeiro, RJ: E-papers, 2012.

SILVA, Márcia Regina da. **Análise bibliométrica da produção científica docente do programa de pós-graduação em educação especial / UFSCar: 1998-2003**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, 2004.

SMALL, Henry. Co-citation in the scientific literature: a new measure of the relationship between two documents. **Journal of American Society for Information Science**, v. 24, n.4, p. 265-269, jul./Aug., 1973.

SOLLA PRICE, Derek. **J.O desenvolvimento da ciência: análise histórica, filosófica, sociológica e econômica**. Rio de Janeiro, RJ: Livros Técnicos e Científicos, 1976.

SPINAK, Ernesto. Indicadores cientimetricos. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 141-148, maio/ago. 1998.

SPOSITO, Marilia Pontes. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educ. Pesq.**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 87-103, jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 out. 2015.

TEIXEIRA, Juliana Cristina et al. Dinâmica de distribuição de fontes de capitais científicos entre docentes / pesquisadores de um programa de pós-graduação *stricto-sensu* de uma universidade pública. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v. 17, n. 1, p. 179-206, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v17n1/a10v17n1.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2016.

THEODORSON, George A. **Diccionario de sociologia**. Buenos Aires: Editorial Paidos, 1978.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Rev. Adm. Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, Feb. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000100003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 jun. 2016.

TIFFIN, John; RAJASINGHAN, Lalita. **A universidade virtual e global**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2007.

TREIN, Eunice; RODRIGUES, José. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Rev. Bras. Educ.** v.16, n.48, p. 769-792, 2011.

UEMS. **Projeto Político Pedagógico do Programa de Pós-Graduação em Educação Doutorado**. Paranaíba, MS: UEMS, 2015.

_____. **Projeto Político Pedagógico do Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado**. Paranaíba, MS: UEMS, 2013.

VANTI, Nadia Aurora Peres. Da bibliometria à webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e da difusão do conhecimento. **Ci. In**, Brasília, v. 31, n.2, p. 152-162, maio/ago. 2002.

VANZ, Samile Andréa de Souza; CAREGNATO, Sônia Elisa. Estudos de citação: uma ferramenta para entender a comunicação científica. **Em questão**, Porto Alegre, v.9, n.2, p. 295-307, jul./dez., 2003.

ZARUR, George de Cerqueira Leite. **A arena científica**. Campinas, SP: Autores Associados, 1994.

ZIMAN, John. **Conhecimento público**. São Paulo, SP: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1979.

ZUIN, Antônio A. S.; BIANCHETTI, Lucídio. O produtivismo na era do "publique, apareça ou pereça": um equilíbrio difícil e necessário. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, n. 158, p. 726-750, dez. 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000400726&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 Jun. 2016.

**APÊNDICE – Produções dos Membros Pertencentes ao Projeto de Pesquisa do
Observatório da Violência nas Escolas de Paranaíba / MS**

- 1) ARAUJO, E. L. Violência na escola: violências da escola: notas preliminares. In: BERTOLETTI, E. N. M.; ARAUJO, D. A. C. **Pesquisa em educação: interfaces de saberes**. São Paulo, SP: Scortecci, 2010.
- 2) OLIVEIRA, L. S. da S.; ARAUJO, E. L. de. Observatório da educação: desvelando caminhos na prevenção da violência nas escolas. In: CARVALHO, C. N. P. de; ARAUJO, D. A. de C.; BERTOLETTI, E. N. M. (Org.). **Pesquisas sobre diversidade, história da educação e linguagem**. Curitiba, PR: CRV, 2014.
- 3) CARVALHO, P. C. A.de. Professor mediador escolar e comunitário: desafios à violência escolar. In: PAES, A. B.; ARAUJO, E. L. de; SOUZA, J. A. (Org.). **Educação, linguagem e sociedade: relatos de pesquisa**. Curitiba, PR; CRV, 2012.
- 4) TORRES, N.V.; ARAUJO, E. L.de. A redução da indisciplina e da violência escolar: um olhar a partir da prática da educação física na escola: limites e possibilidades. In: PAES, A. B.; DEFACCI, F. A.; SOUZA, J. A. (Org.) **Educação, linguagem e sociedade: temas e abordagens**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2014.
- 5) BRANDETE, A.; ARAUJO, E. L.de. O programa escola da família: cidadania, sociabilidade e a não violência. In: PAES, A. B; DEFFACCI, F. A.; SOUZA, J. A. (Org.). **Educação, linguagem e sociedade: temas e abordagens**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2014.
- 6) FERRO, J. P.; ARAUJO, E. L. de. A violência entre os muros da escola. In: PAES, A. B.; ARAUJO, E. L. de; SOUZA, J. A. **Educação, linguagem e sociedade: relatos de pesquisas**. Curitiba, PR: CRV, 2012.
- 7) TORRES, N. V.; ARAUJO, E. L. de. O Observatório da educação e as questões de gênero e violência escolar: confronto entre meninas. **Interfaces da Educação**, v. 6, n. 16, p. 90-102, 2015.
- 8) PINA, A. S.; ARAUJO, D. A. de C. Violência contra crianças com deficiência. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, v. 4, n. 12, p. 81-93, 2014.
- 9) ARAUJO, D. A. de C.; ARAUJO, C. C. de C.; FREITAS, E. da S.; SANTOS, R. M. R. dos. Encenação: diferentes palcos e públicos do OBEDUC-Paranaíba. In: ARAUJO, E. L.; ARAUJO, D. A.de C. **Violência escolar: vivências e perspectivas do OBEDUC**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2015.
- 10) MIZIARA, L. A. S.; SILVEIRA, M. M. dos S.; TORRES, N. V. Narrativas sobre indisciplina e violência escolar: um estudo com integrantes do programa OBEDUC. In: ARAUJO, E. L.; ARAUJO, D. A. de C. **Violência escolar: vivências e perspectivas do OBEDUC**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2015.
- 11) OLIVEIRA, L. S. da S.; GITAHY, R. R. C. Educação e moralidade: uma experiência com o objeto de aprendizagem “liberdade e determinismo”. In: ARAUJO, E. L.; ARAUJO, D. A. de C. **Violência escolar: vivências e perspectivas do OBEDUC**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2015.

- 12) QUEIROZ, F. L. L.; GUIMARÃES, L. T. Políticas públicas de enfrentamento da violência escolar no Brasil. In: ARAUJO, E. L.; ARAUJO, D. A. de C. **Violência escolar: vivências e perspectivas do OBEDUC**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2015.
- 13) NOZU, W. C. S.; FERRO, J. P.; GUIMARÃES, R. P. Alunos com deficiência e violência escolar: notas para se (re)pensar a inclusão educacional. In: ARAUJO, E. L.; ARAUJO, D. A. de C. **Violência escolar: vivências e perspectivas do OBEDUC**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2015.
- 14) SANTANA, M. S. R.; PIERRE, J. Formação da conduta na criança: a responsabilidade da escola na perspectiva da teoria histórico-cultural. In: ARAUJO, E. L.; ARAUJO, D. A. de C. **Violência escolar: vivências e perspectivas do OBEDUC**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2015.
- 15) BRANDETE, A.; ARAUJO, E. L. O programa escola da família: integração escola-comunidade na minimização da violência em meio escolar. In: ARAUJO, E. L.; ARAUJO, D. A. de C. **Violência escolar: vivências e perspectivas do OBEDUC**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2015.
- 16) MOREIRA; J. M.; MOREIRA, M. H. B.; PEREIRA, S. dos S. Violência na escola: uma análise sobre a produção científica do fenômeno *bullying* em dissertações brasileiras no período de 2009 a 2013. In: ARAUJO, E. L.; ARAUJO, D. A. de C. **Violência escolar: vivências e perspectivas do OBEDUC**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2015.
- 17) PEREIRA, J. F. G.; SOUZA, J. A. Violência no trânsito e representações... do automóvel ao carro. In: ARAUJO, E. L.; ARAUJO, D. A. de C. **Violência escolar: vivências e perspectivas do OBEDUC**. São Carlos, SP: Pedro & João, 2015.
- 18) ABRANCHES, L. A.; ARAUJO, E. L. de. Parâmetros curriculares nacionais e a violência como tema transversal. In: PAES, A. B. et al. **Formação de professores, história e políticas públicas**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2015.
- 19) PEREIRA, S. dos S.; FRANÇA, C. E. O grupo de estudo do observatório de violência escolar (OBEDUC): primeiras balizas de análise sobre as produções científicas. In: PAES, A. B. et al. **Formação de professores, história e políticas públicas**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2015.
- 20) OLIVEIRA, L. S. da S.; ARAUJO, E. L. de. Educação nas prisões: breves reflexões do ponto de vista do currículo. In: PAES, A. B. et al. (Org.). **Educação, linguagem e sociedade: itinerários de pesquisas**. Curitiba, PR: CRV, 2013. P. 135-142.
- 21) SANTOS, R. M. R.; ARAUJO, D. A. C. Deficiência e Preconceito no ambiente escolar: breves apontamentos. In: PAES, A. B.; DEFFACCI, F. A.; SOUZA, J. A. de. (Org.). **Educação, Linguagem e Sociedade: temas e abordagens**. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2014, v. 01, p. 205-220.
- 22) SILVA, F. G. O.; SOUZA, J. A. Nas fronteiras do diferente: notas sobre diversidade sexual em ambiente escolar. In: PAES, A. B.; DEFFACCI, F. A.; SOUZA, J. A. de (Org.). **Educação, linguagem e sociedade: temas e abordagens**. São Carlos - SP: Pedro & João Editores, 2014, v. 1, p. 39-54.
- 23) YAMADA, N. S. Educação Inclusiva: o processo de regularização/disciplinarização como normalizador dos corpos considerados anormais. In: PAES, A. B.; DEFFACCI, F. A.;

SOUZA, J. A.de. (Org.). **Educação, linguagem e sociedade**: temas abordagens. São Carlos: Pedro & João, 2014. p. 09-329.

24) OLIVEIRA, L. S. S.; ARAÚJO, E. L. de. A Educação escolar nas prisões: um olhar a partir dos direitos humanos. **Revista Eletrônica de Educação**. UFSCar/São Carlos SP, v. 07, p. 177-191, 2013. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/633/233>>.

25) SILVA, F. G. O.; SOUZA, J. A. de. Sujeito, discurso e ideologias em relação à diversidade sexual nas escolas. **Revista Interfaces da Educação**, v. 4, n. 12. Paranaíba-MS. 2014.

26) SANTOS, R. M. R. dos; MOREIRA, M. H. B. Tecendo aproximações entre preconceito e deficiência no processo de inclusão escolar. In: NOZU, W. C. S.; BRUNO, M. M. G.. **Educação especial e inclusão escolar**: tensões, desafios e perspectivas. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2014.

27) CARVALHO. P. C. A. **O professor Mediador Escolar e Comunitário**: desafios à violência escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba-MS, 2013.

28) FERRO. J. P. **Violência Escolar em Foco**: percepções e encaminhamentos de professores e gestores. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba-MS, 2013.

29) BRANDETE. A. **O Programa Escola da Família**: integração escola-comunidade na minimização da violência em meio escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba-MS, 2015.

30) OLIVEIRA, L.S. S. **Educação prisional**: um estudo do processo educativo dos presos do regime semiaberto. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba-MS, 2014.

31) QUEIROZ, R. B. **O Manual Didático de História nas Escolas Prisionais em Mato Grosso**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba-MS, 2014.

32) SANTOS, R. M. R. dos. **Deficiência e preconceito no espaço escolar**: tensões e intenções. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba-MS. 2015.

33) SILVA, F. G. O. da. **Vozes (dês)veladas... memórias de homossexuais sobre práticas escolares**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba-MS, 2015.

34) SOUZA, J. T. de. **Violência de gênero mediante percepções de estudantes do Ensino Médio em uma escola pública em Paranaíba/MS**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba-MS, 2015.

35) TORRES, N. V. **A Redução da Indisciplina e Violência Escolar**: um olhar a partir da prática da Educação Física na escola - limites e possibilidades. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba-MS, 2015.

36) YAMADA, N. S. **Educação Inclusiva e representação social**: os desafios subjetivos para a realização do processo de ensino/aprendizagem e de sociabilidade. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Paranaíba-MS. 2015.